

Tradução de
LYA LUFT

A MULHER
NA ESCADA
BERNHARD
SCHLINK

autor de
O LEITOR e O OUTRO





BERNHARD
SCHLINK

A MULHER
NA ESCADA

Tradução de
LYA LUFT

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

S37m

Schlink, Bernhard

A mulher na escada [recurso eletrônico] / Bernhard Schlink ; tradução Lya Luft. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2017.

recurso digital

Tradução de: Die frau auf der treppe

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11348-1 (recurso eletrônico)

1. Romance alemão. 2. Livros eletrônicos. I. Luft, Lya. II. Título.

17-46630

CDD: 833

CDU: 821.112.2-3

Título original:

DIE FRAU AUF DER TREPPE

Copyright © 2014 by Diogenes Verlag AG Zürich

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11348-1

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



EDITORA AFILIADA

Sumário

Primeira parte

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26

Segunda parte

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25

Terceira parte

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14

15

16

17

18

19

20

21

22

Nota do autor

Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#), com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz

Primeira parte

Talvez um dia você veja a tela. Desaparecida há muito, de repente reaparece — todos os museus vão querer exibi-la. Atualmente, Karl Schwind é o pintor mais famoso e com os quadros mais caros do mundo. No seu aniversário de 70 anos, eu me deparei com ele em todos os jornais e canais de televisão. No entanto, precisei examiná-lo por um bom tempo até reconhecer o jovem naquele velho.

O quadro eu reconheci logo. Entrei na última sala da Galeria de Arte e lá estava ele; a tela me comoveu como na ocasião em que entrei no salão da casa de Gundlach e a vi pela primeira vez.

Uma mulher desce uma escada. Seu pé direito está no degrau inferior, o esquerdo, ainda no de cima, mas ela se prepara para o próximo passo. Está nua, o corpo pálido, os pelos pudendos, e seus cabelos são loiros, brilhando com a luz. Nua, pálida, loira — diante de um fundo cinza-esverdeado com degraus e parede imprecisos, a mulher vem ao encontro de quem a contempla, leve, como se pairasse no ar. Ao mesmo tempo, com suas longas pernas, seus quadris largos e seus seios firmes, ela tem um peso sensual.

Devagar, fui até o quadro. Eu me sentia constrangido, como no passado. Na época, fiquei constrangido porque a mulher que no dia anterior estivera sentada diante de mim no meu escritório de calça jeans, top e casaquinho aparecia nua na tela. E agora me senti constrangido porque o quadro me fazia lembrar o que tinha acontecido naquela ocasião, no que eu havia me metido e o que, em seguida, tinha afastado da minha memória.

“A mulher na escada” estava escrito numa placa ao lado da tela, que também informava que se tratava de um empréstimo. Procurei o curador e perguntei quem havia emprestado o quadro para a galeria. Ele disse que não podia informar o nome. Comentei que conhecia a mulher da tela e o proprietário e que podia afirmar que haveria uma disputa quanto à sua posse. Ele franziu a testa, mas insistiu que não podia revelar o nome.

Meu voo de volta a Frankfurt estava marcado para a tarde de quinta-feira. Depois que as negociações em Sydney foram resolvidas na manhã de quarta, eu poderia ter antecipado meu voo para a tarde do mesmo dia, mas quis passá-la no Jardim Botânico.

Eu queria almoçar por lá, ficar deitado na grama e, à noite, assistir à *Carmen* na Ópera. Eu gostava do Jardim Botânico — limitado ao norte pela Ópera e ao sul por uma catedral —, onde ficava a Galeria de Arte e o Conservatório, com uma colina que tinha vista para a baía. O Jardim Botânico tem jardins de palmeiras, roseiras e um herbário, lagos, trepadeiras, estátuas e muito gramado com árvores antigas, avôs com seus netinhos, mulheres e homens solitários com seus cachorros, grupos fazendo piquenique, casais de namorados, gente lendo, gente dormindo. No saguão do restaurante, que fica no meio do parque, o tempo parou: antigas colunas de ferro, uma antiga balaustrada de ferro, vista para árvores com raposas-voadoras e para uma fonte com pássaros de plumagens coloridas e bicos longos e curvos.

Pedi a comida e liguei para um colega do trabalho. Ele havia preparado a fusão do lado australiano, e eu, do lado alemão. Como costuma acontecer nesses casos, éramos ao mesmo tempo parceiros e adversários. Mas tínhamos a mesma idade, ambos advogados seniores de um dos últimos grandes escritórios de advocacia ainda não dominados por norte-americanos ou ingleses, ambos viúvos e amigos. Perguntei sobre um serviço de uma agência de detetives que seu escritório costumava contratar, e ele me deu o nome.

— Algum problema que a gente possa ajudar?

— Não, é só uma curiosidade antiga que eu quero sanar.

Liguei para a agência de detetives. A quem pertencia a tela de Karl Schwind na Galeria de Arte de Nova Gales do Sul, se era propriedade de uma mulher chamada Irene Gundlach, ou ex-Gundlach, e se havia alguém com esse nome na Austrália. O chefe da agência disse que isso levaria alguns dias. Ofereci um bônus se me desse a resposta na manhã seguinte. Ele riu. Ou conseguiria informações na galeria ainda hoje ou levaria alguns dias, com bônus ou sem bônus. Ele me ligaria.

Então a comida chegou, e, para acompanhar, pedi uma garrafa de vinho que não pretendia beber toda, mas acabei bebendo. Às vezes, as raposas-voadoras acordavam todas ao mesmo tempo e saíam dos galhos, rodeando as árvores e fazendo barulho, depois voltavam a se

pendurar nos ramos, enrolando-se em suas asas. Às vezes, um dos pássaros coloridos perto da fonte grasnava. Às vezes, uma criança gritava, um cachorro latia ou chegava até mim a conversa de um grupo de japoneses, como o gorjear de um bando de passarinhos. E, às vezes, eu escutava o canto das cigarras.

Na encosta abaixo do Conservatório, eu me deitei na grama. De terno mesmo — a ideia de mais tarde andar por aí com o terno amarrotado, talvez manchado, coisa que normalmente teria me aterrorizado, agora não me aterrorizava. Também estava indiferente ao que me aguardava na Alemanha. Não havia nada a que não pudesse renunciar, nada que não pudesse renunciar a mim. Para tudo o que havia à minha frente, eu era substituível. Insubstituível eu era apenas para aquilo que tinha deixado para trás.

Na verdade, eu não queria ser advogado, mas juiz. Obtive as notas necessárias nos exames, sabia que estavam procurando juízes, estava disposto a me mudar para onde precisassem de mim e fiz a entrevista no Ministério da Justiça como mera formalidade. Foi numa tarde.

O funcionário do departamento de recursos humanos era um homem idoso com olhos gentis.

— O senhor se formou com 17 anos, aos 21 prestou o primeiro exame do Estado e aos 23, o segundo... Nunca vi um candidato tão jovem e raras vezes tão qualificado.

Eu sentia orgulho das minhas boas notas e da minha juventude, mas quis parecer modesto.

— Fui para a escola cedo e me fizeram pular dois semestres.

Ele assentiu com a cabeça.

— Dois semestres de presente. Mais seis meses, porque não precisou esperar depois do primeiro exame, e logo começou um estágio. O senhor tem um bom tempo de crédito.

— Não estou entendendo...

— Não? — Ele me encarou com um olhar afável. — Se começar no mês que vem, o senhor vai julgar outras pessoas por quarenta e dois anos. Vai ficar lá no alto, os outros lá embaixo, vai escutar o que dizem, falar com as pessoas, quem sabe sorrir para elas, mas no fim vai decidir, lá do alto, quem está certo ou errado, quem vai perder a liberdade ou mantê-la. É isso o que o senhor deseja, ficar sentado lá em cima por quarenta e dois anos e ter razão durante quarenta e dois anos? O senhor acha que isso vai lhe fazer bem?

Fiquei sem saber o que dizer. Sim, eu gostava da ideia de ficar sentado no alto da minha tribuna exercendo a justiça sobre outros e decidindo com justeza sobre eles. Por que não durante quarenta e dois anos?

Ele fechou a pasta à sua frente.

— Claro que, se o senhor quiser de verdade, nós vamos aceitá-lo. Mas não hoje. Volte na semana que vem, meu substituto o empregará. Ou venha daqui a um ano e meio, quando tiver aproveitado o tempo que tem de crédito. Ou daqui a cinco anos, quando tiver encarado o mundo do direito como advogado, diretor jurídico ou delegado.

O sujeito se levantou, e eu fiz o mesmo, fiquei encarando-o, confuso e sem palavras,

enquanto ele tirava o casaco do armário, colocando-o sobre o braço, saí com ele da sala e segui pelo corredor, e, por fim, fiquei parado com ele diante do Ministério.

— Está sentindo o verão no ar? Logo mais vamos ter dias quentes, noites tépidas e temporais mornos. — Ele sorriu. — Vá com Deus.

Fiquei ofendido. Eles não me queriam? Pois, então, eu também não os queria. E me tornei advogado, não por causa do conselho do velho, mas para contrariá-lo. Mudei-me para Frankfurt, entrei no escritório de Karchinger e Kunze, uma empresa de cinco sócios, e, paralelamente ao trabalho como advogado, fiz meu doutorado; depois de três anos, também me tornei sócio. Eu era o sócio mais jovem de um escritório de Frankfurt e sentia orgulho disso. Karchinger e Kunze eram amigos de escola e faculdade, Kunze sem mulher nem filhos, Karchinger casado com uma renana alegre e com um filho da minha idade, que um dia encontraria seu lugar no escritório, estudava muito, e eu o preparava para os exames da Ordem. Por sorte nos dávamos e ainda nos damos bem. Hoje ele é advogado sênior, como eu, e compensou o que lhe faltava em talento jurídico com sua habilidade social. Conseguiu casos importantes. É em parte mérito dele que hoje tenhamos dezessete jovens sócios e trinta e oito colaboradores.

Nos primeiros anos, recebi casos em que Karchinger e Kunze não tinham interesse. Um pintor que havia concluído uma encomenda, tinha recebido por ela e agora estava brigando com quem lhe encomendara o trabalho — o experiente gerente do escritório passava essas coisas para mim sem nem sequer perguntar a Karchinger ou Kunze.

Karl Schwind não veio sozinho. Com ele, que entrava na casa dos 30 anos, chegou uma mulher, na casa dos 20, e, enquanto Schwind combinava com o verão de 1968 com seu cabelo despenteado e usando uma jardineira, ela era imaculada, parecia uma estranha ao seu lado. Movia-se com indiferença e me analisou friamente, e, quando o pintor ficava mais nervoso, pousava a mão em seu braço.

— Ele não quer que eu tire fotos.

— O senhor...

— O meu portfólio está danificado e eu preciso tirar novas fotos de muitos dos quadros. Eu sei quem comprou cada obra, ligo para os compradores, e eles me convidam para tirar as fotos. E ficam felizes com a minha visita. Mas ele se recusa.

— Por quê?

— Ele não diz o motivo. Eu liguei para ele, ele desligou, e, quando escrevi, não respondeu.

— Schwind erguia e baixava as mãos, as abria e fechava. Tinha mãos grandes, tudo nele era grande, o corpo, o rosto, os olhos, o nariz, a boca. — Eu sou apegado aos meus quadros. Mal suporto a ideia de ter precisado vendê-los.

Expliquei-lhe que, segundo a lei, o pintor que deseja fazer reproduções tem direito de acesso aos seus quadros.

— Desde que tenha interesse legítimo nisso e não contrarie nenhum direito do comprador. Existe alguma coisa a que o proprietário possa se opor?

O pintor cerrou os lábios com força e fez que não com a cabeça. Encarei a mulher com ar interrogativo, ela deu de ombros, sorrindo. Ele me deu o nome do dono da tela, Peter Gundlach, e o endereço no melhor bairro, na encosta da cordilheira de Taunus.

— Como o seu portfólio foi danificado? Não que dependa disso, mas, se eu puder explicar o motivo...

Schwind me interrompeu de novo, e fiquei indignado, como naquela época ficava sempre

que não conseguia o que queria.

— Sofri um acidente, e o portfólio queimou junto com o carro.

— Eu espero que...

— Não aconteceu nada comigo. Mas Irene ficou presa nas ferragens e — Schwind botou a mão na perna dela — sofreu queimaduras.

— Eu sinto...

Schwind fez um aceno negativo.

— Não foi nada sério, e ela se recuperou há bastante tempo.

Escrevi a Gundlach, que respondeu imediatamente. Fora um mal-entendido. Claro que o pintor poderia ir até lá para tirar uma foto da tela. Passei a resposta para Schwind e considerei o caso resolvido.

Mas uma semana depois lá estava ele de novo, e dessa vez transtornado.

— Ele proibiu o senhor de entrar?

— A tela está danificada. A perna direita... Parece que alguém queimou com um isqueiro.

— Ele?

— Sim, Gundlach. Ele disse que foi um acidente. Mas não foi por acaso, foi intencional. Eu entendo dessas coisas.

— E o que o senhor pretende fazer agora?

— O que eu pretendo fazer agora? — A mulher o havia acompanhado outra vez, e outra vez colocou a mão no braço dele. Mesmo assim, Schwind começou a gritar. — O que eu pretendo fazer agora? A tela é minha. Eu tive que vendê-la, e agora ela está na casa dele, mas a tela é minha. Eu pretendo consertá-la.

— O senhor se ofereceu para consertar a tela?

— Ele não deixa. Gundlach não vê nenhum problema no pequeno defeito, ele diz que não me quer na sua casa e que de lá o quadro não sai.

Achei toda aquela história um pouco grotesca, mas os dois me olhavam com ar muito sério; assim expliquei, seriamente, que, do ponto de vista jurídico, não era um caso simples. Que teria que existir algum tipo de dano que ameaçasse os interesses do autor, que seus interesses só mereceriam ser protegidos se um número maior de pessoas chegasse a ver a tela danificada, e que o proprietário podia fazer com o quadro o que quisesse, desde que a obra permanecesse em local privado.

— Posso escrever de novo a Gundlach e apresentar algum argumento jurídico. Mas, se tivermos de ir à justiça, as coisas vão ficar complicadas. O que tem nessa tela, afinal?

— Uma mulher descendo uma escada. — Ele olhou ao redor no meu escritório. — Uma tela grande. Está vendo a porta? O quadro é um pouquinho maior.

— É alguma mulher em especial?

— É... — E assumiu um tom desafiador. — Era a esposa de Gundlach.

Mais uma vez, Gundlach respondeu de imediato. Lamentava o novo mal-entendido. Claro que aceitava que o pintor fizesse a restauração. Nada melhor do que o próprio artista restaurar uma obra de arte danificada. Mas a tela não podia sair da sua casa, senão ele perderia o seguro. O pintor podia ir à casa dele quando quisesse. E eu repassei a resposta.

Agora eu estava curioso, fui a uma livraria e pedi algum livro sobre Karl Schwind. Alguns anos antes, a Associação de Artistas de Frankfurt havia realizado uma exposição e publicara um pequeno catálogo — nada mais que isso. Eu não entendo nada de arte e não poderia julgar se as telas eram boas ou ruins. Eram quadros com ondas, com céus e nuvens, com árvores; as cores eram bonitas e tudo pintado daquela maneira imprecisa como eu vejo o mundo quando estou sem óculos. Íntimo, mas distante. O catálogo mencionava galerias em que Schwind tinha exposto e os prêmios que ganhara. Não parecia ser um artista de sucesso ou consagrado, mas talvez fosse uma promessa. Na parte de trás do catálogo ele me encarava, grande demais para seu terno, grande demais para a cadeira em que estava sentado, grande demais para a parte de trás do catálogo.

Não demorou nem uma semana para Schwind voltar ao meu escritório, de novo com a mulher. Ele era realmente grande, maior do que eu havia registrado na primeira visita. Tenho um e noventa, sou magro e estava em forma na época, como ainda estou; ele não era mais alto que eu, mas era tão forte e tinha ossos tão largos que, ao seu lado, eu me sentia quase pequeno.

— Ele fez de novo.

Imaginei o que podia ter acontecido, mas nunca me adianto aos meus clientes.

— O que ele fez?

— Gundlach danificou a tela de novo. Eu trabalhei por dois dias naquela perna, e, quando fui até lá para concluir no terceiro, havia uma mancha de ácido no seio esquerdo. A tinta escorreu e formou bolhas... Agora eu preciso raspar a tinta, botar um novo fundo e pintar outra vez.

— E o que foi que ele disse?

— Que eu devia ter causado aquilo. Que ele teria achado no meio dos meus pertences um frasquinho com um líquido fedorento, o mesmo cheiro ruim da mancha. Gundlach insiste em

que a tela seja restaurada à minha custa, mas não por mim. Ele não confia mais em mim. — Schwind me lançava um olhar consternado. — O que devo fazer? Eu não deixo outra pessoa mexer numa tela minha.

— O senhor está disposto a corrigir esse novo ponto danificado também?

Eu entendia cada vez menos toda aquela história.

— Ponto? Não é um ponto. É o seio esquerdo!

Schwind botou a mão no seio esquerdo da mulher sentada ao seu lado.

Fiquei desconfortável, mas ela riu, não estava envergonhada nem constrangida, apenas alegre, curvando um pouco os lábios e exibindo uma covinha na bochecha. Era loira, e eu esperava que sua risada fosse leve. Mas seu riso era abafado e rouco, como sua voz.

— Karl — disse ela de forma carinhosa, como se falasse com uma criança bagunceira e desajeitada.

— Eu me ofereci para consertar a tela. Até ofereci comprá-la de volta, se fosse preciso, pelo dobro do preço. Mas Gundlach não quer. E disse que não quer mais me ver.

Dessa vez fui eu que liguei para Gundlach. Ele foi agradável e lamentava o ocorrido.

— Não sei como ele se atrapalhou daquele jeito. Mas está claro que ele sofre com isso e deseja ver a tela em sua beleza original. Eu também quero isso, e ninguém melhor para essa restauração que ele. Nem lhe fiz acusações nem lhe neguei minha confiança. Ele é sensível demais. — Gundlach riu. — Pelo menos comparado a pessoas como o senhor e eu. Talvez seja normal para um artista.

Schwind ficou aliviado e apreensivo ao mesmo tempo.

— Tomara que dê tudo certo.

Por três semanas não tive notícias dele. Schwind trabalhou no quadro por três semanas e pintou um novo seio esquerdo. Quando foi finalizar o trabalho, a tela tinha caído durante a noite, batendo na mesinha de ferro onde ele havia colocado pincéis e tintas, e agora tinha uma mancha grossa de tinta e um rasgão.

Gundlach me ligou e estava fora de si.

— Primeiro o ácido, agora isso... Ele pode ser um bom artista, mas é terrivelmente desleixado. Não posso forçá-lo a restaurar o quadro de novo, mas tenho alguma influência e vou arrumar um jeito de ele não receber nenhuma encomenda até a obra estar restaurada.

A ameaça era desnecessária. Schwind, que veio ao escritório no mesmo dia, estava disposto a consertar a tela, até ansioso para fazê-lo, ainda que levasse semanas. Mas estava desesperado.

— E se depois ele fizer uma coisa dessas de novo?

— O senhor acha que...

— Eu sei que foi ele. O senhor acha que um pintor não sabe encostar um quadro na parede de modo que fique firme? Foi ele que derrubou e fez aquele rasgo com uma faca. As quinas da mesa são arredondadas demais, não teriam aberto um buraco daqueles num quadro. — Deu uma risadinha amarga. — Sabe onde fica o rasgão? — Dessa vez ele não passou a mão na mulher que o acompanhava, mas na própria barriga e na braguilha.

— E por que ele faria isso?

— Ódio. Ele odeia a tela da sua mulher, e a odeia porque ela o deixou, e me odeia.

— Mas por que...

— Ele odeia você porque eu o abandonei por sua causa. — Ela balançou a cabeça. — Ele não odeia o quadro. Gundlach é totalmente indiferente àquela obra. Ele quer atingir você e, ao danificar o quadro, consegue.

— Em vez de brigar comigo, ele destrói o quadro? Mas que sujeito é esse?

Schwind se levantou de pura indignação por Gundlach, de puro desprezo por ele. Depois voltou a se sentar e deixou os ombros caírem.

Tentei entender tudo o que tinha ouvido. Então ela havia sido modelo do pintor e depois fugira com ele? Trocara o velho pelo jovem? Teria arrancado do velho tudo o que conseguira no divórcio?

Mas minha função não era com ela, e sim com ele.

— Esqueça o homem e a tela. Legalmente, ele não pode fazer nada contra o senhor, e eu não levaria a sério aquela ameaça. Esqueça a tela, ainda que seja difícil. Ou pinte outra igual... Espero que não seja uma sugestão ofensiva para um pintor.

— Não é ofensiva, mas não posso esquecer a tela. E talvez... — Ficou sentado ali, em silêncio, sua expressão mudou, tornou-se quase infantil, e aquele homem grande, de mãos e rosto enormes, nos encarou com ar confiante. — Sabem de uma coisa? Talvez o estrago na perna tenha sido mesmo um acidente. Quando Gundlach viu o dano, não quis mais a tela. Depois pensou que o estrago apagaria a lembrança dele e, sem essa lembrança, seria mais fácil viver. Por isso, da outra vez, ele mesmo danificou o quadro. Mas, quando o viu na sua beleza original, apaixonou-se de novo por ele.

— Pois para mim não parece que Gundlach iria se deixar seduzir por uma obra de arte.

Olhei para ela, interrogativamente, mas ela não disse nada, não meneou a cabeça, apenas o encarou, admirada e enamorada, como se ficasse feliz com aquela infantilidade. Eu insisti:

— O senhor está se submetendo à vontade dele, que pode voltar a danificar o quadro mais vezes. E o senhor não vai poder nem cuidar das suas coisas.

Ele me fitou com tristeza.

— Nesses últimos seis meses eu não pinte um só quadro.

Tinha avaliado que levaria de um a dois meses nessa restauração, e eu tinha certeza de que depois disso viria de novo ao meu escritório. Mas o verão passou, e Schwind não apareceu. Em outubro eu estava atendendo a um caso importante, e não pensei mais nele.

Até que certo dia a secretária anunciou a chegada de Irene Gundlach. Estava com um casaquinho, jeans e top, e pensei que estava pouco agasalhada para aquele dia de outono, mas depois olhei pela janela e vi que o nevoeiro da manhã havia sumido, o céu estava azul e as folhas das castanheiras tinham um brilho dourado ao sol.

Ela me cumprimentou e se sentou.

— Karl me mandou. Ele gostaria de agradecer pessoalmente, mas está numa fase em que não pode se distrair. Gundlach passou os últimos meses nos Estados Unidos, não incomodou, e Karl não apenas restaurou o meu quadro como começou um novo. — Ela deu uma risada. — O senhor não vai reconhecê-lo. Depois que se livrou do peso do meu quadro, Karl parece um novo homem.

— Fico feliz.

Ela não se levantou, mas cruzou as pernas.

— Por favor, mande a conta para mim. Karl não tem dinheiro e, de qualquer modo, teria que repassá-lo para mim. — Ela viu a pergunta no meu rosto antes mesmo que eu pensasse nela. — O dinheiro não é de Gundlach. É meu. — E sorriu. — O que será que o senhor acha dessa nossa história? Velho rico pede a um jovem pintor que pinte sua jovem esposa, os dois se apaixonam e fogem. Um clichê, não é mesmo? — Continuava sorrindo. — Gostamos de clichês porque eles parecem corretos. Se bem que... Gundlach já é velho? Karl ainda é um pintor jovem? — Ela riu, e mais uma vez me espantei com a risada rouca daquela mulher de cabelos loiros, de pele clara e olhar reluzente. Quando ria, estreitava os olhos. — Às vezes me pergunto se eu ainda sou jovem.

Eu também ri.

— O que mais poderia ser?

Ela ficou séria.

— Para ser jovem, é preciso sentir que tudo o que deu errado, tudo o que foi desperdiçado ou quebrado, vai se acertar em algum momento. Se não se tem mais essa sensação, quando

acontecimentos e experiências se tornam impossíveis de repetir, estamos velhos. E eu não tenho mais essa sensação.

— Então eu nunca fui jovem. Minha mãe morreu quando eu tinha 4 anos... Como poderia corrigir isso? Minha avó não voltou a parir minha mãe.

Irene me encarou com aquele brilho nos olhos.

— O senhor ainda não amou, não é? Talvez o senhor precise ficar mais velho para ficar jovem. Para encontrar tudo de novo numa mulher: a mãe que perdeu, a irmã que não teve, a filha com que sonha. — Ela sorriu. — Nós somos tudo isso, quando realmente amadas. — Então ela se levantou. — Vamos nos ver de novo? Espero que não... Não me leve a mal, por favor. Se nos reencontrarmos, isso vai significar que tudo estará fora dos eixos. O senhor às vezes pensa que Deus tem inveja da nossa felicidade e por isso quer destruí-la?

Eu quis rejeitar o que Irene disse tratando-o como fofoca, e ela, como fofoqueira. Não importa se o dinheiro era de Gundlach ou dela, Irene parecia ter o suficiente e não precisava trabalhar nem ganhar mais nada. Uma inútil. Mas não consegui rejeitá-la. Irene ficou na minha cabeça — com suas pernas cruzadas, o jeans apertado e o top justo, olhar reluzente e risada rouca, indiferente, desafiadora, perturbadora. Eu já estava perturbado enquanto estávamos sentados frente a frente. E, quando no dia seguinte fui à casa de Gundlach e vi o quadro, fiquei completamente perturbado.

Não, pensei enquanto Gundlach vinha ao meu encontro e me cumprimentava, ele não é velho. Talvez tivesse uns 40 anos, esguio, com uma cabeleira preta e têmporas grisalhas, movimentos e fala enérgicos.

— Obrigado por ter vindo. Eu e o cliente do senhor não conseguimos nos entender, e estou certo de que nós dois vamos nos dar melhor.

Se dependesse de mim, eu não teria ido até o Taunus para me encontrar com Gundlach. Teria insistido para que fosse até mim, tendo em vista que era ele quem queria alguma coisa. Mas Gundlach tinha ligado para o gerente do escritório, que concordara com a minha visita.

— Negar uma visita a Gundlach? Você ainda tem muito a aprender.

E me contou das empresas de Gundlach, sua fortuna e sua influência. Portanto, dirigi até lá, fui recebido pelo mordomo, tive que esperar no saguão lutando com meu orgulho.

Orgulho que também ficou ferido quando Gundlach me pegou pelo braço. Ele me levou até a sala. À direita, grandes janelas com vista para a planície; à esquerda, uma estante com livros; e, diante de mim, numa parede branca, a tela. Parei, não pude evitar, e Gundlach largou meu braço. “O senhor ainda não amou... quando se ama de verdade... a felicidade que Deus inveja” — descendo a escada, ela me prometia tudo o que dissera no dia anterior.

— Sim — disse Gundlach —, belo quadro. Mas parece amaldiçoado. Perna, seio, sexo, um estrago após o outro. — Ele balançou a cabeça. — Os danos acabaram? Não tenho certeza. E o senhor?

— Eu...

— E se isso continuar acontecendo? Schwind vai ter que voltar de novo e de novo? Não quero mais esse sujeito na minha casa, e ele deveria pintar novas telas em vez de ficar

restaurando essa antiga. Mas ele tem que restaurar, Schwind precisa dela. E eu preciso deixar que ele entre na minha casa para fazer a restauração, porque é o que a lei diz. Não é?

Ele me oferecia um olhar amigável, mas irônico. Tinha advogados e sabia que a posição jurídica de Schwind era fraca. Eu não podia trair meu cliente. Não podia dizer a Gundlach que ele estava jogando um jogo desprezível com meu cliente. Concordei, assentindo com a cabeça.

— Schwind quer o quadro de volta. Ele pensa que, enquanto a tela estiver comigo, nem ela nem ele vão ter descanso. E o senhor também não acha que, se ela não estiver no lugar certo, não vai ter descanso? Quadros não descansam, nem seres humanos.

— Se não é apenas o meu cliente que deseja paz mas o senhor também, ele gostaria de comprar a tela de volta.

— Sim, foi o que ele me disse. Mas naquela ocasião outras coisas saíram do eixo além da tela. O senhor está vendo como ela desce a escada? Concentrada, relaxada, tranquila? Quando ela chegou lá embaixo, o sossego acabou. Porque aquele não é o lugar dela.

— Não me parece que a sua esposa...

— Não me interrompa! — Gundlach levou um instante para se recuperar da indignação por minha descortesia. — As aparências enganam. Esse quadro não causa uma bela impressão, ainda que seja amaldiçoado? O importante não é a aparência da minha mulher, mas o fato de que ela perdeu a paz. E de que precisa reencontrá-la.

Esperei para ver se ele continuaria falando. Mas Gundlach ficou ali parado, contemplando a tela.

— Não entendo o que...

Ele se virou para mim.

— Schwind vem aqui amanhã. Eu, supostamente, devo aprovar a restauração da pintura. Se alguma coisa acontecer com essa tela até amanhã, se, depois disso, Schwind procurar o senhor, sem a minha mulher, e pedir que prepare um contrato inusitado... aceite. Mesmo que o considere perturbador. Às vezes, é a coisa certa a ser feita. Não vivemos tempos inusitados? E, às vezes, contratos são importantes, mesmo que não tenham validade legal.

Não compreendi, mas não queria repetir que não estava entendendo. Ele me encarou, riu, pegou de novo meu braço e me levou de volta ao saguão.

— Não me leve a mal, mas muitas vezes falta imaginação aos advogados. Quando encontro um que aceita desafios incomuns, eu o reconheço.

Voltando para casa me dei conta de que havia me apaixonado por Irene Gundlach.

Eu sabia disso, embora não tivesse experiência no amor. Havia gostado de uma professora de matemática que tive, uma mulher baixinha com olhos alegres, voz nítida e saias curtas. Certa vez preendi uma rosa vermelha no cesto da bicicleta dela. Depois disso, houve uma colega da escola que atraía o meu olhar, e, sempre que eu estava na cidade, torcia para encontrá-la para falar com ela — algo que não ousava fazer na escola —, e ela me responderia alegremente. Às vezes, eu passava dias e dias pensando nela, no que estaria fazendo, no que eu poderia fazer para que ela me notasse e gostasse de mim, em como seria se estivéssemos juntos. Mas, quando tive que fazer um trabalho de matemática bastante complicado para o qual eu precisava me preparar muito bem, decidi não pensar mais nela até o dia da apresentação, e depois disso o fascínio se desfez. Havia poucas alunas na faculdade de direito, e eu não saía com garotas dos outros cursos. Nas férias entre os semestres, para pagar os estudos, passei a trabalhar num depósito de peças de reposição, onde, além dos operadores de empilhadeiras e de outros universitários, só trabalhavam mulheres. Elas debochavam de nós, homens, e faziam gestos obscenos que me intimidavam e diante dos quais não sabia como reagir. Uma delas me agradava, mais quieta que as outras, jovem, de cabelos escuros e olhos expressivos, e no meu último dia esperei por ela no portão do depósito. Quando ela saiu, foi direto até um rapaz encostado numa árvore do outro lado da rua.

Talvez se aprenda mais sobre mulheres e amor quando se tem mãe e irmãs. Quando minha mãe morreu, meu pai me entregou aos pais dele, que talvez pudessem ter gostado de me mimar, como os avós fazem com os netos, mas não gostaram de me criar. Já haviam cumprido essa obrigação depois de criar seus quatro filhos, não encontrariam nenhuma novidade repetindo o processo comigo, e por isso sempre foram objetivos na minha criação. Não que me deixassem faltar algo. Tive aulas de piano e tênis, frequentei aulas de dança e autoescola. Mas meus avós deixavam claro que esse era o limite e que, no mais, queriam que eu os deixasse em paz.

Eu imaginava que me apaixonar seria assim: eu encontraria uma mulher, gostaríamos um do outro, sairíamos juntos, gostaríamos um do outro cada vez mais, sairíamos mais vezes,

ficaríamos cada vez mais próximos e, por fim, nos apaixonaríamos. E, alguns anos mais tarde, foi o que aconteceu comigo e minha mulher. Ela entrou no escritório como estagiária, era eficiente e alegre, deixou que eu a convidasse para jantar, ir à opera e museus, primeiro uma vez por semana, depois várias vezes, ficamos mais próximos e nos casamos depois que ela fez seu segundo exame do Estado. Faz dez anos que ela morreu. Quando as crianças cresceram, ela entrou na política municipal e chegou a ser vereadora. Poucos dias depois de sua reeleição, sofreu um acidente de carro. Até hoje não entendo como, no começo da tarde, ela podia ter 1,6ml de álcool no sangue e bater em uma árvore numa estrada vicinal. A polícia me perguntou se ela era alcoólatra. Por que minha mulher seria alcoólatra?

O ímpeto com que o desejo por Irene Gundlach me assaltou naquela vez... Nada havia me preparado para isso, e por sorte nunca voltou a acontecer. Eu estava voltando para Frankfurt e tive que parar e sair do carro de tão perturbado que estava. Então, isso existia — uma felicidade com a qual eu nunca sonhara, para a qual bastava essa única mulher, sua proximidade, sua voz, sua nudez. Ela ainda não tinha dado o último passo, deixando a escada de sua vida antiga — ah, se o desse para dentro da minha vida! E se a cada manhã voltasse a entrar assim na minha vida e se lançasse nos meus braços!

Como o chefe da agência de detetives não havia me ligado até a noite de quarta-feira, telefonei para ele na quinta de manhã. Parecia não ter ninguém no escritório, e só depois das dez consegui falar com uma secretária, que me transferiu para o celular do chefe. Eu tinha imaginado que uma boa agência de detetives teria uma central funcionando vinte e quatro horas ou pelo menos desde cedo.

— Eu disse ao senhor que levaria alguns dias.

— Mas eu preciso voltar hoje para a Alemanha.

— Eu tenho seu número. O senhor pode me dar seu e-mail também? Assim que tiver alguma notícia, eu entro em contato.

— Eu vou ter que voltar aqui?

Ele riu.

— Depende do senhor.

Também ri, imaginando um sujeito mais velho, barrigudo e careca. Eu vou ter que voltar aqui, que pergunta boba. Passei meu e-mail para ele e desliguei. Depois fiquei parado perto da janela, olhando para o porto, para a Ópera com suas velas de concreto enfunadas, para a baía azul com barcos pequenos e grandes, e, no fim da baía, para uma faixa verde de terra, depois da qual ficava o mar aberto. O sol brilhava. Eu podia dispensar o café da manhã, almoçar cedo no restaurante do Jardim Botânico e depois me deitar de novo na grama. Podia comprar uma mochila pequena na lojinha de bolsas e malas perto do hotel, um livro na livraria e uma garrafa de vinho tinto da loja de vinhos, e ler e beber, adormecer e acordar.

Pensei no voo que teria que pegar à tarde, na chegada na manhã seguinte, no trajeto até em casa, em abrir a porta, desfazer a mala, na ducha, na leitura da correspondência usando roupão, em me barbear e me vestir, no trajeto até o escritório e nos cumprimentos do pessoal. Pensei nas palavras que trocaria com o motorista, nas perguntas que ele faria sobre minha viagem, se tinha sido boa, e na minha pergunta se havia acontecido alguma coisa em Frankfurt. Pensei nas flores que minha secretária teria colocado na minha mesa.

Pensei no ritual de volta para casa e fiquei triste. Eu o cumpriria fielmente todos aqueles anos, e os próprios anos tinham se tornado um ritual seguido fielmente, caso a caso, cliente a cliente, contrato a contrato. Eu era bom em lidar com fusões e aquisições empresariais, os

clientes me procuravam por causa disso e os contratos tratavam disso. Em todos aqueles anos eu havia aprendido os pontos a considerar, as perguntas a fazer. Considerava sempre os mesmos pontos e fazia sempre as mesmas perguntas. Só encontrava problemas quando a outra parte tentava algum truque. Mas eu também aprendi alguns truques.

Liguei para o gerente da minha agência de viagens em Frankfurt. Era tarde demais para pegá-lo no escritório, mas consegui falar com ele em casa. Podia adiar meu voo para uma outra data. Quando eu queria viajar? Ainda não sabia? Então ele iria transferi-lo para dentro de duas semanas, assim poderia transferi-lo a qualquer momento de novo para antes ou depois. E me desejou um bom passeio.

Vesti meu terno, o que tinha usado ontem, amarrotado e manchado de terra e grama. De repente, minha decisão de não voar mais me aterrorizou. De repente, os rituais que eu cumpria no trabalho, na volta para casa, ao partir e no meu tempo livre me pareceram as únicas coisas que impediam que minha vida virasse um caos. Como eu poderia viver sem eles? Eu deveria... mas não cancelei o adiamento do meu voo.

Não consegui passar o dia no Jardim Botânico sem visitar a Galeria de Arte. Mais uma vez fiquei parado diante da tela, e mais uma vez a mulher me deixou constrangido. Não por ela estar nua, nem por me lembrar do que tinha acontecido no passado. Mas porque eu via outra mulher, não aquela que tinha encontrado muito antes e enxergado até agora. Por acaso eu estava cego?

A mulher no quadro não desce a escada para tocar piano ou tomar chá, nem porque seu amante a aguarda lá embaixo, feliz. Ela desce a escada cabisbaixa, como se fosse forçada, mas estivesse resignada. Como se tivesse tentado resistir, mas desistido, porque aquele que a domina é poderoso demais. Como se apenas com brandura, sedução e entrega pudesse lhe pedir que a poupasse. Pois devia esperar que simplesmente fosse tomada. Ou quem sabe ela até o quisesse? Sem admiti-lo ao outro, tampouco a si mesma.

Certa vez vi num museu quadros do século XIX com escravas brancas em haréns árabes ou turcos. Colunas, mármore, estofados, leques, mulheres nuas em poses lascivas com olhares enigmáticos. Achei *kitsch*. A mulher que descia a escada e vinha ao meu encontro também era *kitsch*? Não sei. A confusão de violência e sedução, resistência e entrega me deixava constrangido. Eu jamais havia encontrado mulheres nessa situação. Não combinava com o que eu tinha vivido no passado com Irene Gundlach. Ou eu tinha entendido tudo errado?

Não quis refletir sobre isso. Por sorte, trazia comigo o livro e o vinho tinto. Não leio romances, apenas livros de história. O que aconteceu de verdade é diferente daquilo que as pessoas imaginam. Quando nos informamos sobre história, aprendemos sobre a realidade, não fantasias engenhosas, com frequência, tolas. E quem acha que romances são mais coloridos que a história não usa sua fantasia imaginando como foram, por exemplo, César, que amava Brutus como a um filho e foi apunhalado por ele; ou os astecas, que foram dizimados pelas doenças dos brancos antes mesmo de lutarem contra eles; as mulheres e crianças que foram pisoteadas na neve ou empurradas para as águas geladas, atravessando o rio Beresina, seguindo o exército de Napoleão. Tragédias e comédias, sorte e azar, amor e ódio, alegria e sofrimento — a história oferece tudo isso. Romances não conseguem nos oferecer nada mais.

Li sobre a história da Austrália, os prisioneiros acorrentados, os colonizadores, os grupos

de agricultores, os mineradores de ouro, os chineses. Os aborígenes morriam primeiro por serem contagiados com doenças, depois por serem massacrados, e finalmente tiravam seus filhos. A intenção era boa, mas causava grande sofrimento aos pais e às crianças. Minha mulher costumava dizer que o contrário do bem não era o mal, mas o bem-intencionado, o que se confirmaria. Mas o contrário do mal não é o mal-intencionado, mas o bem.

Como Gundlach havia previsto, um dia depois Schwind apareceu no meu escritório. Veio direto da casa de Gundlach e se sentou na cadeira diante da minha mesa, de cabeça baixa e as mãos unidas com os dedos entrelaçados. Permaneceu tanto tempo calado que fiquei impaciente. E, quando começou a falar, não ergueu a cabeça nem separou as mãos.

— Quando cheguei lá, o quadro estava na parede. Mostrei para Gundlach o resultado do meu trabalho, e ele olhou e elogiou. Então, pegou um canivete, sacou a lâmina, fez um corte na tela, fechou o canivete e o meteu no bolso. Eu podia ter impedido; ele fez tudo com muita calma. Mas fiquei paralisado. Em seguida, ele disse, sorrindo: “O senhor não vai demorar para consertar isso.” Ele tem razão, o corte é pequeno, na escada. Gundlach continuou: “Mas o senhor só vai ter sossego quando tiver o quadro de volta; e eu, quando tiver de volta o que me pertence. Então, procure o seu advogado e prepare um contrato.” Perguntei: “Contrato?” E ele disse: “Tudo tem que ser feito legalmente.”

Schwind ergueu os olhos e me encarou.

— O senhor pode fazer isso? Um contrato para que eu receba de volta a tela e ele, Irene?

Não respondi, mas ele percebeu o espanto no meu olhar.

— Eu preciso ter esse quadro de volta, preciso. O senhor acha que vou deixá-lo com Gundlach para que ele o danifique outra vez? Ou até o destrua? Eu jamais devia ter vendido a tela para ele. Quando comecei a me relacionar com Irene, devia ter devolvido a comissão de Gundlach e levado o quadro comigo. Fui burro, meu Deus, como eu fui burro! Agora sei que só vou conseguir voltar a pintar quando puder decidir o destino da minha tela. Eu destruí muitos dos meus quadros. Porque não estavam corretos. Mas esse está. Um dia essa obra vai estar pendurada no Louvre ou no Met ou no Hermitage. O senhor não acredita? Tem razão, talvez eu precise de dinheiro e fique feliz em vender o quadro para Berlim, Munique ou Colônia. Então, vai ter outra tela minha no Met. E um dia vão fazer uma exposição com as minhas maiores obras em Nova York, para a qual Berlim vai emprestar essa tela. — Schwind estava cada vez mais agitado, ele levantava e baixava, abria e fechava as mãos. De repente, deu uma risada. — Talvez eu vá à abertura da exposição e me lembre do senhor ao ver a tela. — E continuou rindo e sacudindo a cabeça.

Depois ficou nervoso outra vez.

— Mas esse quadro não vai para Nova York sem que Berlim peça a minha autorização. Nunca mais vou vender um quadro sem ter certeza do que vai acontecer com ele, de quem vai comprá-lo ou para quem vão emprestá-lo. O senhor acha que os compradores não vão concordar com isso? Pois eles vão brigar pelas minhas telas e concordar com tudo o que eu quiser. Eu sei que o senhor não acredita em mim, eu sei. O senhor não acredita que um esboço que eu desenhe num bloco de papel um dia vá deixá-lo rico. O senhor prefere receber um pagamento de Irene. Acha que não sou talentoso ou obstinado o suficiente, ou acha que sou excêntrico demais para o mercado de arte. — Pensei em negar, mas Schwind não se deixou interromper e fez um gesto de recusa. — O senhor acha que, se eu pintasse quadros abstratos ou, pelo menos, como Warhol, latas de sopa ou garrafas de Coca ou a Marilyn Monroe, isso seria do seu agrado, admita, isso seria do seu agrado. O senhor tem gravuras antigas aqui no escritório, e em casa tem *Goethe* ou *Beethoven* do Warhol, porque quer mostrar que é culto, mas não antiquado, aberto a tudo o que é moderno. Não é?

O tom de Schwind era de desprezo; o olhar, hostil. Eu quis explicar que tipo de quadros havia na minha casa e o motivo, mas depois achei que ele não tinha nada a ver com isso e podia pensar de mim o que quisesse.

— O quadro é mais importante para o senhor que a sua namorada?

— O senhor não sabe do que está falando. O que sabe da minha tela? O que sabe da mulher? Nada, nada do quadro e nada da mulher. Talvez Irene queira voltar para o marido. Para o conforto que ele oferece, com empregados, viagens, equitação, tênis, dinheiro. O senhor nunca pensou nisso? O que ela vai fazer quando o dinheiro acabar e os meus quadros não venderem nada? Trabalhar como empregada? Faxineira? Operária? Além do mais, o que o senhor tem a ver com isso?

— O senhor quer que eu faça um contrato. Um contrato esquisito. E quer saber o que eu tenho a ver com isso?

— Vamos com calma. Irene Gundlach é uma mulher adulta. Não importa o que o senhor redija, o que o marido dela e eu assinemos, ela pode fazer o que quiser. E se eu disser a ela que está tudo acabado, e se ele disser que ela lhe pertence novamente, Irene pode mandá-lo para o inferno e me dizer que não acredita em mim. Não, nem me fale de coisas esquisitas. Dois homens metidos numa confusão que querem dar um jeito, e depende da mulher se de fato tudo vai se ajeitar. É uma história antiga.

Nas últimas frases, Schwind havia se acalmado. Estava ríspido, mas controlado. Então se levantou.

— Eu concordo com todos os termos. Ele que decida onde e como deve acontecer o que tem que acontecer. O senhor sabe como me encontrar.

Se hoje um cliente chegasse com essas ideias para mim, eu lhe mostraria a saída. Mas naquela ocasião eu não soube o que dizer e fiquei em silêncio, vendo Schwind sair da sala.

Será que eu devia falar com os dois advogados seniores? Mas meu prestígio no escritório também tinha a ver com o fato de eu nunca pedir conselhos e resolver todos os problemas sozinho. Veio a minha mente o juiz com quem eu havia começado a trabalhar como estagiário e com quem tinha uma boa relação. Porém, eu conseguia imaginar o que ele me diria.

O telefone tocou, e a secretária atendeu. Gundlach. Será que ele tinha contratado um detetive para seguir Schwind, que havia lhe comunicado a entrada e a saída do pintor do meu escritório?

— Pense bem no que vai redigir. Eu não quero me meter no seu trabalho, mas me permita sugerir como deve ocorrer a transação. O melhor é que Schwind e Irene venham me procurar. Nós três conversamos um pouco, Schwind leva o quadro até o carro para depois voltar e buscar Irene, mas ele vai embora com a tela. Se eu explicar a Irene que Schwind a trocou pelo quadro, ela vai saber a quem pertence.

— E se ela não souber disso?

Gundlach riu.

— Deixe que eu me preocupe com isso. Eu a conheço bem. Quando Irene me deixou, estávamos tendo uma fase difícil, e ela achou que não encontraria o verdadeiro amor comigo, mas com ele. Depois da troca ela vai entender melhor.

Fiquei em silêncio.

— Ei? O senhor não acredita em mim e fica pensando no que vai ser dela, se mesmo assim ela não souber o que aconteceu? Não tenha medo, eu não vou acorrentá-la nem trancá-la num porão. Se ela exigir um valor, eu pago. — Nesse momento, o tom de Gundlach se tornou imperioso. — Então, redija o contrato, mande para Schwind e para mim que nós dois assinamos e combine o encontro.

E desligou.

Acorrentar e prender no porão? Não, não mesmo. Mas e se ele a levasse como refém para algum outro lugar? Sua casa no campo ou sua ilha no mar Egeu? E se ele a dopar, ela acordar

no iate ou no jatinho de Gundlach e, como precisa enfrentar a adversidade sorrindo, me escrever um cartão-postal dizendo que está desfrutando de uma segunda lua de mel com ele?

Imaginei o diálogo, a briga e o desmaio. Gundlach faria tudo isso sozinho? Ou o mordomo a seguraria firme enquanto Gundlach taparia o nariz dela com o pano embebido em clorofórmio? Eles a carregariam juntos até o carro? O próprio Gundlach dirigiria? Depois me ocorreu outra virada nos acontecimentos. E se Schwind enganar Gundlach? Se contar tudo para ela? Se ela o ajudar a pegar o quadro para depois fugirem juntos? Gundlach não vai admitir isso. Ele vai contratar pessoas para perseguir os dois e punir Schwind, e então sequestrar Irene. Ou vai ficar com tanta raiva dela que não vai apenas sequestrá-la mas também puni-la? Espancá-la, violentá-la, desfigurá-la? Não, Schwind tinha que saber que não poderia enganar Gundlach. A troca devia ser feita.

Gundlach se aposentou há poucos anos e deixou a direção da empresa para a filha. Era um empresário muito bem-sucedido, que havia expandido seus negócios com ótimos resultados para o Leste Europeu, os Estados Unidos e a China, aconselhara os ex-chanceleres Kohl e Schröder em questões econômicas da União Europeia e, se quisesse, teria sido presidente da Federação das Indústrias Alemãs. Às vezes, nos encontrávamos em eventos sociais. Sua promessa de que se lembraria de mim se eu conseguisse mediar a negociação entre ele e Schwind não deu em nada.

Sim, eu arranjei a transação para Gundlach e Schwind do jeito que eles queriam. Redigi o contrato, estabeleci como ocorreria a transferência seguindo a sugestão de Gundlach e fiz os dois assinarem o contrato. A entrega deveria acontecer no domingo, às cinco da tarde.

Além disso, decidi que alertaria Irene Gundlach. Devia pedir a ela que viesse ao meu escritório? Que viesse sozinha? E se Schwind a acompanhasse? Ou se ela achasse meu pedido estranho e não viesse? Eu sabia onde ela e Schwind moravam, então tirei o dia de folga e parei o carro de modo que conseguisse ver a entrada do antigo prédio de apartamentos. Não precisei esperar muito; lá pelas nove da manhã ela saiu, caminhando pela rua, e eu a segui na outra calçada. Pegamos o metrô para o centro e, no tumulto do desembarque, aconteceu um encontro aparentemente casual.

— Que bom que nos encontramos! O caso está tomando outro rumo, sobre o qual eu até gostaria de comentar com a senhora. Tem um momentinho?

Ela estaria surpresa? Irene reagiu com indiferença, sorriu e disse:

— Eu tenho que atravessar o rio. O senhor me acompanha?

Atravessamos a cidade velha e a ponte, falando sobre as mudanças na cidade, as eleições iminentes e o belo outono. O nevoeiro da manhã ainda pairava sobre o rio, mas as folhas coloridas das árvores já reluziam ao sol. Lembrei-a de que, em sua visita ao escritório, o sol também brilhava e as folhas pareciam cintilar.

Sentamo-nos num banco, e eu lhe falei da visita que havia feito a Gundlach, da visita de Schwind ao meu escritório e do contrato que eu redigira e ambos assinaram. Também falei do meu receio do que Gundlach poderia lhe fazer, se ela não aceitasse. Contei-lhe que não sabia como ela iria reagir. Não olhei para Irene, olhava para a cidade do outro lado do rio, vi o

nevoeiro ficar menos denso, desfiar-se e desaparecer. Quando comecei a falar, a cidade estava envolta em névoa; quando terminei, ela se estendia ao sol.

Quando por fim encarei Irene, ela estava com lágrimas nos olhos, então desviei rapidamente o olhar.

— Está tudo bem — disse com uma voz em que não se percebia o pranto —, são só algumas lágrimas. — Depois, perguntou: — Por que esse contrato? Qual é a vantagem disso para os dois?

— Acho que Gundlach quer conferir certa formalidade e obrigatoriedade ao combinado, ainda que não haja legalidade nele. Em outros tempos, ele teria desafiado Schwind para um duelo.

— E o senhor? Qual é a vantagem do contrato para o senhor?

— Se não o tivesse redigido, Gundlach teria encontrado outro advogado. E eu não ficaria sabendo o que ele e Schwind pretendem fazer com a senhora.

— Mas como advogado o senhor pode fazer isso? Primeiro representar um dos meus dois homens, depois compactuar com o outro e, por fim, me contar tudo?

— Para mim é indiferente.

Ela meneou a cabeça, concordando.

— Então, domingo... Não, meu marido não tem um iate, nem um jatinho, nem uma ilha. Mas tem uma casa de campo. Será que ele chegaria a ponto de me dopar e me sequestrar? Não sei.

— Seu marido? Mas a senhora não é divorciada?

— Ele não quer, e seus advogados ficam adiando. — A voz de Irene assumiu um tom irritadiço, eu não sabia se era pela minha curiosidade ou pela resistência de Gundlach.

— Sinto muito...

— O senhor não precisa ficar se desculpando o tempo todo.

— Eu... — Eu queria dizer que não fico me desculpando. Mas deixei por isso mesmo. Fiquei ali sentado, sem saber como dizer o que queria dizer: que gostaria de ajudar, que faria tudo por ela, que estava disposto a tudo, que a amava.

— Em que confusão eu me meti com meus dois homens! Um quer me vender; o outro, talvez me sequestrar. — Irene riu. — E o senhor? O que o senhor quer?

Fiquei vermelho.

— Eu... Eu me envolvi nessa situação em que a senhora está e quero fazer o que puder para tirá-la. Se eu... Se a senhora me...

Ela me olhou... admirada, comovida, compadecida? Não consegui interpretar o olhar. Depois sorriu, passou a mão pelos meus cabelos, nuca e ombro e me deu um breve abraço.

— Eu me envolvi com dois sujeitos ruins, mas não estou perdida. Um cavaleiro valente está chegando para me salvar.

— A senhora está zombando de mim? Eu não quis dizer que sou especial. Eu sou... Eu te amo.

Eu te amo — logo percebi que o “te” não soava bem. Mas “eu amo a senhora” também teria soado mal. Quando o “eu te amo” não soa bem, deve-se calar a boca. Mas a boca transborda o que inunda o coração. Naquele momento, eu quis dizer algo correto sobre aquele “te” errado, declarando meu amor por ela.

— Aconteceu quando você chegou sozinha ao meu escritório. Você falou do amor e do que é uma mulher quando bem-amada, amante, mãe, irmã, filha, e da felicidade do amor, tão grande que faz Deus nos invejar. E você sorria, um sorriso feliz, dolorido, sábio, no qual pairava uma promessa... Não, você não me prometeu nada, não há nada que eu possa invocar e com que eu queira prendê-la, pelo amor de Deus, a sua promessa foi... uma promessa cósmica, eu sei, você falava simplesmente do amor e das mulheres em si. Mas... para mim, você é a mulher em si, e amar você e ser amado... Isso seria...

— Shhh. — Ela voltou a pousar os braços nos meus ombros e me puxou para perto. — Shhh. — Parei de falar, esperei que o abraço durasse para sempre e fechei os olhos. — Se você realmente quiser me ajudar...

— Como? — Abri os olhos. — Como?

— Você pode... — Ela não continuou, afastou os braços de mim e se sentou bem empertigada. Também ajeitei o corpo.

Por fim Irene voltou a falar, no começo hesitante, depois cada vez mais determinada.

— Se formos domingo até Gundlach... Karl não vai querer ir com o meu carro, mas com a Kombi. Eu posso... posso lhe dar a minha chave da Kombi e, quando a gente estiver na casa de Gundlach, você entra na Kombi e se esconde atrás do volante. Quando Karl tirar o quadro da casa, colocar dentro da Kombi e fechar a porta... você precisa dar a partida rápido. Ir embora o quanto antes. Se Karl conseguir abrir alguma porta e entrar na Kombi, vai tudo por água abaixo. Mas, se tudo correr bem... eu tenho certeza de que Karl vai pensar que Gundlach o enganou, ele vai voltar para dentro da casa, acusar Gundlach e, enquanto os dois brigam, posso sair correndo. A estrada faz uma curva logo abaixo da casa de Gundlach. O jardim termina nessa curva. Você me espera lá, eu pulo o muro e entro na Kombi também.

Procurei reagir com a mesma frieza com que Irene havia apresentado seu plano.

— Mas Schwind vai estacionar de um jeito que eu não precise manobrar para sair?

Ela balançou afirmativamente a cabeça.

— Eu cuido disso. Também não precisa se preocupar com o portão; ele só fica fechado à noite. — Sorriu para mim. — Se você der a partida assim que a porta da Kombi for fechada, e se eu sair correndo assim que os meus dois homens se engalfinharem, vai dar tudo certo.

Eu não gostava quando Irene falava dos seus dois homens, mas não comentei nada. Imaginei o terreno que descia na frente da casa de Gundlach, o trajeto do portão até a casa, as árvores, o estacionamento. Sim, eu teria que ser capaz de me esgueirar para dentro da Kombi. Não fazia ideia do que aconteceria se tudo desse errado, estava atravessando uma linha que nunca havia cruzado antes. Mas estava decidido.

— E quando você estiver comigo no carro... para onde vamos?

Ela mais uma vez passou a mão no meu cabelo e disse:

— Para onde?

O que mais poderia significar aquilo senão para a minha casa? Fiquei feliz. Pertencíamos um ao outro. Faríamos tudo juntos, venceríamos juntos, fugiríamos juntos. Nem teríamos que fugir, mas ficar — do que a acusariam, do que me acusariam? Sonhei com nossa vida juntos. Se teríamos um apartamento grande ou uma casinha, se ela cuidaria do jardim, se cozinaria, se gostaria de viajar e para onde, se gostava de ler, se...

— Tenho que ir agora. — Ela me tirou do meu sonho e se levantou.

Também me levantei.

— Posso acompanhá-la?

— São só alguns passos. — Ela apontou para o Museu do Artesanato.

— Você...

— É lá que eu trabalho. Design.

De repente, fiquei com medo. A linda mulher com quem eu sonhava viver já tinha uma vida. Tinha uma profissão, ganhava seu dinheiro ou o herdara, tivera maridos, Gundlach e Schwind não foram um descuido, mas uma decisão.

“Design”, dissera ela de um jeito lacônico, como se não me quisesse revelar mais do que o necessário sobre si mesma.

— E quando você vai me dar a chave?

— Vou deixar na sua caixa de correio. Onde você mora?

Dei meu endereço para ela.

— Você precisa tocar a campainha. A caixa de correio fica no saguão do edifício. Quando você vai lá?

— Não sei. Se você não estiver em casa, eu toco a campainha até alguém abrir.

E com isso Irene se foi. Andou pela calçada ao longo do rio, atravessou a rua e entrou no museu. Quando atravessou a rua, olhando para os lados para garantir que não vinha nenhum carro, podia ter olhado para trás e acenado para mim. Mas ela não olhou para trás.

Voltei a me sentar no banco. Eu devia ir para o escritório e trabalhar mesmo naquele dia de folga? Não tive vontade. No Jardim Botânico, quando me lembrei daquela manhã junto ao rio, notei que tinha feito algo inusitado: vagabundear um dia inteiro. Naturalmente houve dias, com minha noiva, depois esposa e depois com meus filhos, em que não fui trabalhar.

Mas sempre estava fazendo algo pela noiva, pela esposa e pelos filhos e que era bom para a saúde, a formação ou o reforço da relação. Belos passeios, claro, e agradáveis distrações do trabalho. Mas ficar ali, simplesmente sentado observando a paisagem, piscando ao sol e sonhando hora após hora; depois encontrar um restaurante com boa comida e bom vinho; então passear um pouco e de novo achar um lugar para me sentar, observar, piscar e sonhar — eu fiz isso naquela vez e só voltei a fazê-lo em Sidney.

Não sei mais com o que sonhei naquele dia. Sem dúvida com uma vida ao lado de Irene. Mas, sem dúvida, não apenas com isso. Pensando agora no passado, talvez naquele dia eu também me lembrasse do passado. Talvez, por eu estar em busca da felicidade, ele assumisse um novo rosto. Talvez eu já não pensasse na minha infância com avós sem afeto, mas em um caminho para a liberdade; nem sentisse mais na minha trajetória profissional a pressão, mas a dádiva do sucesso; e, nas minhas relações malsucedidas com as mulheres, não mais o fracasso, mas uma promessa.

Não me queixo de estar velho. Não invejo a juventude por ainda ter a vida à frente; não quero tê-la à minha frente mais uma vez. Mas eu a invejo, pois seu passado é curto. Quando somos jovens, podemos observar todo o passado. Podemos lhe dar um significado, mesmo que seja sempre diferente. Agora, quando observo meu passado, não sei o que foi ônus ou dádiva, se o custo do sucesso valeu a pena e o que nos meus encontros com mulheres foi satisfatório e o que falhou.

Voltei a visitar a tela na sexta-feira. A Galeria de Arte estava cheia de estudantes, meninos e meninas, professores e professoras. Gostei daquele burburinho de muitas vozes misturadas, conversando e chamando; me lembrei dos intervalos no pátio da escola e dos dias de verão na piscina. Dois adolescentes estavam parados diante da tela discutindo sobre o corpo da mulher. Os quadris eram largos demais, as coxas muito grossas, os pés pequenos e os bicos dos seios pareciam falsos? Não me intrometi, mas fiquei perto o bastante para minha presença causar desconforto e eles seguirem adiante.

Eu não encontrava mácula nenhuma na mulher. Mas também não a via como da última vez. Sim, ela era ternura, sedução e entrega. Não oferecia mais resistência. E eu não tinha desistido dela de verdade. Na posição da cabeça, na maneira como mantinha os olhos baixos e a boca cerrada, havia uma resistência secreta, uma negação, um desafio. Jamais pertenceria àquele que a tomasse como posse. Poderia participar do jogo. Mas, por fim, haveria de se retirar.

Será que naquela ocasião eu já poderia ver e saber como tudo aquilo se desenrolaria? Eu havia ficado pouco tempo na sala de Gundlach, tive que escutar o que ele dizia e não consegui olhar com muita atenção para a tela. E se a tivesse podido olhar por mais tempo? Teria sabido?

Na noite daquele dia em que havíamos nos encontrado, ela não veio. Tirei folga no dia seguinte também; queria estar em casa quando ela fosse levar a chave. Fiz as compras bem cedo e, quando voltei, olhei temerosamente a caixa de correios. Ainda não tinha deixado a chave. Sou uma pessoa organizada, até meticulosa, e não precisava arrumar a casa para Irene Gundlach. Mas botei flores no vaso e frutas na travessa. Por medo de que ela não gostasse de gente meticulosa, deixei algumas maçãs rolares da travessa para o tampo da mesa, distribuí livros e revistas no chão ao lado da poltrona e abri sobre minha escrivaninha o manuscrito de um artigo.

Irene veio no sábado. Tocou a campainha e, sem olhar pela janela, eu soube que era ela, não apertei o botão, corri escada abaixo e abri a porta.

— Eu só queria... — Ela estava com a chave na mão.

— Suba um minuto. Temos que conversar.

Ela subiu a escada à minha frente, passos rápidos, eu via seus pés em sapatos baixos, as panturrilhas nuas, as coxas e a bunda na calça apertada que terminava abaixo do joelho. Eu havia deixado o apartamento destrancado, e ela entrou, devagar, olhou ao redor, mas entrou, como era de se esperar. Foi até o aposento grande que eu usava como sala e escritório, seguiu até a janela, olhou para a rua, depois foi até a escrivaninha e viu o manuscrito.

— O que você está escrevendo?

— O Superior Tribunal Federal tem que tomar uma decisão sobre direito autoral... — Não consegui continuar. Lá embaixo não a tomara nos braços e queria fazê-lo agora, mas o momento pareceu errado, meu sorriso tão sem charme, meus braços compridos demais e minhas mãos grandes demais, meus movimentos tão desajeitados que não me atrevi.

— Direito autoral... E sobre o que ainda temos que conversar?

— Não quer se sentar? Aceita um chá, um café ou...

— Nada, obrigada, preciso ir logo. — Mas se sentou na poltrona que eu tinha cercado de livros e revistas, e eu me sentei na poltrona diante dela.

— Se amanhã eu for à casa de Gundlach... Aquele é um bairro de gente rica. Será que o meu carro vai chamar a atenção se eu estacionar por lá? Será que eu vou chamar a atenção andando pelas ruas? As pessoas de lá se conhecem e vão notar se houver um estranho?

— Deixe o carro no vilarejo pelo qual vai ter que passar para chegar à casa de Gundlach. De lá você vai andar uma meia hora, não mais que isso. Está com medo? — Ela me encarou, como se me avaliasse.

Neguei com a cabeça.

— Estou feliz. Que você e eu... O que eu disse há dois dias... Acho que fui muito apressado com você. Mas gostaria de dizer de novo e melhor dessa vez, porém tenho receio de voltar a ser apressado e prefiro esperar até termos todo o tempo do mundo. Não, eu não estou com medo. E você?

Irene deu uma risada.

— Medo de que não dê certo? De ser xingada? De ser sequestrada?

— Não sei. O que você pretende fazer com a tela?

— Nada, enquanto não for minha. — Ela se levantou. — Preciso ir.

Para onde, eu gostaria de perguntar, e se também me amava ou se me amaria um dia, e se ainda dormia com Karl Schwind e como seria no domingo, quando estivéssemos com a tela no meu carro. Não perguntei nada. Levantei-me e a peguei nos braços, ela não se aconchegou em mim, mas não ofereceu resistência, e, quando se afastou, me deu um beijo no rosto e acariciou meu cabelo.

— Você é um bom rapaz.

Eu realmente não estava com medo. Sabia que o que eu estava fazendo era errado e, se fosse pego, seria o meu fim como advogado. Mas não me importava. Irene e eu encontraríamos uma vida diferente, melhor. Podíamos ir para os Estados Unidos, eu trabalharia à noite como garçom, de dia estudaria, e logo estaria por cima de novo, como jurista, médico ou engenheiro. E, se os americanos não quisessem um advogado condenado, quem sabe no México? Eu tinha aprendido inglês e francês com facilidade na escola, também não teria problemas com espanhol.

Mas antes de pegar no sono senti calafrios e fiquei batendo os dentes. Mesmo depois de botar na cama todas as cobertas que consegui encontrar, continuei tremendo. Finalmente dormi. Na manhã seguinte, acordei banhado de suor numa cama molhada de suor.

Depois me senti melhor de novo. Estava leve, mas ao mesmo tempo com uma força indomável à qual nada poderia resistir. Era uma sensação única e maravilhosa. Não me recorde de ter sentido isso nem antes, nem depois.

Era domingo. Tomei meu café na varanda, o sol brilhava, os pássaros cantavam nas castanheiras, e os sinos badalavam na igreja. Pensei em casamento, se Irene teria se casado numa igreja e se desejaria se casar em uma igreja, e se igreja significava alguma coisa para ela. Sonhei com nossa vida juntos em Frankfurt; primeiro nessa mesma varanda, depois na varanda de um apartamento maior, no Jardim das Palmeiras, e, então, num jardim sob as árvores antigas na outra margem do rio. Depois sonhei conosco no convés de um navio que nos levava pelo Atlântico. Me despedi de tudo, do escritório, da cidade, das pessoas. Foi uma despedida indolor. Eu sentia apenas uma indiferença tranquila pela minha vida antiga.

Saí de casa cedo, mas não cheguei cedo demais. O vilarejo comemorava alguma festividade, a praça do mercado e a rua principal estavam fechadas, e o tráfego se arrastava por ruas secundárias. Estacionei perto do cemitério, encontrei um caminho entre os vinhedos, que julguei ser um atalho, mas que não encurtava nada, e num bosque me deparei com a estradinha que me levou ao bairro onde ficava a casa de Gundlach. Quando o primeiro carro passou por mim, ocorreu-me que Schwind também pegaria esse caminho, e ele não podia me ver. A partir de então, segui ao lado da estrada, em meio a árvores e arbustos.

Eu me vestira discretamente, com jeans, camisa bege, casaco de couro marrom, óculos de

sol. Mas, quando saí do bosque para entrar no bairro com as ruas vazias de domingo, e por acaso encontrei uma família numa varanda debaixo de um guarda-sol, senti todos os olhos voltados para mim, os das famílias nas varandas e do outro lado das janelas. Não havia mais ninguém caminhando pelas ruas.

Evitei o caminho que seguia direto através do bairro, onde Schwind poderia ter me avistado, mas me perdi nas ruazinhas paralelas e cheias de curvas, e cheguei à casa de Gundlach alguns minutos depois das cinco. O estacionamento diante da garagem estava vazio. Eu me escondi do outro lado da casa entre as lixeiras e um arbusto de lilases e esperei. Vi o acesso, a casa, a garagem com um portão aberto, outro fechado, na garagem um Mercedes e, no acesso, um gato deitado ao sol. No gramado que descia da rua até a casa cresciam pinheirinhos, e pensei no zigue-zague que faria correndo da casa pelo gramado entre as arvorezinhas até o carro. Se alguém passasse por ali, se alguém espiasse da casa do outro lado, eu teria que desaparecer tão depressa atrás do carro que a pessoa não saberia ao certo se realmente tinha me visto.

Escutei ao longe a Kombi de Schwind; o cano de descarga estava com problemas. A Kombi avançava depressa, bufando, estalando, fez uma curva rápida vindo da rua para entrar no acesso de carros, espantou o gato e freou abruptamente diante da entrada. Ninguém desembarcou, e depois de algum tempo a Kombi recuou, descreveu um grande arco no estacionamento, deu ré de novo e, finalmente, parou diante da entrada de modo que ao partir não tivesse que manobrar. As portas do carro se abriram, os dois desceram, ela em silêncio, ele xingando, escutei “O que isso significa?” e “Você e suas ideias”. Então a porta da casa foi aberta, Gundlach cumprimentou os dois e os convidou a entrar.

Agora, pensei. Qualquer pessoa que pudesse ter sido atraída à janela pelo carro barulhento de Schwind já estaria voltando aos seus afazeres. Atravessei a rua correndo, me escondi atrás do primeiro pinheiro, tropecei, caí, rastejei atrás do pinheiro seguinte, me levantei e disparei, mancando e saltitando com o pé dolorido até a Kombi, passando pelos últimos pinheirinhos. Abri a porta, me agachei de tal modo no assento que não poderia ser visto de fora, mas também não conseguia olhar para fora, e enfiei a chave na ignição. Esperei.

Meu pé doía por causa da queda, e minhas costas doíam porque eu estava encolhido. Mas ainda sentia a leveza e a força da manhã e em nenhum momento duvidei de que estava fazendo a coisa certa. Então, ouvi a porta da casa ser aberta, e Schwind estava esbravejando; o mordomo que o ajudava não era rápido, cuidadoso nem obediente o bastante, e ele ficou irritado por ter que fazer a volta na Kombi e porque a porta de correr estava meio emperrada. Mas conseguiu abrir; ainda xingando colocou a tela na parte de trás da Kombi, fechou a porta e, enquanto ela se arrastava até fechar, girei a chave na ignição.

O motor ligou imediatamente, e, quando Schwind entendeu o que estava acontecendo e gritou batendo na Kombi, eu já estava partindo, e, quando ele saiu em disparada, eu já estava dirigindo tão depressa que ele até conseguiu abrir a porta do passageiro, mas não saltar nem olhar para dentro. Pelo retrovisor, o vi correndo atrás da Kombi, ficando cada vez menor até finalmente parar.

Dirigi até a curva abaixo da casa de Gundlach. Algum tempo depois desci do carro, dei a volta na Kombi, abri e fechei a porta de correr e fechei a porta do carona, que estava aberta desde que Schwind tinha tentado entrar no carro. Não quis olhar a tela, não sei por quê.

Então fiquei parado, esperando. Olhei para o muro que Irene pretendia escalar — tinha dois metros de altura, caído, com um telhadinho de telhas vermelhas. Olhei para a sebe de coníferas alta e fechada do vizinho, que se unia ao muro branco como um muro verde. Consegui enxergar o interior da curva por cima da cerca do terreno; ela também era alta e totalmente fechada por hera, isolada como um muro. Vi o céu azul, escutei pássaros nos jardins e, ao longe, um cachorro latindo; tudo numa paz dominical. Mas de repente me senti oprimido entre os muros, senti frio de novo como à noite e tive medo, mas sem saber de quê. De que Irene não chegasse?

Então, lá estava ela. Irene se sentou no muro, clara, reluzente, rindo, ajeitou os cabelos, colocando-os atrás das orelhas, e saltou. Eu a peguei nos braços e pensei, agora vai ficar tudo bem. Eu me sentia feliz e pensei que ela também. Na verdade, Irene estava ofegante e deixou que eu a segurasse até se acalmar, me deu um beijo rápido e disse:

— Temos de ir!

Irene quis dirigir. E, como poderíamos ficar presos no trânsito da festa no vilarejo e Schwind e Gundlach poderiam nos perseguir e nos alcançar, era melhor sair de lá pelo caminho das montanhas, fazer uma curva e chegar à cidade vindo do leste. E, como eles não deviam encontrar meu carro no vilarejo, eu precisava desembarcar antes e voltar para a cidade com meu carro.

— Mas como eles reconheceriam o meu carro?

— Não podemos correr nenhum risco.

— Risco? E se eu for à festa do vilarejo, beber vinho, deixar meu carro estacionado e pegar um táxi para a cidade?

— Por favor, faça isso por mim, eu vou me sentir melhor.

— Quando vamos nos ver? Onde estão as suas coisas? Não vamos ter que pegar tudo? Antes que Schwind retorne. E tirar a tela da Kombi e estacioná-la antes que ele vá à polícia...

— Shhhh. — Ela tapou minha boca com a mão. — Eu vou tomar cuidado. E não preciso

daquela meia dúzia de coisas que estão na casa dele.

— Quando você vem?

— Depois, quando eu estiver pronta.

Com um beijo, fez com que eu desembarcasse antes do vilarejo, então peguei meu carro e fui para casa. Fazer o desvio, deixar a tela no lugar que devia ter preparado, mas não queria me dizer onde era, estacionar a Kombi, pegar um táxi — podia demorar duas horas até ela chegar a minha casa. Mas, já antes de transcorridas as duas horas, fiquei apreensivo; andei de um lado para o outro, toda hora olhava pela janela, preparei chá e me esqueci de tirar as folhas do bule, e fiz o mesmo no chá seguinte. O que ela pretendia fazer com o quadro? Não era pesado demais? Teria a ajuda de alguém? Quem? Ou ela conseguiria carregar o quadro sozinha? Por que ela não confiava em mim?

Duas horas depois inventei uma explicação para ela não ter chegado, outra depois de três, outra ainda depois de quatro horas. A noite toda encontrei explicações, tentando acalmar meu medo de que tivesse acontecido alguma coisa com ela. Com esse medo eu tentava afastar o outro medo, de que ela não chegava simplesmente porque não queria vir. O medo de que tivesse acontecido algo com ela — é assim o medo que os amantes sentem um pelo outro, do amigo pelo amigo, da mãe pelo filho.

No medo eu ficava próximo de Irene, e quando, antes de amanhecer, liguei para hospitais e delegacias, foi natural que me fizesse passar por seu marido.

Quando amanheceu, compreendi que Irene não viria.

Gundlach ligou na segunda-feira.

— O senhor já deve ter tido notícias de Schwind. Para os registros, quero confirmar que a minha mulher desapareceu e a tela também. Meu pessoal vai descobrir se Schwind fez jogo duplo comigo. Seja como for, não preciso mais dos seus serviços.

— Eu nunca estive aos seus serviços.

Ele riu e disse:

— Pense o que quiser. — E desligou. Algumas semanas depois me deu a notícia de que não tinha provas de que Schwind tivesse feito jogo duplo. Achei decente da parte dele me avisar. De Schwind, não soube mais nada.

Descobri que, depois do dia em que passamos a manhã juntos, Irene nunca mais foi trabalhar no museu, embora seu tempo de voluntária não tivesse chegado ao fim. Também descobri que, além do apartamento alugado onde morava com Schwind, ela possuía um apartamento seu, do qual nem amigas nem amigos sabiam da existência — um esconderijo. Os vizinhos não conseguiam se lembrar da última vez que tinham visto Irene, só que fazia muito tempo.

Eu estava machucado, triste, furioso. Sentia saudade dela, e, quando abria a caixa de correio, às vezes pensava que talvez encontrasse uma carta ou um cartão-postal. Mas ela nunca me escreveu.

Certa vez, dois anos depois, pensei tê-la visto. No Westend, perto do escritório, havia uma casa ocupada por estudantes que a polícia desocupara. A manifestação que ocorreu em seguida, com milhares de pessoas, passou pelo escritório, e eu estava na janela olhando para baixo. Fiquei surpreso ao ver como os manifestantes estavam contentes, embora tivessem ido às ruas por uma suposta injustiça. Como erguiam os punhos alegremente, com que orgulho gritavam suas palavras de ordem, como riam de braços dados, começando a correr. Não eram rostos desagradáveis, pais com crianças nos ombros, mães segurando a mão das crianças, muitos jovens, em idade escolar e universitários, alguns operários com macacão azul, um soldado fardado, um homem de terno e gravata. Então eu a vi, ou pensei tê-la visto, e descí em uma carreira as escadas do escritório, saí para a rua, corri ao lado dos manifestantes, procurei por Irene e algumas vezes achei que a tinha encontrado, mas não era

ela, depois vi um rosto parecido e pensei que havia me enganado ao olhar pela janela e quis desistir, mas não o fiz e continuei procurando. Até que um grupo de manifestantes arrombou uma casa vazia e a ocupou, a polícia veio e a situação se agravou.

Em algum momento, feridas cicatrizam. Mas eu não gostava de recordar a história com Irene Gundlach. Sobretudo ao perceber o papel ridículo que eu tinha feito. Como não havia enxergado que aquilo que começara com uma mentira não teria um final feliz, que eu não era o tipo de pessoa que ficava atrás do volante de um carro roubado, que mulheres fugindo do marido e do amante e trepando em muros não eram para mim e que eu tinha sido usado. Qualquer pessoa sensata teria visto.

Todo o ridículo, toda a vergonha da minha situação ficava muito intensa quando eu me lembrava de ter esperado Irene ao pé do muro, aguardando para saber se ela viria e me queria ou se não haveria de vir e de me querer, eu, com meus óculos escuros, meus calafrios, meu medo, e como a tinha abraçado, feliz, pensando que ela também estava feliz. Essas lembranças me causavam desconforto físico.

Sempre me consolava com a ideia de que, se não tivesse me enganado tanto naquela situação, não teria tido um casamento tão bem-sucedido com minha mulher. Ela gostava de dizer que todo mal tem um lado bom.

Não se pode mudar nada do passado. Há muito me conformei com isso. Só é difícil me conformar com o fato de o passado nunca ter muito sentido. Talvez todo mal tenha algo de bom. Mas talvez todo mal seja simplesmente mau.

No sábado fui de barco até o fim da enseada, a faixa de terra verde atrás da qual se estende o mar. Não que estivesse enfastiado do Jardim Botânico. Só achei que não devia me limitar àquele círculo tão pequeno dia após dia. Jamais gostei de me deitar ao sol perto do mar nas férias, mas sempre explorava os arredores e escolhia vilarejos junto ao mar, onde houvesse arredores para explorar.

A viagem passou por uma ilhota há muito pronta para uma guerra imaginária contra um inimigo imaginário, com navios de guerra cinzentos e enferrujados, casas na orla, onde a vida devia ser leve e alegre, com bosques e eventuais praias e ancoradouros. O sol, o vento, a maresia — era uma manhã alegre, as crianças corriam incansavelmente da popa à proa, pelo convés, onde o vento batia forte em seus rostos. Senti frio, mas era orgulhoso demais para me sentar com os velhos na cabine.

Quando o barco atracou, eu desembarquei e caminhei por uma colina até o mar. Poderia ser tanto o Atlântico quanto o Pacífico. Mas fiquei comovido com a ideia de que dali para um lado se chegaria ao Chile, e, para o outro, até a Antártida. Senti a amplitude e a profundidade, e logo o azul do mar pareceu mais escuro, e as ondas que quebravam docemente na areia pareceram mais ameaçadoras.

Andei ao longo da praia até me cansar da rua e do movimento ao longo da praia, voltei ao ponto de partida, onde era possível alugar espreguiçadeiras e guarda-sóis. Eu trazia de novo uma garrafa de vinho tinto, algumas maçãs e o livro de história da Austrália na minha mochila.

A história australiana é curta, por isso o livro logo chegou ao presente falando de clima, riquezas do solo, agricultura, indústria e comércio exterior, transporte, cultura e esporte, escolas e universidades, cozinha, constituição e administração pública, densidade e desenvolvimento populacionais, mobilidade geográfica e social, profissões e lazer, homens e mulheres, estatísticas de divórcios.

Sempre que estou em outro país me pergunto se seria mais feliz nele. Quando percorro as ruas e vejo numa esquina um grupo de pessoas conversando e rindo, penso que, se eu vivesse ali, agora também estaria feliz num grupo em uma dessas esquinas. Quando passo por um café com mesas ao ar livre e um homem se aproxima de uma mesa onde há uma mulher

sentada e os dois se cumprimentam alegremente, penso que ali eu também, um dia, encontraria uma mulher que se alegraria ao me ver, e que eu me alegraria ao vê-la. E quando à noite se acendem as luzes nas janelas! Cada janela promete ao mesmo tempo liberdade e aconchego, libertação da vida antiga e aconchego numa nova. Agora, a mera leitura despertou um desejo de outra vida em outro mundo.

Não que eu me sentisse preso à minha vida. Minha mulher e eu éramos uma boa dupla, cada um com sua liberdade. Ela teria podido trabalhar se quisesse, tínhamos condições de pagar uma babá. Mas não quis, e sem sua assistência as crianças não teriam se tornado o que se tornaram, talvez eu também não. Quando então decidi ingressar na política municipal, não teria chegado aonde chegou sem a minha influência. Não, eu não estava preso. Não teria podido largar tudo de um dia para o outro — casa, família, escritório — e recomeçar em outro lugar. Mas meus colegas de trabalho e amigos que de alguma forma deixaram a profissão e o casamento, encontrando uma mulher mais nova e um emprego mais moderno, uma agente de eventos de 32 anos no lugar de uma dona de casa de 50, e um cargo de mediador ou terapeuta no lugar de advogado, depois de alguns anos nessa nova vida chegaram ao mesmo ponto em que estiveram na antiga, brigando com a mulher e se aborrecendo no trabalho. Não, eu não estava preso à minha vida, mas a escolhi de forma ponderada e a mantive de forma ponderada. Também não significa que eu não pudesse conseguir uma mulher mais nova e mais bonita. Não sou nenhum galã, mas estou em forma, tenho algum dinheiro e posso oferecer algo a uma mulher mais jovem. Mas eu não quis.

Estranho como minha vida me foi inevitável e ao mesmo tempo fortuita. A decisão pelo trabalho, a decisão pela mulher, a decisão de ter um filho, depois outro e outro, a decisão por um grande escritório — tudo foi acontecendo naturalmente. A decisão pela profissão veio pelo desafio, eu me casei porque não havia motivo para não me casar. Uma decisão levou a um grande escritório; a outra, a três filhos.

Na segunda-feira, o chefe da agência de detetives me ligou. Eu ainda estava em Sydney? Podia passar no escritório dele? Era melhor falar pessoalmente que por telefone.

Eu tinha passado o domingo no quarto do hotel. Não sei por que não consegui dormir na noite de sábado para domingo, por que fiquei vendo filmes na televisão do hotel, ainda por cima pagos, filmes de ação, um romance, uma comédia familiar, um filme pornô, e bebendo uísque, quando normalmente me contentava com cerveja e vinho. Parece que eu queria me embebedar. Seja como for, quando acordei de manhã, estava bêbado. Fiquei na cama e passei o dia inerte. Quis ligar para os meus filhos, mas primeiro era cedo demais e, depois, tarde demais.

Não me lembro de jamais ter ficado bêbado, muito menos de ter me embebedado de propósito. Naturalmente, às vezes lidava com gente de porre; meu colega Karchinger, criado pela mãe naquela alegria dos renanos, de vez em quando bebia demais nas viagens a trabalho, perdia a linha e assediava as estagiárias. Sempre o desprezei um pouco por isso. Também desprezava um pouco minha mulher quando ela bebia demais. Mas por suas qualidades de caráter e condição de vida ela não pode ter sido uma alcoólatra; expliquei isso depois do acidente, não só à polícia, mas aos nossos filhos, que chegaram a me censurar — como se o abalo da minha vida pela morte dela já não fosse grave o bastante. Mas às vezes eu sentia cheiro de álcool em seu hálito, seu andar e fala eram hesitantes. Quando ela voltava à noite para casa nesse estado ou eu a encontrava assim em casa, dormia no meu escritório. O ronco dela ficava insuportável.

Quando me levantei à tardinha, fiquei envergonhado. Fui à academia do hotel, corri na esteira e levantei peso. Estava sozinho, e primeiro apertei o botão que ligava a música, depois, aquele que erguia a persiana. Nunca tinha visto o porto e a baía desse jeito. O céu estava escuro, repleto de nuvens cobrindo morros e montanhas. No meio delas, raios de tempestade, às vezes na frente das nuvens; outras, atrás; ora um zigue-zague, ora contornando as nuvens com um tom esverdeado, azulado ou branco. Sobre o mar negro, bailavam coroas de espuma branca; não se via nem barco nem navio.

Tomei uma chuveirada, me vesti, desci de elevador até o saguão e saí do hotel. As ruas estavam desertas como a baía. Uma ambulância com a sirene ligada e luzes piscando passou

como se a tempestade já tivesse feito a primeira vítima. No mais, estava tudo quieto. Nenhum vento soprava. As ondas não eram varridas pela tempestade, mas vinham agitadas pelo próprio mar.

Achei a quietude antes da tempestade opressiva, e a precipitação no fim das contas, libertadora. Ela varreu as ruas e a praça na frente do hotel, levando papéis, copos, sacos de papel, latas — emaranhados rodopiantes em disparada, querendo sobrepujar um ao outro. O ar esfriou e o gelo começou a cair, o granizo martelava o alpendre na entrada, como se quisesse rachá-lo. Voltei para o saguão e fiquei olhando o granizo cobrir praça e ruas, uma camada branca que se mantinha em movimento com as novas pedras que caíam, incessantes.

Empregados e hóspedes do hotel falavam da grande tempestade de granizo de 1999, os milhões de pedras, seu tamanho, os prejuízos, as vítimas. O que eu via agora era apenas uma pequena tempestade de granizo.

Quando o granizo parou de cair e começou a chover, eu saí. Era uma chuva pesada, e, depois de alguns minutos, eu estava encharcado. Mas arrastar o passo sobre o granizo que a chuva derretia, patear e chapinhar na água, era um prazer tão grande que os pés molhados e frios não me incomodaram, nem a dor no flanco quando escorreguei e caí. Levantei-me e fui até o porto, onde chuva, mar, terra e céu se fundiam. Era magnífico. Um dilúvio.

Depois fiquei desconfortável com o frio e a umidade e voltei ao hotel. Tinha sido um bom fim de domingo, dormi bem e comecei bem a segunda-feira. Quando o chefe da agência de detetives me ligou, peguei um táxi e fui até lá.

Uma secretária me levou até ele, que saiu de trás da escrivaninha, me cumprimentou, me ofereceu a cadeira diante de sua mesa e se sentou novamente do outro lado. Era como eu havia imaginado: um senhor idoso, barrigudo e calvo. Como todos os senhores da minha idade barrigudos e calvos, fez com que eu sentisse orgulho de não ser barrigudo nem calvo.

— Nós a encontramos. — Ele se recostou confortavelmente na cadeira e esperou algum sinal de apreciação.

Conheço esse comportamento por causa dos meus colegas do escritório. Eles fazem o que são pagos para fazer, mas não conseguem simplesmente entregar o trabalho, querem ser adulados. Às vezes, ainda tentam trazer uma tensão ao caso, fazendo com que as notícias que devem transmitir tenham que ser extraídas como vermes do nariz. Eu acabei com essa mania deles. Mas não conseguiria corrigir o chefe dos detetives. Fiz que sim com a cabeça, reconhecendo seu mérito, e perguntei, curioso:

— E onde ela está?

— Não foi nada fácil descobrir. Ela vive aqui há vinte anos. Mas...

Ele fez uma pausa, balançou a cabeça e só seguiu em frente quando repeti interrogativamente:

— Mas...?

— Mas está aqui ilegalmente. Ela entrou como turista e não se importou com nada, nem com visto de permanência, de trabalho, naturalização, seguro-saúde, nada. Não investigamos onde ela esteve nesses vinte anos nem o que fez nesse tempo. Hoje mora na costa, ao norte, a três ou quatro horas daqui. Deve ter dinheiro na Alemanha, ela paga tudo com cartões de crédito alemães. Por isso também passou por todas as barreiras, porque, se precisasse arrumar um emprego ou cartões de crédito daqui, teria que apresentar documentos que não possui.

— E que nome ela está usando?

— Irene Adler. Nome de solteira que soa bem nos dois idiomas, inglês e alemão. O inglês dela deve ser perfeito.

— O senhor sabe alguma coisa sobre a ligação dela com a Galeria de Arte?

— Irene ofereceu a tela em que está representada ao curador, que aceitou. Ele pesquisou e

não encontrou nenhum problema. A tela é mencionada num antigo catálogo de Karl Schwind e não está na lista de quadros roubados. Nesse meio-tempo, outros museus demonstraram interesse, e essa semana o *New York Times* publicou um longo artigo sobre essa obra-prima reencontrada.

Tudo me levava a crer que os detetives dele encontraram alguém da Galeria de Arte que havia abusado da confiança do curador e tivera acesso aos seus documentos, depois deram uma olhada nos arquivos das autoridades de imigração e, por fim, procuraram um pouco e perguntaram onde Irene Gundlach morava. Eu esperava mais. Esperava saber como tinha sido sua vida, como era agora, quem ela era atualmente. Ao mesmo tempo, sabia que era uma esperança tola. Eu nem sequer tinha perguntado isso, apenas se o quadro lhe pertencia e se morava na Austrália.

Recebi o endereço, Red Cove em Rock Harbour, agradei e paguei. No caminho para o hotel, comprei uma calça de algodão e outra de linho, calções e camisas. O hotel providenciou um carro alugado, e, depois de fazer as malas, agradecer e pagar pela estada, peguei a estrada.

Eu poderia ter chegado a Rock Harbour ainda de manhã. Depois de superar algumas dificuldades em desvios e ultrapassagens e me habituar a dirigir na mão invertida, segui rapidamente para a autoestrada de seis pistas, depois para a de duas pistas, que acompanhava a costa ora perto, ora mais distante. Até que, de repente, perdi toda a coragem.

Estacionei na beira da estrada e desci do carro. O que eu queria com Irene Gundlach ou Irene Adler? Dizer que ainda estava magoado? Dizer pessoalmente tudo o que naquela ocasião eu dissera em pensamento? Que não se usa uma pessoa para depois largá-la? Que eu tinha sido muito ingênuo e desajeitado para ela, mas que a tinha amado, e que não se brinca com o amor de ninguém? Que ela poderia ter me escrito uma carta, dando uma explicação e diminuindo minha mágoa?

Isso seria fazer papel de tolo mais uma vez. Quarenta anos haviam se passado, e ela acharia ridículo eu não conseguir me libertar do passado. Eu mesmo achava ridículo o quanto Irene ainda era presente em mim. Era como se eu tivesse me sentado com ela no banco junto ao rio Meno ontem, como se eu tivesse esperado por ela na Kombi ontem, como se ela tivesse me largado diante do vilarejo ontem. E como se, caso me sentasse com ela num banco, eu voltasse a ser aquele que havia sido outrora.

É assim que são as coisas quando elas não têm um ponto final? Mas as coisas não terminam, nós que as finalizamos. Eu devia ter posto um fim naquele episódio, devia ter lhe dado algum significado. Quis me convencer de que, sem Irene, as coisas não teriam dado tão certo com a minha esposa, mas não era verdade. Coloquei em pastas numa gaveta os tempos de escola e os anos de universidade, a mãe falecida e o pai que ainda me visitara algumas vezes na casa dos meus avós, depois se mudara para Hong Kong e lá morrera como coisas que foram como foram e não podiam ter sido diferentes. Então, por que continuava em mim a sensação de que tudo com Irene poderia ter sido diferente do que fora?

Eu havia estacionado num outeiro. Para oeste estendiam-se morros com arbustos e árvores de troncos retos e curvados, as retas eram claras, não tinham casca, como se estivessem nuas, doentes. A leste começava o mar atrás de duas cadeias de montanhas. Atravessei a estrada e me sentei à beira da escarpa. O mar estava manchado, cinza e azul, liso e ondulado. Ao longe passavam dois navios, mas pareciam nunca sair do lugar.

Viajar e nunca sair do lugar — era assim que eu me sentia. Então, disse a mim mesmo que só parecia que os navios não saíam do lugar. Talvez, embora não parecesse, eu também saísse do lugar. Me lembrei das manchas no meu terno e tive que rir. Manchas que antigamente teriam me preocupado e não me importavam mais desde aquela tarde no Jardim Botânico! Sim, eu tinha progredido. E, se passasse vergonha com Irene Gundlach ou Irene Adler, tudo não passaria de uma mancha na minha roupa.

O sol brilhava. Pairava no ar um aroma de pinheiros e eucalipto. Achei que também conseguia sentir a maresia, um sopro fraco, úmido e salgado. Ouvi as cigarras chiando, e de vez em quando, no vale, uivava o motor de uma serra. Não, eu não me preocuparia mais. Iria a Rock Harbour no dia seguinte; hoje encontraria um hotel perto da costa e contemplaria o anoitecer da varanda. Na Austrália ainda é dia, em alguns minutos o claro céu azul vai adquirir um tom azul profundo, depois negro, então será noite.

Rock Harbour tinha quatro ruas, um pequeno porto com alguns iates e barcos, uma loja onde funcionava um café e o posto de correios, uma imobiliária, um soldado de ferro num pedestal de pedra em memória aos mortos nas guerras mundiais, da Coreia e do Vietnã. As ruas estavam vazias, não porque ainda era cedo, como pensei inicialmente, mas porque os veranistas ainda não haviam chegado para ocupar suas casas. Não achei nem rua nem casa com o nome “Red Cove”. Entrei na loja e perguntei.

— O senhor quer ver Airin? — O homem de pele branca, cabelo branco e olhos rosados sentado numa cadeira ao lado do balcão largou o livro que estava segurando e se levantou.

Airin? “Irene”, sílabas curtas, três vogais claras, três tons de uma canção, três passos de valsa — um nome que quer ser cantado e dançado. Mas “Airin” parece um chiclete mascado até perder o gosto.

— Ela mora a uma hora daqui. O senhor tem um barco?

— Eu vim de...

— Só dá para chegar lá de barco. O senhor pode esperar por ela aqui, ela aparece a cada duas semanas, esteve aqui ontem. Também não dá para ligar, não tem telefone.

— Não existem navios que seguem pela costa que...?

Ele deu uma risada.

— Uma linha costeira? Não, não temos isso aqui. Meu filho pode levar o senhor até lá de barco. Também pode buscar o senhor se disser a ele quando quer que busque.

— Eu posso ligar quando...

— Não, não dá para ligar.

— Seu filho pode me levar agora? E me buscar hoje à tardinha? — Dessa vez o homem me deixou terminar minhas frases.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça e pediu que esperasse seu filho, Mark, numa mesa do alpendre. Eu me sentei, escutei sua ligação, depois ele trouxe duas cervejas, sentou-se comigo e se apresentou. Tinha vivido em Sydney, depois ficara enjoado da cidade e há sete anos havia se mudado para cá. Adorava o mar, o sossego, o despertar da cidadezinha na temporada, a confusão dos meses de verão e o período posterior à alta temporada, em que artistas e escritores alugavam quartos a um preço mais baixo, o retorno do sossego. Todos

vinham procurá-lo, as jovens famílias, os avós, os adolescentes, os artistas.

— Eu não moraria lá onde ela mora. É um lugar bonito, mas é só isso... Não tem ninguém por perto, nada... O que levou o senhor a procurá-la?

— Nós não nos vemos há muito tempo.

— Eu sei. — Ele riu. — Ou o senhor já teria me conhecido. Quando a viu pela última vez?

— Muitos anos atrás.

Ele ficou em silêncio. Mark me levou até o barco, que era uma lancha velha, ligou o motor e partiu. Ficou parado na cabine pilotando, eu sentado no banco em frente, o rosto ao sol e ao vento. Os morros e as enseadas da costa pareciam todos iguais, o barco subia e descia num ritmo monótono e suave, batendo na água, e o motor pulsava no mesmo ritmo. Adormeci.

Segunda parte

Acordei quando Mark desligou o motor. O barco entrava numa enseada, seguindo em direção a um píer. Pouco antes de chegarmos lá, Mark ligou o motor de novo, conduziu o barco até a extremidade do píer e atracou.

— Hoje à tardinha, às seis?

— Sim.

Saltei do barco. Mark desatracou e partiu. Fiquei observando até ele fazer a curva na ponta da enseada e sair do meu campo de visão. Depois me virei.

A casa de pedra na praia tinha apenas um andar, com uma varanda cujo telhado de pedra era sustentado por pilares também de pedra. Parecia ser muito antiga e não querer sair dali. Como se com ela a cultura e a civilização tivessem conquistado na selva um lugar que queriam afirmar e defender.

Ao caminhar pelo píer até a casa, vi outra, de madeira, com dois andares, construída na encosta de modo que tivesse vista para a amplidão do mar e tão escondida entre as árvores que de longe não era possível vê-la. Tanto quanto a casa na praia parecia definitiva, aquela na encosta parecia efêmera. O andar de baixo se apoiava em troncos, tão inclinados que dava medo. O telhado e a varanda eram encurvados, algumas esquadrias estavam tão tortas que era impossível fechá-las. Todas as janelas e portas estavam abertas. Uma cortina tremulava ao vento.

A porta da casa da praia estava fechada. Bati, esperei, e por fim entrei num aposento grande, com um fogão de ferro antigo e uma lareira de ferro antiga, um aparador, uma mesa, um par de cadeiras, e, por uma porta, adentrei outro aposento, pequeno, com uma cama, uma mesa de cabeceira e um armário. Os quartos não pareciam habitados — será que na estação quente Irene morava lá em cima e só descia para cá na época do frio? Do aposento grande, outra porta conduzia para os fundos da casa, com uma bomba de água e um banheirinho externo.

Ergui os olhos para a outra casa. Nada tinha mudado, todas as portas e janelas continuavam abertas, a cortina continuava tatalando ao vento. Senti que lá também não encontraria Irene. Poderia andar de quarto em quarto chamando “Irene”, vendo como ela morava, entendendo como vivia, mas não era o que eu queria. Ela construíra um terraço na

encosta, onde havia uma horta com alface, tomate, feijão e framboesa. Estava precisando ser regada.

De repente tudo pareceu sem vida. Abandonado. Como se quem morasse ali tivesse partido de repente para nunca mais voltar. O vento podia varrer a casa, a chuva entrar nos quartos, os assoalhos podiam apodrecer e os pilares de toras quebrar. A cortina esvoaçante me fez pensar numa daquelas fotos de ruínas de casas com um dos lados destruídos por uma bomba, com aposentos expostos com seus móveis, quadros e cortinas.

O sol desapareceu atrás das nuvens, um vento mais frio soprava do mar, a água da enseada parecia cinzenta e gelada. Vesti o suéter que trazia sobre os ombros e, mesmo assim, sentia frio. Encontrei na cama uma manta de lã com cheiro de mofo, enrolei-me nela, sentei-me no banco da varanda, encostei a cabeça na parede e esperei.

Não ouvi o barco de Irene chegando. Tinha adormecido de novo. Só a escutei quando ela se sentou ao meu lado e disse:

— Meu cavaleiro valente!

Fiquei de olhos fechados. Sua voz era como antigamente, rouca e aveludada, e, como antigamente, eu não sabia o que aquela voz expressava. Estava se divertindo à minha custa? Quase fiquei furioso, mas não queria começar aquela conversa furioso.

— Valente? O cavaleiro está cansado, com fome e com sede. Você tem algo de beber e comer?

Abri os olhos e olhei para ela.

Irene riu e se levantou. Reconheci também o riso, no rosto e no tom, nos olhos semicerrados, nas covinhas no rosto, nos trejeitos da boca. Quando ficou séria, vi que seus olhos eram de um azul-acinzentado — no passado, eu só tinha registrado ou percebido que eram claros. Também vi as muitas rugas na testa e nas bochechas, as pálpebras pesadas, a pele murcha e o cabelo fino. Irene estava velha, e não sei se a teria reconhecido caso tivéssemos nos esbarrado na rua. Mas, assim como a voz e o riso, reconheci os gestos com que ajeitava o cabelo atrás das orelhas e o modo como inclinava a cabeça. Sua compleição estava mais atarracada, e me perguntei se os adolescentes tinham razão ao falar dos quadris meio largos e das coxas um pouco grossas de Irene. Ela usava jeans, camiseta e, por cima, feito um casaco, camisa xadrez. Largou no chão, ao seu lado, um balde com peixes que tinha pescado; eu o peguei e fui atrás dela até a casa de cima.

Subindo o morro, primeiro por uma trilha, depois por uma escada de madeira como as que levavam das dunas até a praia, Irene ficou ofegante, apoiou-se no meu braço e teve que parar várias vezes.

— Talvez eu volte a morar na casa de baixo — comentou ela quando entramos — No inverno ela é fria, mas no verão é bem fresquinha.

— E tem um fogão.

Irene me encarou, não entendi se ainda me avaliando ou já decepcionada, mas entendi o que estava pensando. O advogado que não consegue só ouvir, mas tem que me instruir, dizendo que tenho um fogão, como se eu não soubesse disso, pensou.

— Foi um comentário bobo.

Ela sorriu.

— Aqui em cima, em geral no inverno, não precisa de aquecimento. Mas lá embaixo as paredes de pedra acumulam o frio. Aquilo era uma agência dos correios, construída há mais de cem anos para os fazendeiros do interior. Não tem mais fazendeiro por aqui há muito tempo. O solo é ruim, os fazendeiros foram desistindo um depois do outro. Hoje essas terras estão em uma área de preservação ambiental. Acho que o último barco dos correios veio no Natal de 1951. — Irene fez um gesto amplo que abrangia a sala onde estávamos, a porta torta, as janelas tortas, os postes tortos que sustentavam o andar de cima e a escada torta que levava até lá. — Não preciso dizer que logo tudo isso vai desabar. Eu sei disso. Mas ainda não chegou a hora.

O aposento, ao mesmo tempo cozinha, sala de jantar e de estar, ocupava todo o andar de baixo. Com um fogão de seis bocas, mesa de jantar para doze pessoas e três sofás, era grande demais para Irene. Não perguntei o porquê daquilo, deixei que ela me mostrasse como se escamar peixe, descasquei batatas, lavei a salada e fiz um molho para ela. Não sei cozinhar, mas faço molhos de salada. Irene perguntou o que eu fazia em Sydney, o que fazia em Frankfurt, perguntou pela minha mulher e pelos meus filhos e se eu estava satisfeito com a minha vida. Na verdade, eu não queria revelar mais de mim do que ela revelava de si, mas Irene transformava as poucas perguntas que eu fazia em novas das muitas perguntas dela e não dizia nada de si mesma. No entanto, quando finalmente nos sentamos à varanda para comer, um pouco de intimidade parecia ter se instalado — enquanto cozinávamos, falávamos, e, eventualmente, nos poucos toques que ocorreram porque eu a segurei quando ela subiu numa escadinha para tirar de um armário alto um frasco de azeite, e porque ajudei com o ralo entupido e uma gaveta emperrada.

Antes de ver o barco, eu o escutei. Todo aquele tempo não tinha olhado o relógio. Quando ouvimos o tuque-tuque do motor, Irene disse:

— Você não veio até aqui à toa. Quando vai começar a falar?

— Eu volto amanhã.

— Então pode ficar aqui. Lá em cima tenho seis quartos vazios, vou encontrar um pijama para você, alguma cueca limpa e um macacão para você não se sujar quando me ajudar amanhã.

Fui até o píer e falei com Mark. Ele perguntou se eu não queria lhe dar as chaves do carro. Ele poderia trazer a minha bagagem amanhã. Para o caso de eu ficar mais tempo.

Quando voltei à varanda, ela tinha tirado a mesa e aberto uma garrafa de vinho tinto.

— Schwind quis ficar com todas as telas ou só com a sua?

Eu não queria me precipitar.

— Ele queria ficar com as telas que sentia que o definiam como artista. Não pintava telas ao acaso. Schwind queria dar respostas às questões atuais da pintura: o que ela realiza do ponto de vista concreto e abstrato, sua relação com a fotografia, como beleza e verdade se relacionam.

— E a sua tela...

— Ela devia ser uma resposta a Marcel Duchamp. Você conhece a obra *Nu descendo uma escada*? Uma figura cubista desfeita nos momentos de descida, um turbilhão de pernas, nádegas, braços e cabeças? A tela de Duchamp foi considerada o fim da pintura, e Schwind queria provar que ainda se podia pintar uma mulher nua descendo uma escada.

Eu não entendia.

— Mas por que uma tela de Duchamp devia ser o fim da pintura?

— Você veio até aqui para finalmente compreender a arte moderna? — Irene deu um sorriso amável. Mas, por trás daquela amabilidade, ocultava-se algo que eu não conseguia definir. Seria desprezo, repulsa, cansaço? Ocorreu-me que, quando estamos cansados, dizemos que estamos mortos de cansaço, mas que, embora se diga estar morto de cansaço quando se está cheio de vida, quando dizemos que estamos cansados da vida já estamos perto da morte.

— Eu quero entender o que aconteceu daquela vez. Eu facilitei tudo para você. Mas você me usou e fez com que eu sentisse isso de forma bem clara. Podia ter me ligado ou escrito uma carta, um cartão-postal. Se queria me usar e magoar, por que você não...

— ... fez tudo de maneira mais gentil? — Irene agora falava com evidente desprezo. — Para Gundlach, eu era o troféu jovem, loiro e bonito, só a embalagem contava. Para Schwind, eu era a inspiração, e para isso a embalagem também servia. Então, você apareceu. O terceiro papel de mulher idiota; depois de mulherzinha e musa, a princesa em perigo que é salva pelo príncipe. Para ela não cair nas mãos dos canalhas, o príncipe a toma em suas mãos. Pois o lugar dela é nas mãos de um homem. — Irene meneou a cabeça. — Não, eu não queria ser só

uma embalagem gentil.

— Mas eu não impus nenhum papel naquela ocasião. Quando falei com você, você podia ter me afastado gentilmente e seguido seu caminho.

— Afastado gentilmente...

— Também poderia ter me afastado com grosseria. Seja como for, não precisava ter me usado.

Irene concordou, meneando a cabeça com um gesto cansado.

— Desempenhar papéis deixa você previsível, intercambiável, usável. O príncipe que salvaria a princesa... Você me usou assim como Gundlach e Schwind.

No nosso escritório, empregávamos mais mulheres que a média. Junto com o contador do andar de baixo e o economista acima de nós, mantínhamos uma creche própria. Estimulei a carreira da minha mulher e, depois do curso de história da arte, ainda paguei um curso de direito para minha filha. Ninguém precisava me ensinar sobre o feminismo.

— Você está querendo dizer que só podia escolher entre ser um troféu, uma musa e uma princesa? Entre aquilo que Gundlach, Schwind e eu queríamos de você? Com seu dinheiro e profissão, você tinha toda a chance de se inventar. Jogar a responsabilidade...

— Responsabilidade? Você não quer entender, você quer julgar. — Ela me encarou com um olhar incrédulo. — É isso o que importa para você? Poder me julgar? Ter a consciência tranquila? A soma da sua vida não pode ser a sua absolvição! Você trabalhou, amou, casou, teve filhos...

Eu não entendia.

— Eu só queria dizer...

— É assim que se fica depois de passar a vida toda lidando com as leis? Não se trata mais de quem se é, mas de ter razão? E de que o outro não tenha?

Eu ainda não compreendia o que ela queria de mim. Anoitecera, novamente em poucos minutos. Mas não era uma noite escura, a lua lançava uma luz prateada sobre as folhas e fazia o mar cintilar. Reluzia no rosto de Irene, marcando cada ruga, cada parte de pele murcha, cada traço cansado, tão impiedosamente que senti pena dela... e de mim. Estávamos velhos, tudo aquilo já ficara para trás. Por que eu a atormentava, por que me atormentava com aquela velha história?

Mas eu não conseguia largar com tanta facilidade aquela velha história. E, quando admiti isso para mim mesmo, ela disse:

— Sinto muito por ter magoado você no passado. Eu me sentia tão aprisionada que só queria fugir, o resto não tinha importância. Quando me lembro de tudo aquilo... de como você ainda era uma criança.

Se naquela época eu ainda era uma criança, o que era agora? Deitado na cama, não consegui dormir por causa daquele comentário de Irene. Naturalmente, agora sei muito mais sobre as pessoas do que naquela época, como as encontramos, o que lhes devemos, o que não devemos lhes conceder, o que acontece com acordos e diante da justiça. Mas, naquela época, eu também sabia tudo isso e não me sentia uma criança.

O quartinho que Irene havia me dado ficava voltado para o mar. Quando prestei atenção, escutei, no silêncio, as ondas na praia; elas marulhavam sobre a praia e, ao voltar, pareciam farfalhar escorrendo entre seixos. O quarto estava claro com o luar; eu enxergava nitidamente o armário, a cadeira, o espelho.

Quando prestei atenção, também pensei ouvir a respiração de Irene. Não era possível. Havia um quarto entre o meu e o dela. Mas, se não era a respiração de Irene que ouvia, era a da casa, e isso não era possível mesmo. Um sopro constante, um inspirar e expirar pesado. Então, escutei algum animal gritar lá fora, um som estridente, interrompido como se acordasse de um pesadelo ou congelasse diante de algo terrível.

Ou tinha se assustado com o vento que soprou de repente. E que não se anunciou: soprou em torno da casa como vindo do nada, sacudiu as paredes fazendo ranger as vigas. Levantei-me, fui até a janela e esperei as primeiras gotas. Mas o céu estava limpo, a lua, brilhando. O vento não trazia chuva, só curvava as árvores e fazia a casa gemer.

Achei o vento sinistro. Não trouxe nuvens nem chuva e não tinha o direito de se exibir dessa forma, mas se exibia. Não soprava em mim, mas ao meu redor e através de mim, e senti minha efemeridade assim, como o vento fazia a casa sentir sua fragilidade. E achei isso ainda mais sinistro. Na varanda, um vulto agachado virou o rosto para mim. Um rapaz de pele escura, cabelo curto, nariz largo e boca larga, pés no chão, joelhos dobrados sem apoiar o traseiro no chão. Pensei que, se eu me agachasse daquele jeito, cairia para trás, e que ele devia ter olhos muito fundos, pois eu não via o branco das órbitas. Vi apenas que me olhava, imóvel e enigmático.

Eu deveria acordar Irene? Mas aquele seu jeito tranquilo de ficar agachado, a lua brilhante e o rumor do vento não indicavam que ele planejasse nos atacar, sozinho ou com outros, ou que quisesse botar fogo na casa. Eu não achava aquilo sinistro por ter medo. Mas porque não

compreendia o que tudo aquilo significava — o rapaz, o vento, o que Irene tinha dito e o que me mantinha ali.

Quando acordei o céu ainda estava pálido. Ouvi um farfalhar alto, fui até a janela e vi um bando de pássaros pretos girando acima das árvores, próximos e barulhentos ou distantes e silenciosos, e, quando estavam distantes e silenciosos, eu ouvia outros pássaros cantando sempre as mesmas duas ou três notas, ou soltavam um grasnado idêntico e curto repetidamente, ou pipilavam sempre o mesmo *staccato* trêmulo, então me pareceu serem bicos escancarados em desespero, até que o bando inteiro voltou, seu som encobrindo todos os outros.

Na cadeira havia um macacão, como ontem à noite houvera um pijama em cima da cama. Ouvi Irene descer a escada devagar e mexer em alguma coisa na cozinha, então me vesti.

No café da manhã, Irene me disse que seu jipe estava com um pneu furado, a manivela do macaco, quebrada, e eu teria que erguer um pouco o carro para ela poder empurrar uma pedra debaixo e trocar o pneu.

— Mas me disseram que nenhuma estrada chega até aqui.

— Quando esse lugar foi transformado em reserva ambiental, abandonaram as estradinhas. Elas foram bloqueadas lá, onde deveriam desembocar na rede rodoviária. Mas as velhas trilhas bastam para o velho jipe e dá para contornar as cancelas. Nós aqui sabemos como sair, por sorte os lá de fora não sabem como entrar.

— Nós?

— Tem mais duas propriedades aqui. Mais tarde eu tenho que ir até lá.

O jipe era pesado demais para mim. A madeira que eu queria usar como alavanca quebrou. Por fim, encontrei um cano de ferro, consegui erguer o jipe, Irene empurrou uma pedra embaixo dele. O resto foi simples, embora eu não conseguisse lembrar a última vez que tinha trocado um pneu.

No caminho, perguntei a Irene sobre o rapaz agachado na varanda à noite. Kari tinha sido seu cozinheiro no passado, às vezes ele ainda vinha dar uma olhada nas coisas. Ela notou que eu queria saber mais.

— Antigamente eu abrigava crianças abandonadas aqui, errantes, viciadas em álcool ou drogas. Não de forma oficial, não por meio do serviço social ou do juizado de menores, nem estou aqui oficialmente, mas as crianças apareciam porque comentavam umas com as

outras. Algumas vinham e passavam dias ou semanas para descansar um pouco, algumas ficavam por um, dois anos. Algumas depois voltavam para a escola ou conseguiam um emprego. Outras voltavam mais tarde, num estado pior que antes. Se ainda não tivessem feito 18 anos, eu as aceitava de volta. Ninguém acima dos 18, essa era a regra.

— Quantas crianças você teve aqui?

— A casa tem sete quartos, uma criança em cada um, raramente duas. Eu morava no térreo.

— E do que vocês viviam?

— Tínhamos galinhas e cabras, plantávamos muita coisa, os proprietários das outras fazendas ajudavam, às vezes as crianças traziam coisas roubadas. Elas aprenderam que é preciso dividir e que não deviam roubar só para si mesmas, e sim para o grupo.

A conversa transcorria aos solavancos. Irene dirigia depressa e com segurança sobre galhos e pedras, leitos de riacho secos e poças ressecadas, por vezes atravessava alguma moita. A trilha desaparecia a todo momento, e ela sempre a reencontrava. Eu quicava, era jogado de um lado para o outro, então meti o pé na lateral do carro e me segurei no assento, querendo que o jipe tivesse teto ou porta. Mas era aberto, um jipe antigo como o de um filme de guerra.

— Onde você arranjou esse jipe?

Irene riu.

— Roubado. No começo, tínhamos que carregar tudo de um lado para o outro por aqui. Um dia, Arunta e Arthur apareceram com o jipe, que estava na garagem de um colecionador. Os dois estavam comigo há um ano, tinham 18 anos e sabiam que não podiam ficar. Mas queriam facilitar a nossa vida. — Ela riu de novo. — Não sou a favor de coleções, e você?

Então, chegamos a um vale com um riozinho quase seco, campos, árvores e vacas reunidas à sombra de um salgueiro, como num quadro holandês do século XVII. No fim do vale ficava a primeira fazenda. Uma grande casa de madeira, dois galpões, alguns homens e mulheres jovens, muitas crianças, porcos e galinhas. Eles me cumprimentaram brevemente e não me deram mais atenção. Irene entrou na casa; depois de algum tempo eu fui atrás dela. Encontrei-a na cozinha; estava retirando um curativo do ombro de uma mocinha, analisava a ferida, tirou uma pomada de uma latinha e passou na jovem, em seguida, fez um novo curativo.

— Ela quis atravessar a parede com o ombro — disse Irene quando me viu —, e nunca mais vai fazer isso, não é mesmo? Você não vai mais fazer isso.

A menina fez que não com a cabeça.

A outra fazenda parecia abandonada. A velha que abriu a porta me lançou um olhar desconfiado e hostil, pegou Irene pela mão, levou-a para dentro da casa e fechou a porta. Fiquei sentado no jipe, observando a casa em ruínas, os galpões quase desmoronando, as ferramentas enferrujadas, e procurei afastar a melancolia que pairava naquele sítio e que queria me dominar também.

— Ele não vai mais aguentar por muito tempo — disse Irene quando voltou a se sentar ao meu lado.

— E aí?

Deu partida no jipe.

— E aí que ela também não vai mais aguentar por muito tempo, e os jovens da outra fazenda finalmente vão assumir esse lugar. Eles teriam feito isso há muito tempo, e também teriam cuidado dos velhos, mas os dois não queriam isso. E se tornaram muito hostis. — Ela deu de ombros. — Nós aqui não somos melhores do que vocês lá de fora. No começo eu pensava assim, mas não é verdade.

— Você virou médica?

— Enfermeira. Para a maioria das coisas, isso basta. E, se precisasse usar algum aparelho, eu não poderia fazer nada, mesmo que fosse médica.

Imaginei as situações, um apêndice infeccionado, um infarto, câncer. Imaginei como as crianças teriam aulas, como ela conseguiria lápis, papel e livros. O que mais as pessoas ainda precisariam lá de fora? O que unia as pessoas da primeira fazenda? Eram famílias jovens que simplesmente moravam na mesma casa, uma comunidade, uma seita? O que Irene havia procurado naquele lugar, e o que tinha encontrado?

— Eu usei outras pessoas ainda pior do que usei você.

— Você tirou dinheiro delas? Prejudicou a reputação delas? Tirou suas vidas? — Falei quase com indiferença, tudo me parecia totalmente absurdo.

Ela riu.

Eu não gostava das risadas de Irene. Ela ria como se ri de uma piada ruim ou de um truque barato ou de uma desgraça diante da qual se deveria chorar.

Irene não disse nada. Eu também não sabia o que dizer. Embora o trajeto por aquele terreno não permitisse conversas, o silêncio entre nós era eloquente. E, depois de chegarmos e de ela estacionar, Irene continuou sentada.

— Você me ajuda a subir até o meu quarto? Eu não consigo sozinha.

O jipe ficava acima da casa e, na descida, ela se apoiou primeiro no meu braço direito, depois tive que passar os dois braços em torno de Irene, segurá-la e conduzi-la. A escada da

casa era íngreme e estreita; Irene comentou que, sozinha, muitas vezes teve que subir de quatro, como um cachorro, por isso eu poderia carregá-la como um cachorro. Então, peguei-a nos braços, levei-a até em cima e deitei-a na cama, em seu quarto.

— Sinto muito — disse ela—, eu exagerei. Se eu fizer tudo devagar e com calma, a coisa vai. Mas não é o meu jeito. Eu exagero, aí as minhas pernas falham e não querem mais me levar, e às vezes a minha cabeça também não.

Peguei a cadeira e me sentei ao lado da cama.

— O que você tem?

— Meu cavaleiro valente. — Ela sorriu. — Nada do que você possa me salvar. Só me deixe dormir um pouquinho.

E fechou os olhos. Sua respiração ficou ritmada; de vez em quando suas pálpebras tremiam, às vezes ela passava a mão no ventre, e saliva se acumulava nos cantos da boca. Ela cheirava a doença, uma doença diferente daquelas que meus filhos tiveram com suas doenças de criança e depois gripe, resfriado ou dor de barriga. O cheiro de Irene era forte, estranho, repulsivo.

O que eu ainda estava fazendo lá? Já sabia o que queria saber. Irene até lamentava ter me usado àquela vez — o que mais eu queria?

Levantei-me sem fazer barulho, saí do quarto e da casa e descí até a praia. Minha bagagem estava no píer, um bilhete no fecho da minha bolsa de viagem. Mark tinha vindo de manhã, porque não poderia vir à tarde nem à noitinha; não havia me encontrado para me buscar, mas, mesmo assim, deixara a minha bagagem.

Voltei a me sentar no banco que ficava na varanda da casa na praia. Enquanto tinha ficado sentado junto à cama de Irene, as nuvens se acumularam. Nuvens de chuva: senti frio e peguei o cobertor mofado. De novo me sentar ali, de novo passar frio, de novo o cheiro de mofo da coberta: era como se o tempo tivesse parado, e eu, com ele.

Não, Irene não moraria ali, daquele jeito, se tivesse tirado dinheiro de alguém. Quanto à reputação, se tivesse difamado alguma pessoa e nenhum jornal publicara nada a respeito, não seria algo grave. Quanto a matar, eu teria lido alguma coisa nos jornais. Ou ela teria cometido o crime perfeito? Irene?

Nunca tive vontade de matar alguém, nem concorrentes nem adversários, nem pedófilos nem assassinos de crianças, nem Pinochet nem Kim Jong-il. Não que eu valorizasse tanto assim a vida. Para mim, seu valor é um enigma. Como definir o valor de alguma coisa se quem a perdeu não sente falta dela? Mas eu abominava a violência, e bater em alguém ou apunhalar uma pessoa até a morte é simplesmente hediondo. Não é menos hediondo alguém, em vez de apunhalar ou bater em sua vítima, acionar de longe a bomba que vai dilacerar sua vítima. Talvez seja até pior, um ato de violência que ignora todos os sentimentos e inibições que surgem da proximidade com seres humanos.

Eu nunca tinha lidado com assassinos. Meu escritório não assumia casos desse tipo. Mas eu não conseguia imaginar Irene como assassina. Ela sabia se controlar, sabia se impor. Não me ocorria nada que pudesse levá-la a matar. Mesmo que seu segundo marido a visse apenas como um troféu, como o primeiro, mesmo que seu amante seguinte tivesse querido usá-la novamente, se o chefe cujos avanços ela recusara a tinha rebaixado de posto, ou o vizinho a havia assediado na escada, Irene teria sabido se defender de tudo isso. Se um roubo ou ataque a Irene tivesse custado a vida do agressor, teria sido por legítima defesa, e ninguém poderia acusá-la e ela não deveria se culpar por isso. Então, do que ela havia falado?

Estava cometendo o mesmo erro que havia cometido no passado. Naquela vez, eu pensava saber quem ela era e não sabia coisa nenhuma. Nossa intimidade só existira na minha fantasia. E mais uma vez eu estava pensando que podia mergulhar em sua mente e em suas emoções. Ela me era próxima. Por quê? Só porque havia entrado nua na minha vida? Num quadro?

Levantei-me, dobrei a coberta, subi até a casa na encosta e fui para a cozinha. No armário da despensa encontrei espaguete, latas de tomate e um frasco de azeitonas, na prateleira de temperos, anchovas e alcaparras. Não era fácil para mim cozinhar, mas eu não tinha pressa. Quando ouvi Irene se levantar e ir até a escada, a mesa estava posta e a comida, pronta. Ajudei-a a descer, levei-a até a mesa e a servi. Ela me olhava; eu estava orgulhoso, Irene via meu orgulho e sorria.

— Você ainda está aqui.

— O barco veio quando estávamos fora, deixou a minha bagagem e voltou. Agora você precisa me levar até Rock Harbour.

— Quando?

Dei de ombros.

— Amanhã?

— Quando quiser.

Aquilo me aborreceu. Ela não podia ter dito “Não vá ainda, você pode ficar mais um pouco”?

— As coisas precisavam ter acontecido daquele jeito? Não podiam ter sido diferentes?

Irene me olhou, espantada.

— Meu cavaleiro...

— Esqueça o cavaleiro valente. Eu te amei. Naquela época você me disse que eu nunca tinha amado, lembra?, e era verdade, eu nunca tinha amado. Com você foi a primeira vez, eu não tive muito jeito, eu sei, e não estou reclamando, seria ridículo. Eu só quero saber se poderia ter feito alguma coisa diferente no passado e se as coisas entre nós poderiam ter dado certo.

— Você quer dizer se eu poderia ter partilhado sua vida em Frankfurt com o escritório, a boa sociedade, o tênis, o golfe e os concertos na Ópera? Eu posso...

— Nós poderíamos ter nos mudado para a América, Estados Unidos, Brasil ou Argentina, eu teria recomeçado tudo com muito entusiasmo, teria aprendido os idiomas e as leis e...

— ... e logo também teria um bom escritório e faria parte da boa sociedade...

— E o que isso tem de errado?

— Alguma vez você já representou gente normal, operários, locatários, pacientes prejudicados por hospitais, mulheres espancadas pelos maridos? Alguma vez você já entrou com uma ação contra o Estado, a polícia, a Igreja? Defendeu perseguidos políticos? Alguma vez você arriscou alguma coisa? Eu procurava alguém assim, capaz de arriscar a própria vida. O que foi que você disse ontem? Acordos e fusões empresariais? Quem se interessa por quem faz acordo com quem e quem se funde com quem? Nem mesmo você deve se interessar por isso. Você aprecia o que faz porque é fácil, é uma coisa com que não podem manipular você, mas você pode manipular os outros com isso. Você curte o dinheiro que ganha, os bons hotéis e voos de primeira classe. Alguma vez você já se interessou por saber se há justiça no mundo?

— Em acordos e fusões empresariais também pode haver justiça e injustiça. Agora mesmo, quando eu...

— Você nunca sonhou com mais do que isso? Com justiça para os explorados e oprimidos? Diga que você não foi sempre assim!

Eu não me sentia confortável sob o olhar dela. Remexi no meu espagete e comecei a comer. Irene também comeu, mas seus olhos estavam fixos em mim, ela esperava pela minha resposta. O que eu poderia dizer? Tinha orgulho do meu senso prático, e a fantasia mais extravagante da minha vida fora mudar para Buenos Aires, trabalhar como garçom à noite e estudar de dia — para em breve estar de novo por cima. E eu nem conseguia imaginar como seria se tudo isso desse errado, e eu tivesse que viver com Irene em Buenos Aires para sempre num buraco qualquer, lutando por pequenas causas e engajado em questões políticas obscuras.

— Sim, eu sempre fui assim. Sonhava em morar com você em Buenos Aires, estudar de dia e trabalhar como garçom à noite, e por uma nova vida com você até teria virado vaqueiro, ou lavador de pratos em Nova York, ou lenhador nas Montanhas Rochosas. Mas, no fim desse sonho, havia uma vida boa. Os explorados e oprimidos, esses têm que dar um jeito sozinhos.

Ela olhou para a comida.

— Está boa.

Comemos, servi mais um prato a Irene, servi mais vinho e água. Um tempo depois ela disse:

— Não se preocupe. Você não poderia ter agido diferente no passado. Só se fosse outra pessoa.

Depois que tirei os pratos, lavei a louça e voltei à mesa, Irene estava com os braços apoiados nela, a cabeça apoiada nos braços, dormindo. Quando a levei para o quarto da outra vez, ela tentou se fazer leve, mas desta vez pesava muito nos meus braços. Deitei-a na cama, tirei seus sapatos, a calça jeans e a camisa grossa, puxei a coberta de baixo dela e a cobri.

A chuva pela qual eu esperava não chegou, e me sentei na varanda. Às vezes, a lua aparecia entre as árvores, fazendo o mar reluzir. Fora isso, escuridão total. As cigarras faziam tanto barulho quanto uma árvore cheia de pássaros.

Irene tinha sido muito arrogante. Eu deveria ter sido outra pessoa? Sonhando com justiça para os explorados e oprimidos, e não só sonhar, mas dedicar minha vida a eles?

São necessários muitos pedreiros para construir a catedral da justiça, alguns fabricam paralelepípedos; outros, pedestais e frisos; outros ainda, ornamentos e estátuas. Uma coisa é tão importante quanto a outra para o projeto; acusar e defender são tão importantes quanto julgar; redigir contratos de aluguel, de trabalho e pactos antenupciais é tão importante quanto configurar fusões e aquisições; os advogados dos ricos são tão importantes quanto os dos pobres. Sim, a catedral também cresceria sem o meu trabalho. Cresceria sem aquele friso ou ornamento. Mesmo assim, eles faziam parte do todo.

Ocorreu-me o que Irene perguntaria com ironia. Como eu sabia que estava participando da construção de uma catedral, e não de um edifício de apartamentos, de um estabelecimento comercial ou de uma prisão?

Outra coisa me ocorreu. Eu tinha acabado de começar no escritório Karchinger & Kunze quando assumi a defesa de um ex-colega de escola e faculdade. Ele tinha voltado à nossa antiga escola e convencido alguns estudantes, rapazes e moças, a participarem de uma manifestação. Estava saindo com eles do pátio da escola quando um professor interveio e houve briga, e o professor caiu e se feriu. Meu ex-colega não tinha dinheiro para a defesa? Será que ele havia me desafiado dizendo que defendê-lo estava muito acima da minha capacidade? Ou me adulava dizendo que eu era particularmente adequado para sua defesa? Seja como for, assumi o caso. Fiz tudo de graça, informei apenas o chefe do escritório, não disse nada a Karchinger nem a Kunze. Mas eles descobriram e ficaram furiosos. Eu havia defendido alguém que infringira a lei, o que pensariam os clientes empresários e industriais?

Tive que desistir do caso e, embora tivesse encontrado um substituto, meu ex-cliente foi condenado. O fato de desistir da defesa logo depois de o professor voltar ao hospital e de ter sido considerado que não seria uma mera acusação por agressão, mas, sim, um caso mais grave, fez parecer que eu estava me afastando do meu antigo colega. Isso não facilitou a defesa.

Eu teria conseguido uma absolvição? Estava confiante de que sim. Queria ganhar meu primeiro e talvez único processo penal, trouxera ao caso um investigador particular, descobrira que o porteiro, indignado, era quem tinha começado a briga, que o professor sofria ataques epiléticos na época. Eu havia repassado tudo isso ao advogado de defesa substituto, mas ele não era bom o bastante. Talvez outro advogado tivesse sido melhor — e mais caro. Eu tinha prometido ao meu ex-colega assumir as despesas.

Ele nem sequer podia pagar o advogado que eu havia arrumado como substituto, muito menos um bom advogado. Eu não lhe devia nada. Tínhamos sido amigos na escola e nos primeiros semestres da faculdade, mas isso fazia muito tempo. Ele era um estudante eterno, eu não queria desperdiçar a minha vida, assim, pouco depois, não havia nenhuma ligação entre nós. Naquela época, as sentenças eram draconianas quando se tratava de política, e ele recebeu pena de prisão sem condicional. Talvez nem fosse tão ruim para ele, talvez não lhe fizesse grande diferença vagabundear dentro ou fora da prisão. Não o visitei na cadeia, e depois ele não entrou mais em contato. O que teria acontecido com ele?

Eu não devia nada a ninguém. Nem precisava agradecer a ninguém por nada. Se recebo alguma coisa, retribuo. Se alguém é generoso comigo, retribuo sendo duas ou três vezes mais generoso. Posso dizer que em minhas amizades e relações todas as contas são equilibradas. Na profissão é diferente, porque nesse caso não se deve essa vantagem nas contas à generosidade alheia, mas à própria competência.

Chovia. Não pude ficar na varanda, parei à porta e fiquei escutando a água cair. Até que ouvi um barulho estranho lá em cima e me sobressaltei. No quarto de Irene, o vento havia feito a cortina sair pela janela, e o tecido encharcado batia na parede da casa. Puxei a cortina para dentro e, com esforço, fechei a janela.

O sono de Irene era agitado. Acendi a vela ao lado da cama e vi mais uma vez suas mãos encarquilhadas, as pálpebras trêmulas e o suor na testa e acima do lábio; às vezes, ela murmurava alguma coisa que eu não entendia. Limpei o suor do seu rosto. Quando quis estender melhor a coberta sobre ela, vi que a camiseta e a calcinha estavam encharcadas de suor. Era preciso achar pijama e toalha, tirar suas roupas molhadas, secá-la e colocar o pijama nela. Porém, eu me levantei e fiquei olhando para Irene e me perguntando o que eu tenho a ver com essa mulher.

Mas fiz o que tinha que ser feito. Encontrei pijamas no armário e toalhas no banheiro. Quando ergui Irene e tirei sua camiseta, ela passou os braços pelo meu pescoço sem falar nada, sem abrir os olhos, sem acordar. E, quando coloquei nela o casaco do pijama, fez o mesmo movimento. Talvez Irene só quisesse me ajudar a levantar seu corpo, como tinha aprendido como enfermeira e ensinado aos seus pacientes, mas aquilo me tocou como um gesto delicado e infantil. Tirei sua camiseta e sua calcinha, vesti o pijama nela. Enquanto isso,

eu a secava, ombros, peito, barriga e coxas. Ela devia ser mais pesada antigamente; a pele estava grande demais para o corpo. Senti de novo o cheiro da doença.

Às vezes, olho meu corpo nu no espelho e sinto pena dele. Quanta coisa ele viveu, como se esforçou, como se extenuou! Não sinto autopiedade, desprezo isso. A compaixão não se dirigia a mim, mas ao meu corpo. Ou ao passar do tempo em si. Agora lamentava o corpo de Irene. Tão frágil, vulnerável, necessitado, tão confiante ao passar os braços pelo meu pescoço, me despertava piedade. Apesar disso, estava aborrecido por ela não ter me convidado a ficar mais tempo.

Na hora do café da manhã, Irene falou dos seus planos para o dia. Precisava dar uma injeção no velho. Queria assar pão com os jovens — quinta era o dia de pão. Não se ofereceu para me levar a Rock Harbour, e eu não pedi a ela que me levasse. Quando a acompanhei até o jipe, Irene disse:

— Volto na mesma hora de ontem, espero que em melhor estado. Você vai cozinhar de novo?

Sentei-me outra vez no banco da varanda. Diferentemente dos outros dois dias anteriores, o sol brilhava, eu não sentia frio nem precisava de coberta. Mas, novamente, parecia que o tempo tinha parado, e eu com ele.

Eu precisava tomar algumas decisões. Tinha que ligar para o escritório. Tinha que distribuir tarefas. Um bom escritório funciona como uma máquina, cada engrenagem entrando em ação no momento certo, parando no momento certo e, quando uma engrenagem falha, outra logo entra em movimento. Pensei por muito tempo que eu era a correia dessa máquina, e sem correia a máquina funcionaria mais um pouquinho, depois rangeria, emperraria e pararia. Mas não há correias, só rodas, e até uma roda grande não demora a ser substituída, seja por outra roda grande, seja por um par de pequenas. Se eu ficasse fora por muito tempo, o escritório não iria parar. Mas não fica bem simplesmente se ausentar. Se o chefe não se porta como se fosse insubstituível, os sócios também se sentem substituíveis e perdem a motivação.

Na verdade, o correto seria todo mundo ter que trabalhar, mas poder decidir a hora de parar. Nessa hora, a sociedade deveria lhe pagar por mais três anos o que a pessoa precisasse para levar uma vida confortável. Depois teria que se despedir da vida, mas decidindo de que maneira faria isso.

Sei que isso nunca vai acontecer. Mas não resolveria apenas o problema da nossa sociedade que está envelhecendo. Também daria a cada um o controle da sua vida. Quem não quiser mais trabalhar aos 26, tornando os últimos anos da sua juventude os últimos da sua vida, saboreando-os plenamente, pode parar de trabalhar aos 26, e, quem não quiser parar, pode trabalhar enquanto tiver vontade, embora arriscando certo dia ter ficado velho demais trabalhando para poder gozar dos três anos livres.

Pelo menos eu não exijo mais que três anos depois do fim da minha vida profissional. Não entendo os aposentados e pensionistas que viajam para a China e passam dois dias em Xangai, três em Pequim, um na Grande Muralha e cinco na praia de Qingdao. Nessas viagens, eles não veem mais do que veriam na televisão. Já sabem o que vão contar sobre a viagem aos outros aposentados e pensionistas quando voltarem para casa. Os filhos não querem saber de nada que eles relatam. Quando eles querem aproveitar as recordações porque não podem mais viajar, já vão ter se esquecido das viagens. Ficar velho para só então ver o mundo — que bobagem. E ficar velho demais para acompanhar os acontecimentos do mundo ou ver os netos crescerem também é bobagem. Por que ler um livro sabendo que não poderá ser lido até o fim, que ele terá que ser fechado e largado na metade?

Três anos dessas bobagens bastam. Três anos! Refleti, mas não me ocorreu com que bobagens eu preencheria esses meus três anos. Nem me ocorreu por que eu deveria voltar a me importar com fusões e aquisições. Essa dupla constatação me deixou inquieto. Até que adormeci, aquecido e cansado do sol.

O helicóptero me despertou. Não vinha sobre o morro, mas ao longo da costa, entrando na enseada e circulando sobre a praia e o píer. Depois se afastou da enseada, assim como tinha vindo. Voava baixo, fazia muito barulho, as pás estalavam e chiavam, deixando o mar agitado.

Não havia nenhuma identificação, não era da polícia, do serviço de resgate nem de nenhuma emissora de TV. O metal reluzente, as janelas como espelhos e a chegada barulhenta e rasante sobre o mar revolto eram como um ataque. Eu me levantei assustado e confuso. Serviço secreto? No que Irene estaria metida? Ela estava no país ilegalmente, mas para isso o serviço secreto não enviaria um helicóptero, ou talvez não fosse o serviço secreto, mas o crime organizado; de qualquer forma, ela devia ter feito algo muito grave. Ou havia investidores no helicóptero planejando transformar a enseada num *resort*? Não, a enseada era uma área de proteção ambiental, não havia investidores no helicóptero, mas agentes ou mafiosos, de terno ou jaqueta de couro, notebook ou pistola, ou ambos. Eu deveria avisar Irene? Eu seria capaz de encontrá-la?

Senti que não estava mais sozinho na varanda. Olhei ao redor. A alguns passos de mim estava o rapaz que duas noites antes tinha se agachado na varanda, com profundos olhos negros me encarando. Kari. Seus traços eram tão estranhos que não consegui definir sua idade. Devia ter mais de 18, idade suficiente para avisar Irene.

— Você consegue encontrar Irene?

— O que eles querem?

— Não sei. Mas ela devia saber que um helicóptero passou por aqui.

Ele concordou balançando a cabeça e saiu correndo, rápido, ritmado e sem parecer se esforçar. Fiquei olhando e escutando até ele desaparecer no meio das árvores do morro. Por um momento houve silêncio. Voltei a ouvir o farfalhar das ondas nos seixos quando a água voltava para o mar. Pisquei à luz do sol.

Então, o helicóptero voltou. Primeiro o escutei, depois pude enxergá-lo. Voou em direção à velha casa em cuja varanda eu estava, pairou no ar, baixou e aterrissou no píer. O mar ficou agitado outra vez. Depois, o motor foi desligado, e a hélice parou. O piloto saiu e ajudou o passageiro a desembarcar. Um homem velho, magro, de bengala, cabelo branco curto,

postura ereta e movimentos firmes. Gundlach.

— Foi Schwind que o mandou? O senhor o representa de novo? Ele quer o quadro, não é?

Gundlach me encarava, vindo na minha direção, apoiado na bengala e ao mesmo tempo cheio de energia, falando sem parar. Então parou diante de mim.

Ele me incomodava. Eu nunca havia gostado de Gundlach, desde que ele tinha ido à minha casa e agarrado meu braço, sempre o achara desdenhoso nos nossos encontros sociais, e naquele momento o achei rude.

— O senhor não lhe deu o quadro? Não foi para isso que ele levou Irene à sua casa? E o senhor não conseguiu fazer Irene ficar?

Ele fungou com desprezo.

— Aquilo foi um disparate juvenil. A tela é minha. Ela desapareceu, e agora reapareceu. O seu cliente...

— Schwind não é meu cliente.

— Então o que o senhor está fazendo aqui?

— Isso não é da sua conta.

Gundlach fez um gesto de desdém.

— O senhor sempre foi muito sensível. Na verdade, é espantoso que tenha sido bem-sucedido como advogado. Quando Irene volta?

Dei de ombros.

— Então, vou dar uma olhada por aqui. Ela escolheu bem esse lugar, ninguém aparece, ninguém a perturba e, na verdade, esta propriedade nem pertence a ela. Por um lugar desses, mesmo eu precisaria trabalhar muito.

Ele se afastou, virou-se de novo e me examinou.

— O senhor por aqui... — Balançou a cabeça. — Sempre suspeitei do senhor. Mas não quis acreditar que daria certo como advogado. — Depois deu uma risada. — Seja como for, o senhor teve um bom faro, melhor que o meu. Se eu tivesse adivinhado que um dia a tela valeria mais de vinte milhões...

Eu o segui com o olhar quando entrou na casa, saiu de novo, subiu a escada para o andar de cima e desapareceu lá dentro. Bateu com força a bengala nos degraus da escada e nas tábuas do assoalho; quando não o avistei mais, ainda escutei as batidas por algum tempo.

Depois, tudo se aquietou. O piloto estava sentado à beira do píer, balançando as pernas e fumando um cigarro.

Fui ao encontro de Irene seguindo a trilha que levava às fazendas até onde era possível. Então, me sentei numa pedra e aguardei. O ar estava mais uma vez dominado pelo aroma de pinheiros e eucaliptos e pelo chiado das cigarras. Apesar da chuva do dia anterior, tudo estava seco, a grama e os arbustos estavam marrons, as árvores estendiam seus galhos ressequidos para o céu. Ouvi o jipe ao longe.

Irene parecia mais uma vez esgotada. Eu lhe disse que Gundlach tinha aparecido, e ela não ficou espantada, como eu esperava, mas animada; seus olhos brilharam, suas faces ficaram coradas, a voz, forte. Ela quis saber sobre o que tínhamos conversado, e eu contei.

— Sim — disse Irene, dando uma risada —, ele é assim.

— Você estava esperando por ele?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Você entregou a tela à Galeria de Arte para atrair Gundlach?

Irene deu de ombros, esquivando-se de responder, concordando, negando, talvez aborrecida com a expressão “atrair”.

— Schwind também vem?

— Espero que sim.

— E, quando você entregou a tela à galeria, também pensou em mim?

— Se eu também quis atrair você para cá? Eu queria ver Peter e Karl mais uma vez. Mas não pensei em você.

Eu sabia que não tinha o direito, mas fiquei magoado. Ela percebeu, apesar dos solavancos do jipe, e botou a mão no meu braço. Eu a afastei.

— Está tudo bem, você precisa das duas mãos no volante.

— Eu quero saber o que sobrou de tudo aquilo. E o que naquela época... Será que eu era mesmo só um troféu e uma musa para eles? E o que os dois foram para mim? Acho que devo ter amado isso neles, essa coisa incondicional, a falta de escrúpulos com que Peter queria ficar cada vez mais rico e poderoso, e como Karl queria pintar a tela perfeita. Os dois eram obcecados, e eu procurava alguma coisa que também me possuísse. Eu tinha herdado algum dinheiro, minha mãe me deixava fazer o que eu bem entendesse, só queria que eu também deixasse que ela fizesse o que quisesse, eu tinha estudado história da arte, trabalhava no

museu e pensei... realmente pensei que com o homem certo eu encontraria a vida certa. Uma vida em que algo grandioso tomasse posse de mim, e por quem eu poderia dar tudo.

Por que ela não tivera filhos em vez de mais tarde procurar crianças de rua? Em vez disso, perguntei o que poderia ter sobrado.

— Gundlach ainda querer ser mais rico e poderoso? Schwind ainda querer pintar a tela perfeita?

Ela parou o jipe.

— Não sei.

— Os dois ainda amarem você?

— Isso seria tolice. — Ela se calou, depois disse, lenta e hesitante: — Eu ficaria feliz se pudesse reconhecê-los. E se reencontrasse em mim a razão pela qual os amei. Por que os abandonei. Você teve uma vida normal. A minha parece um vaso que caiu no chão e se despedaçou.

Irene e Gundlach se cumprimentaram com um abraço. Encheram-se de perguntas, até perceberem, rindo, que eram perguntas demais, grandes demais. Ficaram nas mais simples. Ele dormiria ali? O piloto também? Estavam com fome? Gundlach mandaria buscar o jantar com o helicóptero mas também ficaria satisfeito com qualquer coisa que Irene botasse na mesa. Enquanto Irene e eu cozinávamos, ele ficou em pé ao nosso lado, apoiado na bengala, falando do artigo do *New York Times* e das notícias a respeito na imprensa alemã. O quadro *A mulher na escada*, que tinha lugar garantido nos catálogos da obra de Schwind, mas nunca fora exposto, e sobre o qual Schwind era sempre evasivo, tinha uma aura misteriosa que tornava sua exposição na Galeria de Arte de Nova Gales do Sul uma sensação.

Gundlach chamou o piloto para comer e depois o dispensou. Gostaria de me dispensar também. Quando Irene botou velas e vinho tinto na mesa, ele perguntou:

— Podemos conversar a sós?

Ela sorriu e disse:

— Não tenho segredos com ele.

Fiquei feliz, embora não fosse verdade.

Gundlach falou dos seus sucessos e dos seus filhos, da sua preocupação com o futuro da empresa e do país, do seu orgulho com o que realizara na vida. Não parecia uma pessoa obcecada, mas um burguês presunçoso fazendo uma prestação de contas presunçosa. Como fez comigo, Irene respondia às perguntas de Gundlach sobre sua vida com outras perguntas, e nada revelava de si mesma. Isso não pareceu perturbar Gundlach; perguntei-me se ele, como eu, era educado demais para demonstrar sua irritação ou se não insistia porque já sabia o que precisava saber. Sempre que Irene se esquivava de uma das suas perguntas, Gundlach sorria.

Então, falou sobre seu casamento. Era feliz, sua esposa era uma boa mulher, uma corretora bem-sucedida e ao mesmo tempo disponível quando ele precisava dela. Mas era tão jovem que o fazia constantemente se sentir velho. Encarou Irene.

— Você também era jovem, mas com você nunca me senti velho. Eu sei, eu era mais jovem que hoje, e nossa diferença de idade é menor. Mas não era só isso. Quando vi você agora, no quadro, voltei a me sentir jovem. — Ele sorriu. — Quadros impedem a passagem do tempo.

Pedi que você fosse retratada àquela vez para permanecer jovem, e eu junto com você. — Gundlach se inclinou e tomou a mão de Irene. — Eu fiz tudo errado naquela época. Você não poderia ter vivido comigo. Mas deixe seu quadro comigo.

Irene fitou o mar. Seu rosto havia perdido todo o frescor, toda a cor, era pura exaustão, puro cansaço. A trégua na sua doença, sobre a qual não queria falar comigo, tinha acabado. Ela passou a mão na cabeça de Gundlach, como o carinho que se faria num cachorro que se aproximasse e se sentasse ao nosso lado, e se levantou. Mal conseguia se manter de pé, mas, quando eu quis me levantar para ajudá-la, lançou-me um olhar proibitivo. Não queria parecer fraca diante de Gundlach.

— Boa noite.

Irene andou lentamente até a escada e a subiu; antes de cada passo fazia uma longa pausa, reunindo forças para o degrau seguinte, mais um e mais outro. Me doeu ver isso.

— O que ela tem? — perguntou Gundlach num sussurro.

— Pergunte a ela. — Então não pude me conter. — O senhor exagerou. Na verdade, me espanta que tenha tanto sucesso nos negócios e na política. Pensei que para isso também fosse preciso certa sensibilidade.

— O senhor enxerga as pessoas de forma simplista demais. Um coração lírico e a mente de um comerciante... Não quero me comparar com Rathenau, mas é possível combinar as duas coisas, e o fato de eu querer viver com aquele quadro e, ao mesmo tempo, possuir os milhões que me são devidos não é uma contradição.

— O senhor leu Rathenau?

— Sim, eu li Rathenau, Weber, Schumpeter e Marx, caso esses nomes signifiquem alguma coisa ao senhor. Não penso só em balanços e câmbio. E, se eu tiver razão sobre o senhor ter ajudado Irene e mencionar isso no processo, a carreira do senhor como advogado estará acabada. É melhor rezar para eu não ter que processar ninguém por causa da tela, nem Schwind, nem Irene.

Ele estava falando cada vez mais alto. Pedi que baixasse o tom, Irene queria dormir.

— Não existe motivo para que ela não ouça o que estou dizendo. Aqui, aliás, parece que todo mundo sabe tudo; eu não consigo falar com Irene sem que o senhor esteja junto. Dê um passeio amanhã, um belo e longo passeio. Estamos entendidos?

Enquanto eu ainda refletia se devia concordar, balançando a cabeça só para Gundlach falar baixo, Kari saiu da escuridão. Ele não fez nenhum gesto ameaçador, mas parecia ameaçador. Encarou Gundlach e botou a mão sobre a boca. Gundlach fitou Kari como se fosse um fantasma. Então Kari desapareceu, e Gundlach respirou fundo, sacudindo a cabeça.

— Eu... Eu vou para a cama.

Na manhã seguinte, Irene não se levantou. Eu acordei com o toc-toc-toc da bengala de Gundlach nos degraus da escada, me vesti, fui até a janela e o vi parado na praia, observando o mar. O piloto devia ter se levantado sem fazer nenhum barulho e saído. Estava de novo sentado no píer, balançando as pernas e fumando.

Irene teria chamado? Bati à sua porta, e ela disse com voz fraca: “Entre.” Estava deitada na cama, cabeça e travesseiros apoiados na parede, com uma aparência tão péssima, de rosto pálido, faces encovadas, cabelos molhados de suor, que meu primeiro impulso foi levá-la imediatamente de helicóptero ao hospital. Sentei-me na beirada da cama e peguei sua mão.

— O que foi?

Ela fez que não com a cabeça.

— Mas comigo você não tem segredos.

Irene sorriu.

— Só alguns...

— De helicóptero a gente chega...

— Eu já vou me recuperar. Hoje... Você pode me trazer um café bem forte?

Tudo o que eu fizesse seria errado. Levá-la até o helicóptero e ao hospital seria errado. Ajudá-la a se animar com café para que corresse o dia todo e ficasse exausta à noite seria errado. Deixá-la na cama e cuidar dela até melhorar, isso ela não ia querer. Deixá-la na cama e não cuidar dela, isso eu não conseguiria.

— E se Karl vier hoje? Posso descansar quando Peter e Karl forem embora, amanhã ou depois de amanhã. Agora eu preciso me levantar. Você me ajuda? Por favor!

Assim, fiz um café forte, levei bule e xícara até a cama, peguei no armário uma bolsinha de couro da qual Irene tirou um espelhinho, um pó branco, uma lâmina de navalha e um canudinho de vidro e a vi cheirar cocaína.

A caminho do banheiro, ela ainda precisou se apoiar. Depois não precisou mais da minha ajuda; saiu do banheiro com passos pesados mas firmes e olhar desanuviado. Estava animada como ontem depois da chegada de Gundlach.

— Já é tarde. Vou preparar o café da manhã. Pode chamar os outros?

A caminho da praia vi o barco entrar na enseada e, quando cheguei até Gundlach, ele

também o tinha visto. O barco se aproximava, e na frente vinha Schwind, e, enquanto ele ficava cada vez mais nítido para nós, nós também devíamos estar cada vez mais nítidos para ele. Schwind e Gundlach tiveram tempo de se preparar um para o outro. Eu queria que os dois fossem para o inferno.

Schwind desceu do mesmo barco que tinha me trazido. Cumprimentou Gundlach e a mim com um aceno de cabeça, olhou ao redor, avaliando, e seguiu decidido até a casa na encosta. Ainda era um homem grande, com postura e movimentos mais desajeitados que no passado, calvo e emanava uma força enorme.

Quando Gundlach e eu chegamos à cozinha, Schwind estava com Irene nos braços.

— Por onde você esteve? Eu te procurei, eu sempre te procurei. — Depois, ele nos viu, largou Irene, foi até a porta, segurou-a e gritou para nos dois: — Fora!

Irene riu.

— Sentem-se! O café logo vai estar pronto.

Ela parecia saborear tudo aquilo, o abraço de Schwind, a explosão dele, a tensão na sala.

— O que estamos fazendo aqui? Vamos embora, o barco está esperando. Podemos tomar café da manhã em Rock Harbour e pegar o voo noturno de Sydney para Nova York. Eu falei com a Galeria de Arte. Uma palavra sua e eles levam a tela para Nova York, a tempo da exposição. Lembra como sonhamos com isso? Com a exposição no MOMA?

Ela confirmou acenando a cabeça.

— Sonhamos com a inauguração, com as pessoas fazendo discursos e vendo obras-primas nos meus trabalhos e me considerando um mestre e com a admiração dos convidados. Sonhamos com o caminho para casa pelo Central Park, a noite no hotel, champanhe, a banheira grande, a cama enorme com vista para a cidade. E agora chegou a hora.

Irene deu um sorriso amigável, divertido, distante.

— Parece muito bom.

Gundlach não aguentou mais.

— Besteira! O senhor teve a primeira grande exposição em Nova York há alguns anos. E talvez tivesse sonhado com ela na época. Essa retrospectiva, que já esteve em Berlim e em Tóquio e que agora vai para Nova York, com essa o senhor não sonha mais! Aliás, será que ainda sonha? Um colega o descreve como tendo uma cabeça calculista, que joga com o público, o mercado de arte e os preços. Eu sou um homem de negócios, não tenho problema com isso. Mas não conte essa historinha para Irene!

Schwind só tinha olhos para Irene. Contemplava-a com o olhar confiante e infantil que eu

conhecia de outros tempos.

— Você não esteve presente em nenhuma das minhas exposições, nem sua tela, nem você. Nova York semana que vem... Vai ser a primeira exposição em que tudo vai ser como tem que ser.

— Primeira exposição em que tudo vai ser como tem que ser — repetiu Gundlach, imitando-o. — O senhor só quer a tela, nada mais.

— Do que ele está falando? — Schwind fitou Irene como se ambos estivessem ouvindo um monte de bobagem. — Eu falei com o curador e expliquei que você cuidou da minha tela por muito tempo e que eu entendo que não posso levá-la a Nova York sem sua permissão. O que ele tem a ver com isso? — Apontou com a cabeça para Gundlach.

Antes que Gundlach pudesse explicar a Schwind o que ele tinha a ver com isso, Irene mencionou o café da manhã.

— Café quentinho, o bacon vai esfriar, tenho que botar os ovos na frigideira. — E disse para mim: — Você pode buscar o piloto? E pergunte a Mark se ele não quer vir tomar café.

Ao voltar com os dois, pairava no ar um momento de trégua. Quando Schwind falou com Irene sobre suas obras abstratas, Gundlach não interrompeu, e Schwind não o interrompeu quando Gundlach falou sobre a sucessão em suas empresas. Irene reinava entre ambos, e também sobre nós, o piloto, Mark e eu, que falávamos do primeiro e do último cigarro nas nossas vidas. Desde que eu chegara, nunca a tinha visto tão animada, radiante, bonita. Quanto tempo duraria o efeito da cocaína?

Depois do café, Mark voltou com seu barco. Irene ou eu levaríamos Schwind para Rock Harbour quando chegasse a hora. O piloto se ofereceu para levá-lo, mas Gundlach falou rispidamente que alugara o helicóptero e podia não precisar dele naquele momento, mas o piloto devia cuidar para que o troço voasse direito quando fosse preciso.

Então, Gundlach olhou em torno.

— Vamos falar disso de forma razoável. O último proprietário legítimo da tela sou eu. O senhor, Schwind, devia ter comprado a tela de mim. Como o senhor faria isso? Com base no contrato? O contrato não valia nada. Aliás, onde ele está? O senhor não ia querer insistir nisso na justiça e, depois, ler na imprensa que obtive a tela em troca da mulher, porque o quadro tem mais valor para o senhor que ela. O senhor...

— A imprensa come na minha mão. Vou contar uma versão da história que vai fazer o senhor parecer o vilão, não eu. O contrato... O contrato é antiético, agora eu sei disso, mas também sei que aquilo que se faz baseado num contrato antiético não pode ser restituído. O senhor me deu a tela na sua casa...

— Dei? A tela ainda estava no meu terreno, nas mãos do meu mordomo, e deveria passar para as suas mãos. Mas isso nunca aconteceu; o carro em que colocaram o quadro não era mais seu, mas do ladrão... ou ladra como sabemos agora, e do cúmplice dela.

— Se o senhor acha que o quadro ainda é seu, por que não prestou queixa da perda? Por que a tela não consta no registro de obras de arte perdidas?

— Por que eu não prestei queixa da perda? Naquela época eu já suspeitava que Irene tinha roubado o quadro. E não quis prejudicá-la.

— Mas como a queixa de uma perda iria prejudicar Irene? E, se não quis prejudicá-la na época, por que quer fazer isso hoje?

— Eu não quero prejudicar Irene. Só quero que ela explique na Galeria de Arte que a tela é minha. Na verdade, não existe nenhum motivo para que o quadro não fique exposto na própria galeria. E ele ainda pode participar como empréstimo da sua retrospectiva. — Gundlach se virou para Irene. — Mas você tem que acabar com esse mistério.

Ele olhava para Irene, magoado, e de repente entendi do que se tratava. Sim, era sobre a tela, era sobre o dinheiro, mas o mais importante para Gundlach era outra coisa. Ele se sentia inferiorizado diante daquela Irene risonha, como na época em que tinha sido abandonado por ela e não conseguira mais reconquistá-la. Talvez, antes disso, Gundlach já não se sentisse à altura da mulher que resistia a ele, que o rejeitava, que nunca deixara de desafiá-lo. Irene era a derrota da sua vida, e ele tinha vindo para consertar isso.

Então, Gundlach riu. Uma risada feia, cheia de ódio.

— Então, mais de novo, uma coisa de cada vez. Se ele — Gundlach apontou para mim com a cabeça — ainda tiver o contrato, nunca vai trazê-lo à tona. Ninguém redige um contrato desses, nem quando se é um jovem advogado, e, quando se fica velho, não se quer tê-lo redigido. Não, Schwind, o contrato não vai ajudá-lo em nada. Se pensa que tem Irene como testemunha... Irene também não vai ajudar. Irene, você não vai comparecer diante da justiça como testemunha. Você vai...

— Você tem razão. — Ela se levantou. — Eu não vou comparecer diante da justiça. O quadro...

Mas Gundlach não desistia do seu triunfo:

— Você é procurada na Alemanha e seria procurada na Austrália também se soubessem que está aqui. Não sei como ninguém a reconheceu. Porque você nunca foi presa, e, como se diz, fichada? Por isso a polícia não tem uma boa foto sua, só um retrato feito por um radar de velocidade em que você está de cabelo pintado e óculos escuros, de cabeça baixa? Mas eu reconheci você no cartaz de “Procura-se”, e, se você reaparecer, outras pessoas vão reconhecê-la.

Irene não respondeu. Ela olhava para Gundlach com ar de dúvida, como se não soubesse o que pensar da revelação dele, ou dele próprio, ou de si mesma. Então, sorrindo, deu de ombros.

— Você quer me denunciar?

— O que você fez no passado? Você sabia como nós vivíamos, como morávamos, como viajávamos... Você era bem útil para os seus amigos.

— Nós? — Irene encarou Gundlach com ar de zombaria.

— Eu conheço você. Sua birra, sua resistência, sua revolta. Você não quis atingir só a mim e a ele — apontou para Schwind com a cabeça — e a ele — apontou para mim. — Você quis acertar as contas com todo mundo. Até onde chegou com isso? Você pretendia um dia tocar a campainha como se tudo estivesse bem outra vez? E então, quando entrasse, ia atirar primeiro em Hannes e depois em mim? — Gundlach ficava cada vez mais indignado. — Hannes gostava de você, ele era meu mordomo, mas gostava mais de você do que de mim, e naturalmente teria deixado você entrar, e você, com toda facilidade, teria... ou primeiro em mim e depois nele... — Gundlach encarava Irene como se mesmo agora ela o ameaçasse.

— Você acha que eu daria um tiro em você?

— Se não fosse você, seriam os seus amigos com a sua ajuda. Você pensa que eu não me lembro mais? Eu me lembro de tudo, do ódio que você sentia da nossa vida, do seu sonho de doação total a uma grande causa. Estar lá, onde o presente é mais intenso, você se lembra disso? E, quando eu perguntava o que você teria feito com esse lema sob Hitler ou Stalin, você se calava com teimosia. Então, achou que seria o artista, depois a revolução. Matar o homem que você já tinha abandonado pela revolução, isso não é pedir demais?

— Ninguém queria te matar. Ninguém te achava tão importante. Você...

Gundlach se levantou de um salto. Apoiou as mãos na mesa, inclinou-se para perto de Irene e disse, agressivo:

— E se os seus amigos achassem que eu era importante? O que aconteceria? Você seria cúmplice? Você teria dado o tiro?

Eu, em geral, sou lento, mas Schwind também olhava sem fazer nada. Kari interveio. Onde quer que estivesse, ele ouviu a indignação de Gundlach, notou que Irene estava ameaçada,

chegou sem fazer barulho e ficou atrás de Gundlach, então o pegou pelos braços e o fez se sentar em sua cadeira. Gundlach estava pálido, tremia e arquejava — não sei como se parece um infarto, mas era assim que eu o imaginava.

Irene se levantou, foi até Gundlach, pegou sua mão, mediu seu pulso e balançou a cabeça: não era nada. E o envolveu em seus braços.

Ninguém queria falar. Franzindo a testa, Schwind viu Irene abraçar Gundlach. O mar lavava os seixos, e um pássaro cantava quatro tons, sempre os mesmos.

— Eu não teria feito nenhum mal a você. Por mais louca que a vida fosse, por mais louca que eu estivesse... — Irene balançou a cabeça. — Eu estava fora dos trilhos, livre de tudo que me limitava e de tudo que havia me segurado. A vida era como um vício. Depois disso, parecia que eu estava sofrendo uma crise de abstinência, com insônia, coração disparado, suores. Até tudo isso também passar e restar apenas um grande vazio; tudo estava distante, as cores embotadas, os ruídos fracos, eu nem sentia mais meus próprios sentimentos. Exceto raiva. Eu nem sabia que podia sentir tanta raiva, gritar, bater com o punho na mesa, socar a parede e, finalmente, chorar, chorar de pura raiva...

Ela largou Gundlach, que tinha se controlado de novo, fitou-nos um após o outro, notou nossa perturbação diante da confissão repentina. Sentou-se e riu.

— Então, na Alemanha Oriental, as cores estavam mais embotadas do que na parte ocidental. O reboco era de um marrom-acinzentado, como a areia de Brandemburgo, os velhos edifícios de pedra nunca eram limpos, os trens tinham um tom verde desbotado, as bandeiras vermelhas e os letreiros, tudo pálido. Mas a vida lá foi minha salvação. Depois daqueles anos loucos, foi como estar num sanatório, onde não há muita coisa, mas se tem sossego. Não havia cores ferindo os olhos, música entrando pelos poros, alusões eróticas em todos os cartazes, nem era preciso correr atrás de barganhas. No sanatório nada muda, pelo menos não de verdade, tudo transcorre dia após dia da mesma maneira.

Gundlach fez um gesto negativo.

— Você não está querendo nos...

— Eu não estou querendo fazer vocês acreditarem em nada. O Estado intervencionista, a ineficiência, a escassez... é tudo verdade. Mas eu não sofria com isso. Era... Era como se eu estivesse visitando uma comunidade *amish*. Os *amish* podem fugir, o que não era possível na Alemanha Oriental, mas também levam uma vida rigorosa e austera, e eu não queria mesmo fugir. O tempo parado, o sossego, a ausência de sensações... tudo isso me fazia bem. Celebrar a casinha concluída cujo material tinha sido conseguido com inteligência e esforço e que a família e os amigos ajudaram a construir, visitar a Ópera em Berlim com o pessoal, nas férias

remar e acampar pela floresta do rio Spree, ler os clássicos que eram fáceis de conseguir, e os outros que eram difíceis de obter... Para mim isso bastava.

Schwind deu uma risada zombeteira.

— Um idílio burguês à la Biedermeier?

— Talvez. — Irene também riu. — Talvez a comparação não seja ruim. Na burguesia do período Biedermeier também não havia liberdade política.

— Mas havia belos móveis, viagens para a França, e quem não quisesse mais isso ia para a América

— Eu não preciso de móveis bonitos. Não preciso viajar — Irene voltou a rir —, a não ser que tenha que fazer isso. Eu adorava as paisagens alegres em Saale e Unstrut, as melancólicas em Mecklemburgo e na Pomerânia, e até as paisagens devastadas das minas de linhito. Também adorava a garoa morna de verão em Bitterfeld, uma névoa feita de umidade, fumaça e produtos químicos. E a chuva de primavera, que abria buracos nas péssimas estradas e retirava a lama do inverno de buracos e fendas. Eu adorava os bondes, mas eles só podiam ser bondes, sem propagandas da Coca-Cola nem pernas esbeltas.

— A imundície lá não era melhor do que a pompa e a ostentação nazistas. — Gundlach estava furioso. — Existem verdades políticas...

— Eu vivi com um pintor. Não importa onde se esteja, a vida cotidiana não é só felicidade e desgraça, justiça e injustiça, mas existe beleza. E feiura, mas eu me alegrava com a beleza que havia lá e que nunca mais vai existir.

— E por que não ficou por lá?

— Você sabe. A partir de 1990 não havia mais um “lá”. Havia só o “aqui”, e a foto da mulher de cabelo pintado e óculos escuros.

— E por que você não foi presa?

— Como os outros? Porque assim que o Muro caiu eu fui embora. Minhas coisas antigas estavam na casa da minha mãe, meu passaporte antigo de 1980 valia até 1990, o suficiente para chegar até aqui. Nunca me procuraram pelo meu nome verdadeiro; até a Reunificação, só pela foto, e, depois, pelo nome que eu tinha usado. — Ela se levantou. — Preciso me deitar, não fiquem aborrecidos comigo. Vamos nos encontrar às cinco para tomar um aperitivo e depois comemos juntos? Pode pedir ao piloto que busque comida hoje, como ofereceu ontem? E me ajuda a subir a escada?

Eu a ajudei a subir a escada e a se deitar na cama. Dando uma olhada na bolsinha de couro, eu a tranquilizei: havia cocaína o bastante para aquela noite e para a manhã seguinte, até mais. Antes de eu sair do quarto Irene já estava dormindo.

Lembrei-me dos cartazes de “Procura-se” que por algum tempo estiveram nos correios e nas delegacias, e que apareciam na televisão depois do jornal. Nunca prestei atenção. Estaria Irene sob o rótulo de “terrorista”? Cabelo tingido, óculos escuros, cabeça baixa? Procurada por participar de assassinatos, atentados com explosivos e assaltos a bancos? Com o aviso de que poderia estar armada? Com uma promessa de recompensa? Não, eu não me lembrava disso.

Minha mulher era péssima fisionomista; prosopagnosia é, eu aprendi depois, uma disposição psíquica como a dislexia e a discalculia que faz com que a pessoa não perceba rostos nem os reconheça direito. Uma limitação grave para alguém na política; custou muita energia e disciplina a minha mulher para não ignorar as pessoas que encontrava na política municipal. Como não sabia que se tratava de uma disposição psíquica, ela se culpava, sentindo-se uma pessoa má, que não prestava atenção suficiente nos outros. Eu nunca tive problemas com fisionomias.

Não encontrei Schwind nem Gundlach na cozinha, nem na varanda. Então, escutei suas vozes na praia, mas não entendia bem o que diziam. Eles deviam estar sentados no banco na varanda da casa da praia.

Não estavam mais brigando. Pareciam estar lambendo as feridas. Seria Irene, tanto quanto era para Gundlach, a derrota da vida de Schwind? Ele teria realmente pensado, naquela época, que poderia ter as duas coisas, a tela porque Schwind lhe devia isso e Irene porque ela lhe pertencia? E Irene teria roubado as duas coisas dele, tirando sua tela sem voltar para ele depois?

Lembrei-me do meu avô, que às vezes contava que tinha voltado a sonhar com suas provas finais da escola. Naquela época, eu não conseguia acreditar que um acontecimento tão antigo, depois do qual uma longa vida transcorreria, ainda pudesse estar tão presente. Meu avô havia se formado sem dificuldades, estudara medicina, abrira seu consultório, que tivera sucesso, e ainda sonhava com suas provas finais da escola? Schwind era o mais famoso pintor

contemporâneo, com os quadros mais caros, venerado por discípulos, cortejado por críticos, rodeado de mulheres, e sofria por causa de uma derrota ridícula de décadas atrás? E Gundlach, tão bem-sucedido em tantas áreas, dono de muitos milhões, pai de dois ótimos filhos, com um casamento feliz, não conseguia superar o fato de que a resistente Irene o deixara um dia?

Ou são justamente essas pequenas derrotas que não conseguimos superar? O primeiro risquinho no carro novo dói bem mais do que os futuros riscos maiores. As pequenas farpas são mais difíceis de remover que as grandes, e às vezes remexê-las com uma agulha não ajuda nada, temos que esperar que saiam quando inflamam. As grandes e antigas derrotas levam nossa vida para uma nova direção. As pequenas não nos modificam, mas nos acompanham e nos atormentam, um pequeno espinho permanente na carne.

Então, surge a oportunidade de removê-lo, parece possível de pegar, mas é tudo ilusão. E assim comecei a entender Gundlach e Schwind. Não que eu me sentisse próximo deles. O que eu tinha vivido com Irene no passado nada tinha a ver com o que eles vivenciaram.

Quando fui até os dois na praia eles estavam falando sobre seus filhos e netos. Quantos tinham, como se ajeitavam no mundo, que filhos e netos eram mais bem-sucedidos — por um instante me senti tentado a me sentar com eles e falar dos meus filhos e netos.

Interroguei Schwind sobre aquilo que me interessava sobre sua vinda:

— O senhor, apesar de tantas telas, ainda quer saber realmente o que aconteceu com elas, a quem foram vendidas ou emprestadas?

— Quê? — Ele me olhou com perplexidade.

— No passado, o senhor disse que o que aconteceu com o retrato de Irene nunca mais aconteceria com nenhuma das suas telas, que o senhor controlaria todas elas...

Ele balançou a cabeça.

— Eu disse isso? Parece combinar mais com alguém como o senhor, que mantém um registro jurídico de tudo o que acontece. Não preciso ter o controle dos meus quadros. — Ele riu. — Basta que os meus quadros tenham controle sobre quem os contempla.

Gundlach acompanhou com uma risada de desprezo.

Eu não sabia se o desprezo de Gundlach se dirigia a Schwind ou a mim. Não queria me aborrecer por causa dele.

— É uma hora, às cinco nos reunimos para o aperitivo. Não quer despachar o piloto?

Gundlach fez um gesto desdenhoso.

— O senhor pode cuidar da comida? Ele pode botar na minha conta no hotel.

Fui de helicóptero com ele. Seguimos ao longo da costa; abaixo de nós, o mar, ondinhas com cristas de espuma branca reluzindo à luz do sol ou escuras à sombra das nuvens, à direita rochedos e areia, terra verde ou marrom, povoados e estradas. Avistávamos Sydney já de longe; a cidade se estendia ao longo da costa. Um voo barulhento, apesar dos protetores de orelha, mas depois da conversa no café da manhã sobre o primeiro e o último cigarro nada mais nos ocorria. De qualquer modo, eu preferia olhar para baixo. Do alto tudo parecia agradável, as casas, os jardins, os carros, os parques, as praias, os iates com velas coloridas e enfunadas, as pessoas. Depois sobrevoamos os pontos mais interessantes da cidade, a ponte do porto, a Ópera, o Jardim Botânico. No vasto gramado ao lado do Conservatório, havia pessoas deitadas na relva — eu poderia ter sido uma delas.

Não pousamos no terraço de um edifício como imaginei, mas à beira do aeroporto. No táxi, o piloto revelou ser cozinheiro amador, me falou da carne de perca-gigante, crocodilo e canguru, sobre doces australianos e os tipos de vinhedos e adegas australianas, e foi compondo entusiasmado o jantar. Caviar, perca com shitake, canguru com macadâmia, pavlova com maracujá, sorbet da Vovó Smith, para acompanhar champanhe, sauvignon blanc e um vinho de corte de cabernet sauvignon, merlot e shiraz. O que não pudéssemos mandar preparar antes porque esfriaria, ele poderia preparar na cozinha de Irene — por mim, tudo bem. Deixei-o conversar com o cozinheiro, me sentei no terraço do hotel e fiquei observando o porto.

Eu precisava telefonar. Mesmo que meus filhos não se preocupassem comigo e provavelmente nem pensassem em mim, eles deveriam saber onde eu estava. Na Europa agora eram entre cinco e seis da manhã, cedo demais para acordá-los. Na nossa família, as coisas têm ordem; nada de fazer barulho nem orgias de alegria, nada de preguiça, trabalhar tanto quanto possível, descansar tanto quanto necessário, dia é dia, noite é noite. As crianças tinham que dormir. Mas pude ligar para o chefe do escritório; mesmo em casa ele atende para assuntos do trabalho.

Ele estava acordado, como se já fosse meio-dia.

— O senhor está doente? Ainda não sabe quando vai poder voar? O médico acha que não existe motivo de preocupação. É difícil chegar até o senhor? — A ligação estava ruim, e com suas perguntas ele se assegurava de ter me entendido. — Ligar para os seus filhos? — Ele queria fazer isso também, e era certo que transmitiria também meus cumprimentos aos meus colegas.

Desliguei o telefone. Nunca havia tido nem queria ter um barco; o mar, novas costas e portos estranhos nunca me atraíam. Mas agora eu tinha a sensação boa de que com aquela ligação eu havia içado uma vela na qual meu barco estava firmemente amarrado.

O piloto assumiu a cozinha. Cogumelos e nozes só precisavam ser aquecidos, a perca e o canguru tinham que ser preparados. Coloquei a mesa na varanda, preparei o caviar com creme azedo, limão, cebolas e ovos, encontrei uma jarra que servia de porta-gelo, na qual pus o champanhe com cubos de gelo da bolsa térmica do hotel. No caminho entre o hotel e o aeroporto, comprei um buquê de rosas vermelhas, amarelas e bancas. Vesti minha calça de linho nova, uma camisa nova e me posicionei na varanda às cinco e quinze, quando Gundlach e Schwind chegaram cada um de um lado.

Então, Irene chegou. Não tinha pedido minha ajuda, e eu não a havia oferecido; era a noite dela, sua hora de brilhar. Ela saiu para a varanda, tranquila, bustiê preto e saia preta comprida, cabelo preso no alto, lábios pintados e um colar de pérolas cinzentas duplo no pescoço. Estava radiante, sorridente, saboreou nossa admiração, aceitou uma taça de Gundlach, deixou que eu a enchesse e permitiu que Schwind prendesse uma rosa branca em seus cabelos com um alfinete de segurança que ele tirou do bolso. O caviar estava brilhante, a perca-gigante succulenta, o canguru macio, e a conversa transcorria de uma frivolidade a outra.

Até que eu perguntei a Irene:

— Agora, então, você sabe? O que sobrou? Você os está reconhecendo? O que amou neles? E por que os abandonou?

Não consegui interpretar o olhar que Irene me lançou. Como se eu a despertasse de um sonho? Como se não conseguisse entender minha intromissão? Obviamente, Gundlach e Schwind ficaram pasmos, eu os entendia; desde que chegaram eu mal havia falado.

— Ah, sim. — Ela sorriu. — Reconheço os pés de Karl, seus grandes pés fortes, nos quais se planta seguro nesse mundo. Reconheço sua agitação e sua confiança, que me fizeram pensar que entre elas eu estaria protegida. Reconheço a força de vontade de Peter, quando usa a bengala seu passo soa como antigamente, seu passo com sapatos, debaixo dos quais o sapateiro precisava usar pregos de ferro. Lembro como os dois eram ambiciosos. Naquela época, muitas vezes me senti jovem demais para eles, mais filha que parceira. Agora me sinto quase mãe deles. Vejo que se lançaram no mundo e tiveram sucesso, e isso me alegra. E foi certo abandoná-los no passado. Quando os filhos crescem, a mãe tem que se afastar.

— A mãe...

O olhar de Irene pediu a mim que não continuasse falando, que não questionasse, incrédulo, os papéis deles, seu novo papel de mãe junto ao antigo, de musa e troféu. Será que ela queria simplesmente ser bela, admirada e curtir a noite?

— Naquela época você não nos deixou porque era a mãe soltando os filhos no mundo. Você não nos atraiu para cá para se lembrar dos pés dele e dos meus sapatos. O que foi que ele perguntou? — Gundlach me indicou com um movimento de cabeça. — O que sobrou: você realmente quis saber o que sobrou dos nossos anos juntos? E dos anos com ele? — Agora ele indicava Schwind. — Um interlúdio, o que mais? Que começou por acaso... Se você não estivesse casualmente no museu quando os japoneses pediram uma visita guiada pela exposição e o guia não tivesse faltado... e se o outro pintor não tivesse ido a Roma e eu não tivesse indicado esse aí no lugar dele — Gundlach apontou de novo para Schwind — e se ele — indicou-me outra vez — não tivesse confundido tudo... O interlúdio começou por acaso, terminou por acaso, tudo isso faz muito tempo e a vida continuou. O que...

— O senhor vê toda a sua vida dessa forma? Como uma sequência de interlúdios?

Gundlach ficou surpreso com a pergunta, lançou para Schwind um olhar avaliador e decidiu que o interesse dele era legítimo.

— Claro que não. Meu pai transformou uma oficina numa fábrica, e eu, a fábrica numa grande empresa. Minha vida teve um objetivo. Os encontros que não mudam nada no caminho nem no objetivo podem ser muito bonitos, mas são interlúdios.

— Suas mulheres, seus filhos, seus netos...

— Esses são parte do objetivo. O que eu construí deve perdurar... Com você deve ser a mesma coisa. Olha só, eu era ajudante de canhoneiro, comecei no Deutsche Bank como estagiário e cheguei a assistente da gerência, assumi a fábrica na primeira crise do petróleo, antes da Reunificação estive na América, e desde a Reunificação também estive na Europa Oriental e na China. Não precisamos mais crescer. Mas, embora nosso mundo não mude mais, ele continua em movimento, e, se quisermos manter nosso lugar, também devemos estar em movimento. Se meus filhos e netos vão conseguir isso... o pool genético de uma empresa familiar é limitado.

Schwind perguntou, sorrindo:

— Fim da história?

— A história continua. Mas nosso mundo não vai mais mudar. Nada mais o ameaça, nem comunismo, nem fascismo, nem uma juventude que deseja mudar tudo. Desde o fim da Guerra Fria não existem mais alternativas para o nosso mundo. Diga o nome de um país que não viva sob as leis do capitalismo... Não vai lhe ocorrer nenhum, pois o comunismo da China também se tornou capitalismo. A lei do profeta, de matar e morrer pelo islã, não é uma alternativa, só uma tarefa para a polícia e o serviço secreto. Você se preocupa com os pobres? Eles não vão ser uma ameaça enquanto a televisão funcionar e houver cerveja na mesa, e isso sempre haverá.

— Isso parece... — Schwind procurava pela palavra certa — ... pesado como chumbo.

— Sua arte é pesada como chumbo? Não entendo muito de arte, mas depois de nos encontrarmos no passado...

— Depois do nosso interlúdio?

— Isso, um interlúdio, e depois dele eu segui a carreira do senhor, acompanhei como ficou famoso e caro. O objeto, o abstrato, a foto como material, o vidro como objeto e como quadro, as estruturas e as cores. O senhor é como uma criança que, sentada no meio de uma brincadeira dos seus irmãos mais velhos, pega um brinquedo de um, outro brinquedo do outro. Tudo está à disposição do senhor, e o senhora faz uso de tudo, e para cuja arte não há mais alternativa.

Irene sorriu debilmente para Schwind.

— Você é isso mesmo?

— Eu...

— Já estou terminando. O senhor é, porque o mundo não vai mais mudar. Ele permanece em movimento, mas os movimentos econômicos e financeiros, culturais e políticos, apenas se repetem, não mudam mais o mundo. Sua arte também se move, às vezes em uma ou outra obra. Por isso é bela. Mas não vai mudar nada. — Ele ficou sério. — Sim, eu quero voltar a ter o quadro de Irene na minha casa.

— Mas o que a arte deveria mudar? Eu pintava o que via. Às vezes, via o que nem existia, mas podia existir, e pintava isso também. Eu pintei tão bem quanto possível. Só isso.

— Eu sei. O senhor não queria se transformar no artista para cuja arte não há alternativa. Mas, assim como são o mundo e a arte, confiáveis, sem alternativa, previsíveis, nada pode ser diferente para quem se dedica a eles. Pode apresentar uma piada ou produzir um escândalo. Mas isso também vai ser sempre o mesmo.

— E o que faz o chumbo derreter?

— Não sei. Uma guerra nuclear, a queda de um meteorito, outra catástrofe que acabe com o mundo que conhecemos. Mas eu não acho que o mundo seja como chumbo. Gosto dele como é, e o senhor também gosta. O mundo é como é, antes de o comunismo e o fascismo confundirem tudo. Há os ricos e os outros, e os ricos cuidam, enquanto os outros se

comportam.

— Cuidam...

Gundlach deu uma risada.

— Cuidam para que nada mude.

Olhei para Irene e senti medo. O efeito da cocaína estava começando a passar. Seu rosto mostrava exaustão e desespero por estar de novo dominada pela doença. Irene percebeu meu olhar, sua expressão ficou irritada, então ela se levantou. Foi com passos pesados até a escada e subiu os degraus.

— Eu me lembro das mulheres — Schwind falava da esperança e do advento do fim dos anos sessenta e começo dos setenta —, as belas mulheres inteligentes e de boa família, que, naquela época, passaram para a esquerda por convicção política e porque sentiam que era onde estaria a vanguarda, onde haveria empolgação e vida. Antes de encontrar Irene em sua casa, eu a vi discutindo na universidade. Ela ficou só lá, sentada, escutando, mas o jeito de se sentar e escutar... Era claro que ali estava o futuro.

— Futuro? — Gundlach deu uma risadinha desdenhosa.

O piloto chegou, tiramos a mesa, servimos a sobremesa e depois lavamos a louça, eu sempre com o ouvido voltado para a escada. Quando terminamos o trabalho na cozinha, o piloto pegou uma garrafa de vinho tinto e se foi. Eu o segui com o olhar, enquanto ele se sentava no pír, fumando e bebendo. O cigarro brilhava. Estava escuro agora.

Então Irene desceu a escada. Estaria aguardando que escurecesse? Quando eu quis levar duas velas para a varanda, ela disse que uma bastava.

Eu não acompanhei o diálogo entre Gundlach e Schwind, que, por um breve momento, transcorreu num tom alterado, e depois novamente tranquilo. Quando Irene se sentou, Gundlach perguntou:

— Você ainda não disse o que fez naquela ocasião.

— Se matei alguém? É isso que você quer dizer? Quase fiz isso. Eu ainda não sabia que nada muda. Ninguém sabia. Pensávamos que, se existe leste e oeste, pode haver algo melhor que esses dois. Agora que esses dois mundos já não existem... Eu entendo o que você quis dizer. Talvez já entendesse quando morava na Alemanha Oriental. Ela estava acabada. Exausta dos exageros ideológicos, dos rituais vazios, dos esforços que não levaram a nada.

— Por que essa visão tão triste?

— Vocês conhecem essa sensação? De que, quando chega a esse ponto, não só vocês morreriam, mas o mundo também acabaria? Seria de se imaginar que, quando se está morto, não faz mais nenhuma diferença se o mundo continua ou acaba. Mas faz diferença, sim.

Gundlach não tinha interesse na morte do indivíduo nem no fim do mundo.

— Como você está vivendo aqui ilegalmente?

— Minha estada aqui... Não é difícil quando se tem dinheiro numa conta na Alemanha, se paga e se retira dinheiro com cartão de crédito e não se precisa do Estado. Foi um pouco difícil trazer a tela comigo. Quem viaja com uma bagagem dessas?

Schwind escutou Gundlach e Irene com visível impaciência.

— O fim do mundo, o fim da Alemanha Oriental... tudo muito bom e bonito. Mas eu quero saber logo como consigo a minha tela. A minha tela. Eu a pinte, eu a restaurei quando ele a vandalizou — Schwind apontou para Gundlach —, e eu paguei por tudo.

— Pagou? — Gundlach estava indignado. — O senhor estava cansado de Irene e a levou até mim... Chama isso de pagar? Eu sei porque o senhor quer o quadro... Porque nunca mais pintou como naquela vez. Desde então, o senhor só passeou pela história da arte, sem originalidade e com muitas regalias.

— Eu...

— O senhor é um pintor ultrapassado, que chora pelos começos. Pois vá chorar em outro lugar. Aqui não tem nada a apresentar, nem moral, nem juridicamente. O senhor não tem direito àquele quadro, que vendeu, nem a Irene, a quem traiu. Arrume suas coisas e esse aí — apontou para mim com um sinal de cabeça — o levará de volta.

— Mas que filho da puta arrogante o senhor é! Tudo por causa do seu dinheiro idiota? Com o qual não conseguiu comprar nem a mulher nem o quadro? O senhor juntou dinheiro com a estupidez daqueles que colecionam tampinhas de cerveja. O senhor é um colecionador de tampinhas, e o mundo sem alternativa do qual andou falando é o mundo das tampinhas. Não consegue entender isso? O senhor não consegue comprar com dinheiro aquilo que realmente importa!

— Rá! — Gundlach deu uma risada sarcástica. — O pintor do capitalismo global se revela um crítico do capitalismo. Por que vende suas telas por milhões? Por que não as doa aos museus?

Irene quis dizer alguma coisa, mas não conseguiu, então eu interrompi a briga dos dois.

— Os senhores podem...

— O nosso advogado... — Gundlach fez um gesto de recusa. — Ele — apontou para Schwind — conseguiu produzir uma obra e juntar uma fortuna pintando, eu fiz o que fiz, mas e o senhor? Escritório de advocacia caro, eu sei, grandes casos, mas sempre fazendo algum servicinho sujo para alguém... O senhor é um lacaio. Primeiro dele — apontou para Schwind —, depois meu, e depois dela — agora apontava para Irene. — É melhor calar a boca.

— Mas o que o senhor está... — Eu não iria tolerar aquilo.

— Um lacaio — Schwind deu uma risada alta —, um lacaio. Como os mordomos que pensam que são melhores que isso, mas não passam de lacaios. Eu me lembro do seu mordomo. Uma alma subserviente, que...

— Era um ser humano melhor que o senhor. Ele nunca comentou nada sobre o assunto, mas também sentia falta do quadro, e lamento que ele não possa mais vê-lo no seu devido lugar. Irene — falava com ela agora, de um jeito paciente e amável, como se falaria com uma criança teimosa —, vou deixar você em paz, nem polícia, nem processo, nem por causa da tela. Não poderemos mais consertar tudo o que deu errado na época. Mas o quadro precisa voltar ao seu lugar.

— A ladainha vai recomeçar? — Schwind se levantou e baixou as grandes mãos como daquela vez. — Tudo tem um lugar devido, e, se não for isso... Pare, Gundlach. Chega. Irene deve decidir, e tudo bem. Se ela lhe der o quadro, que seja, mas se ela...

Gundlach balançou a cabeça.

— Para Irene existe apenas uma decisão, o senhor sabe tão bem quanto eu. Pergunte aqui ao nosso lacaio. Adular Irene agora não vai ajudar em nada, nem ao senhor, nem a ela.

— E foi com esse filho da puta que você se casou? Esse ganancioso...

— Ganancioso? O senhor quer o quadro tanto quanto eu. Com essa sua fala macia, “Irene deve decidir”, não vai enganar nem a mim, nem a ela. O senhor...

Irene se levantou. Parecia péssima, velha, doente, cansada.

— Eu doei o quadro à Galeria de Arte semanas atrás. Não posso mais dar a nenhum de

vocês, a nenhum dos dois. Eu só queria ver vocês mais uma vez.

Ela olhou para mim, passei o braço direito em torno dela, apoiei-a com o esquerdo e a ajudei a chegar até a escada e subir os degraus. Irene se deitou na cama vestida, puxei a coberta debaixo dela e a cobri. Antes que eu fechasse a porta, ela já dormia.

Quando voltei para a varanda, Gundlach e Schwind conversavam de novo.

— Ela pode doar algo que não lhe pertence?

— O senhor devia ter registrado o quadro no registro de arte perdida. Tenho certeza de que a Galeria de Arte entrou em contato com eles, e, como a tela não estava registrada, ela é a proprietária legítima. Se quiser ter certeza, pergunte ao seu lacaio.

— Todo esse teatro com o empréstimo da tela foi só para nos trazer até aqui? O que ela queria de nós? — Gundlach balançou a cabeça. — Mulheres! Elas não entendem que o que passou, passou. Que, quando se quer seguir em frente, é preciso deixar o passado para trás. Arrastar consigo os velhos amores e as velhas amizades... Deve-se largar deles como de roupas velhas. Depois de algum tempo cheiram a mofo.

Gundlach talvez tivesse razão. Mas me deixou furioso.

— O senhor não queria deter o curso do tempo? Não queria recuperar o quadro para permanecer jovem com a jovem Irene?

— Ele disse isso mesmo? — Schwind deu uma risada.

— Para permanecer jovem com a Irene jovem, não preciso ver a Irene velha. Aliás, o senhor ainda não disse o que veio fazer aqui.

Eu me levantei.

— O que importa? — Fui me sentar na praia e escutei Gundlach e Schwind debatendo o que eu estaria fazendo ali, transformando sua viagem inútil até lá em umaaventurazinha boa de contar. Depois, Gundlach se gabou da Fundação Hans-Gundlach, batizada com o nome do seu pai, que tinha como objetivo a restauração de igrejas de cidadezinhas em Brandemburgo e Mecklenburgo. Schwind achava que as fundações são algo para pôr em testamentos, o que sobra depois do que vai para mulheres e filhos, falou dos seus cinco filhos de quatro casamentos, da democratização e da banalização da arte e debochou da arte-terapia para deficientes e dos concursos de pintura para crianças.

Tirei meias e sapatos. O mar estava morno, tirei a roupa e nadei na noite enluarada até não escutar mais a conversa na varanda, nem ver mais a luz da vela. No fim da enseada, um rochedo se curvava sobre a água. Era totalmente liso. Eu me estiquei nele, a pedra havia acumulado o calor do sol e aquecia minhas costas, o vento morno acariciava meu rosto, peito

e minha barriga.

Irene queria ser de novo o que havia significado para Gundlach e Schwind no passado? Seu flerte com o papel de mãe, a alegria com a admiração dos dois, o riso com suas piadas, aquela corajosa representação da sua vida — ela queria agradar ambos. Para atraí-los? Para que ela visse melhor quem eles eram? Ou simplesmente continuava sendo, diante dos dois, a Irene daquela época, assim como as pessoas contam que permanecem crianças diante dos pais, mesmo que sejam adultos, e os pais, velhos?

Eu não tinha nada a ver com isso. Tenho uma boa intuição para saber se algo me interessa ou não, e sabia que tudo o que se passava ali era assunto de Irene, Gundlach e Schwind, não meu. Irene podia se apresentar, Gundlach e Schwind podiam se produzir como quisessem. Eu era apenas um observador casual. Não sei por que, de repente, me sentia culpado — se por não ter ajudado Irene a roubar a tela no passado ou porque hoje tinha me intrometido nesse jogo entre ela e os outros dois, ou porque minha mulher tinha batido com o carro numa árvore, ou porque havia muito tempo que eu não via meus filhos. Meus filhos são adultos, minha mulher também era, hoje em geral eu ficava de boca fechada, e naquela época não havia feito nada que outros também não pudessem fazer em favor de Irene. Meu sentimento de culpa não tinha objeto definido. Era como um temor, embora nada me ameaçasse, um luto, embora nada tivesse acontecido. Era uma sensação física, e, embora eu me dissesse que o corpo só pode se sentir bem ou mal, não culpado, era um sentimento de culpa. Comecei a sentir frio e nadei de volta.

A casa estava tranquila e escura. Ao pé da escada estava Kari, agachado; nos cumprimentamos com um aceno de cabeça, eu sorri para ele, mas ele não retribuiu. Na varanda, ainda estavam os copos e o vinho aberto, servi uma taça para mim e me sentei. No dia seguinte eu podia ligar de Rock Harbour para meu escritório e pedir a um colega que descobrisse do que era acusada a terrorista de cabelo pintado, óculos escuros e cabeça baixa. Mas talvez Gundlach tivesse razão. Então, não importa o que Irene tivesse feito, era parte de um mundo passado, com o qual nosso mundo nada tinha a ver.

Quando estava deitado na cama, escutei o rumor das ondas e o farfalhar dos seixos. Era fraco, eu mal conseguia ouvir. Havia na casa uma inquietação singular, como se Irene não mantivesse pernas e mãos paradas, como se Gundlach se revirasse na cama, como se Schwind murmurasse durante o sono e o piloto andasse de um lado para o outro no quarto, fumando. Como se a casa tremesse, não por causa do vento ou de um terremoto, mas sob o peso de alojar aquelas pessoas insuportáveis. Eu fiquei deitado, totalmente imóvel.

Terceira parte

Na manhã seguinte, o piloto bateu de leve à minha porta e enfiou a cabeça dentro do quarto pela fresta. Perguntou se eu queria voar com ele. Schwind também iria. Podiam me levar até Sydney ou Rock Harbour. Não? Ele acenou e fechou de novo a porta, mansamente. Escutei os três na escada da casa e na escada para a praia. Não falavam e davam passos com cuidado. Estão se esgueirando, pensei, mas logo achei que era uma ideia estúpida. Então, o motor roncou, as hélices estalaram e sibilaram, o helicóptero se ergueu, mais silencioso, depois mais barulhento, como se fizesse uma curva sobre a enseada e a casa, e se foi. Espantou os pássaros; eles esvoaçaram, gorjearam, grasnaram, agitados.

Quando por volta das dez Irene ainda não tinha se levantado, parei à porta do quarto dela para escutar, não ouvi nada, bati, de novo não ouvi nada, e entrei no quarto. O cheiro não era só de doença. Pairava um fedor de fezes e urina, apesar da janela aberta, um odor abafado e forte. Irene jazia na cama de olhos abertos e me olhou, envergonhada e distante.

— Saia. Eu já vou me levantar. Só estou um pouco fraca.

— Quer que eu encha a banheira? Ou prefere um banho de chuveiro?

Ela chorou.

— Isso nunca aconteceu comigo. Eu quis me levantar e ir ao banheiro, mas não consegui, fiquei deitada e não consegui segurar.

— Já venho buscar você. — Fui até o banheiro, deixei correr água na banheira, derramei óleo de banho na água, verifiquei a temperatura e ajustei a espuma. Esperei até a banheira encher. Eu gostava de tomar banho quando criança; a banheira era alimentada por uma estufa com boiler, eu espirrava água na estufa quente e escutava as gotas chiando. Havia décadas que só tomava banho de chuveiro. Banheira é desperdício de tempo. Mas Irene tinha tempo e lhe faria bem, depois do banho de chuveiro, deitar-se na banheira até eu arrumar sua cama. Tínhamos tempo — tínhamos mesmo muito tempo.

Fui pegá-la. Irene passou o braço pelos meus ombros e se deixou conduzir e, às vezes, carregar. Despiu-se diante do chuveiro, e eu a lavei embaixo d'água, enquanto ela se apoiava na torneira. Nunca troquei fraldas dos meus filhos nem os vesti, e não sabia como fezes secas grudam na pele. Quando acabei de limpar Irene, levei-a até a banheira. Durante todo esse tempo ela manteve os olhos fechados sem dizer uma palavra. Eu também não disse nada.

Concentrava-me em deixá-la limpa e não me molhar no processo. Mesmo assim, fiquei molhado.

Mas eu não queria trocar de roupa enquanto não tivesse arrumado tudo. Primeiro botei a roupa de cama de molho, depois a enfiei com o pijama na máquina de lavar. Arrastei o colchão de Irene para a varanda e coloquei-o ao sol, levei para o quarto dela o colchão de outro quarto e estiquei os lençóis. Preparei chá e mingau, e deixei tudo ao seu alcance. Então, eu a enxuguei e levei até a cama; mais uma vez Irene não disse nada.

— Já volto, vou só me trocar.

— Os outros foram embora?

— Sim.

Fiquei parado na porta olhando para ela, até que Irene sorriu e disse:

— Não fique aí tão sério!

— Afinal, o que você tem?

— Depois. Primeiro troque de roupa.

Mas, ao voltar ao quarto, ela havia adormecido, e, quando acordou, não quis falar da sua saúde. Tomou o chá morno, comeu o mingau morno e quis que eu a levasse até as duas fazendas por causa das compras e porque, no futuro, Meredene, da primeira fazenda, teria que aplicar as injeções do homem da segunda fazenda.

Botei uma manta nos seus ombros, prendi-a no assento com o cinto e a levei de jipe até as fazendas. Onde o rastro se perdia ela sinalizava para mim, e tentei memorizar os leitos dos riachos, as poças e os grupos de árvores e rochedos pelos quais o caminho passava. Da próxima vez, talvez eu tivesse que ir sozinho.

Nas duas localidades, Irene ficou sentada no jipe. Pediu que eu fosse buscar Meredene, explicou-lhe que, de agora em diante, era ela quem deveria aplicar as injeções, ainda que preferisse não fazê-lo, e a encarregou de algumas compras.

— E, quem sabe... interrompi, e Irene soube do que eu falava, pois disse:

— Ah, sim, vou precisar de fraldas também.

Na outra fazenda, a velha escutou de mau humor, sem perguntar nem agradecer, que Irene não poderia mais fazer aquilo e que, em seu lugar, agora viria Meredene.

Irene a seguiu com o olhar.

— Devo ao marido dela a casa no mar, e queria recompensar cuidando dele até a morte. E agora ele vai viver mais que eu. — Ela notou meu olhar. — Câncer de pâncreas. Mais umas duas semanas, talvez só uma, ninguém sabe ao certo.

Irene preferiu ficar deitada na varanda em vez de no quarto. Fui de cômodo em cômodo até encontrar uma armação de cama leve que pudesse levar até lá. O colchão que eu tinha lavado estava seco e cheirando a sol.

— Você devia ter ido com os outros — disse Irene quando se deitou. — Agora tem que ficar até o fim. — Ela sorriu.

— Quem deu o diagnóstico?

— Os médicos do Centro Oncológico de Sydney.

— Mas disseram que não existe nada que possa ser feito?

Irene riu.

— Acredite, se houvesse algo a fazer, eles teriam feito. Porque é disso que eles vivem.

— Você pediu uma segunda opinião?

— Eu pedi uma segunda opinião, me informei dos tratamentos, até pesquisei as curas milagrosas de que se fala. E não quero que você me submeta a um interrogatório.

Fiquei magoado, porque minha intenção era boa, e me aborreci, porque tinha agido feito um idiota. Irene percebeu e disse:

— Eu sei. Se eu pudesse.... preferia não morrer.

Então, pela primeira vez isso me atingiu. Irene ia morrer. Um colega do escritório, nas férias do ano anterior, se sentira tão desanimado e sem apetite que, depois de retornar, procurou um médico, que o mandou fazer exames no hospital. Três semanas depois, esse meu colega estava morto. Com meu dentista, o prazo entre diagnóstico e morte tinha sido de dois meses. Se alguém me falava de alguma morte inesperada, eu perguntava “Pâncreas?”, e estava certo. O câncer mais maligno, rápido e mortal. Mas eu também soube que, quando se tem sorte, não há o tormento das dores, as trombozes e a dificuldade para respirar, apenas se enfraquece cada dia mais. O corpo simplesmente deixa de funcionar, se recusa, se despede. Com sorte, a pessoa adormece e não acorda mais.

— Você quer alguma coisa? Posso trazer alguma coisa?

— Mais um travesseiro.

Eu levei o travesseiro. Quando fui me afastar, ela disse:

— Você pode pegar uma cadeira e se sentar aqui, perto de mim?

— Tenho que pendurar a roupa no varal.

— Depois que tiver feito isso, você vem?

O que ela poderia querer de mim? Minha mulher, quando certa vez teve pneumonia, queria que eu me sentasse ao lado da cama e segurasse sua mão. Mas não perguntou nada e respondeu às minhas perguntas monossilabicamente, e fiquei sem saber o que eu fazia lá, junto da sua cama. Então, levei documentos e fiquei trabalhando. Irene tinha uma prateleira de livros no quarto. Quem sabe haveria algum livro interessante ali.

Mas, quando me sentei, ela pediu:

— Você pode me contar como teria sido?

Não entendi.

— Como teria sido se eu tivesse ficado com você.

Às vezes, eu contava histórias aos meus filhos. Em geral, eu voltava para casa tão tarde que eles já estavam dormindo. Mas, quando voltava mais cedo e eles ainda estavam acordados, minha mulher insistia comigo para que eu me sentasse com eles e conversasse. Mas sobre o que poderíamos conversar, um advogado de 40 anos e uma menina e dois meninos entre 9 e 12 anos? Por sorte, eles gostavam das minhas histórias sobre as aventuras de um menino na Guerra dos Trinta Anos, e naquele tempo eu me divertia criando essa história. Naquela época, o escritório tinha um carro e um motorista particular, então eu me sentava no banco de trás indo para casa, encontrava o fio da história e continuava a tecê-lo. Mas o que Irene queria agora... Como eu faria isso? Falar sobre ela, sobre mim, sobre nós, ficção, mas uma ficção em que aparecíamos como éramos de verdade.

— Não sei...

Ela não me disse nada, só me olhou com atenção e cheia de expectativa.

— Preciso de um instante...

Irene fez que sim com a cabeça e continuou me olhando.

— Eu... — Fechei os olhos e procurei velhas imagens: Irene em cima do muro, sua risada, seu pulo, Irene nos meus braços, Irene dirigindo, Irene que me diz para descer do carro, que se despede com um beijo e me faz descer, Irene que parte. Não quero as velhas imagens. Não sei por que atendi ao pedido de Irene. — Peguei meu carro na vila e fui para casa. Você tinha percebido no sábado que eu havia arrumado minha casa de um jeito que imaginava que iria te agradar? No domingo percorri o apartamento de novo, tirei um objeto aqui, botei outro ali, desarrumei um pouco as coisas para você não notar de cara como eu era organizado e meticuloso, mas me considerar um ser humano criativo e independente. Tive medo de que você não viesse, toda hora olhava pela janela, preparei um bule de chá, me esqueci de tirar as folhas, e no bule seguinte esqueci de novo.

“Mas você veio. Veio a pé, eu vi você de longe, sua postura ereta, seus passos leves e determinados... Aliás, será que alguma vez eu vi você dando passos relaxados? Você atravessou a rua, eu corri escada abaixo, abri a porta e quis te abraçar de novo, mas notei que não era certo, você não queria.

“Durante o chá você perguntou: ‘Posso ficar aqui por alguns dias? Como uma irmã na casa

de um irmão? Eu tenho um apartamento, mas Peter e Karl sabem onde fica, e não quero que eles me procurem. Também não quero que Peter me encontre num hotel. Ele consegue mandar seu pessoal procurar em todos os hotéis. Eu poderia viajar, mas quero voltar para o trabalho amanhã.’

“E não vão encontrar você no trabalho?”

“Não se eu disser ao diretor que não quero ser encontrada.’

“E a caminho do trabalho? Quando você for para o museu...”

“Eu sei que não posso me esconder por muito tempo. Só quero, por alguns dias, não ter que ver nenhum daqueles dois.’

“Estávamos tomando chá na varanda. Ali, de manhãzinha, eu tinha sonhado com uma vida a dois, aquela e outra maior, mais bonita, a vida num jardim com árvores, e sonhei com casamento. Eu teria gostado de ver naquele seu pedido de abrigo uma promessa, mas sabia que você não estava prometendo nada. Pensei nos filmes em que o herói simplesmente toma a mulher nos braços, em que primeiro ela não quer, depois sim, primeiro bate em seu peito com seus punhos pequenos e depois o abraça com ternura. Você sabia que eu não tentaria fazer isso? Que eu não seria capaz? Que comigo você estaria segura? E me desprezou por isso?

“Isso me deixou inquieto até ser dominado pela alegria de você ficar na minha casa. Pelo menos teríamos alguns dias juntos. Cozinhar juntos, comer, falar, ler jornal ou livro, ver televisão, fazer compras, passear. Eu ri para você, você retribuiu, aliviada porque eu não pressionava nem mendigava nem fazia drama. Você me contou da raiva de Karl, por causa do desaparecimento do quadro, da briga entre Karl e Peter, de nem sequer terem notado você, que só lhe chamaram quando você já estava no jardim. Você contou tudo isso como uma história engraçada, e, ao mesmo tempo, parecia infeliz... por eles, por você, talvez também por mim, porque você simplesmente não queria saber de homem algum. E assim começou a nossa vida em Frankfurt. Nós...”

— Onde eu dormi?

— Na minha cama.

— E você?

— No sofá.

Ela assentiu com a cabeça.

— De manhã você ia ao escritório, e eu ao museu? E de noite cozinávamos juntos? E no domingo...

— Não vá tão depressa. Na quinta-feira arrombaram a sua casa. O zelador ligou para você no museu, e, como não havia nada faltando, achamos que alguém tinha surpreendido os invasores. Você sabia que tinham procurado a tela e não a encontraram, e não queriam nada além disso. “Quem sabe de noite eles não arrombem a sua casa”, você disse no jantar, “se tiverem descoberto que eu estou morando aqui. Você gostaria que eu devolvesse a tela?”

— Não, eu não perguntei isso.

— Não foi uma pergunta de verdade. Você ergueu a sobrancelha esquerda, como está fazendo agora. Pensamos na possibilidade de impedir o arrombamento. Mas, se não viessem amanhã, viriam depois de amanhã ou na semana seguinte. O melhor seria não fechar com a segunda tranca, mais moderna, para que pudessem abrir a porta com a chave falsa. Foi o que fizemos, e não só na quarta mas na quinta e na sexta, e, como a porta não teve que ser arrombada, não descobrimos se realmente entraram. Não faltava nada. E, sim, você foi ao museu muito cedo e ficou até bem tarde, para que nem Karl, nem Peter pudessem encontrá-la, e eu fui ao escritório, e de noite cozinávamos juntos. Domingo tomamos café da manhã na varanda. Era um dia dourado de outono, tínhamos superado a semana e achávamos que ficaria tudo bem. Você queria partir em breve. Mas eu sabia que você adorava ópera, fiz um convite para *La Bohème* e você aceitou.

— Eu não reclamei? Fui a mulherzinha querida no seu mundinho harmonioso?

— Posso parar de contar, se quiser.

Ela riu.

— Não, mas não podemos passar a vida como um velho casal numa varanda!

Eu poderia, ela não.

— De manhã, Karchinger e Kunze me convocaram. Eles sentiam muito, mas teríamos que nos separar. O boato de que eu havia cometido o crime de tergiversação não passava de um boato, e eles queriam acreditar que minha inocência seria provada se esse boato se transformasse em acusação e processo. Mas essa questão poderia se arrastar por muito tempo, e, enquanto isso, eu precisava entender que seria um peso para o escritório. Já havia um cliente importante que sentia que a defesa que o escritório estava montando para ele seria ameaçada, caso eu continuasse lá. ‘Gundlach?’ Eles hesitaram, depois disseram que não

podiam mencionar nomes, eu tinha que entender isso também.

— O que é tergiversação?

— Quando se trabalha pelos dois lados numa questão judicial. Gundlach tinha tecido sua trama. Mas não só comigo. Seu trabalho voluntário no museu também estava acabado. O diretor falava de problemas financeiros e de espaço, e que só queria manter voluntários que pudesse contratar depois e, ao contrário do que tinha pensado e comentado no começo, infelizmente você não estava entre eles.

— Então, na noite de segunda, estávamos sentados na varanda e...

— Não, não estávamos sentados na varanda, mas fomos ao Sole d'Oro, ou a qualquer que fosse o melhor restaurante da época, e comemoramos o fato de que nada mais nos prendia em Frankfurt, e que daríamos nossos móveis a uma loja de usados, faríamos nossas malas e sairíamos pelo mundo. Estávamos livres.

— Eu gosto disso.

— E foi o que fizemos. Entregamos nossos móveis à loja de usados, fizemos nossas malas. O quadro...

— ... estava com a minha mãe.

— O quadro estava com a sua mãe e, enquanto eu ainda me perguntava se devíamos viajar para Nova York ou Buenos Aires, de navio ou de avião, você já tinha comprado as passagens de avião para Nova York.

Irene ficou o tempo todo deitada quieta, as mãos debaixo da coberta, a cabeça apoiada nos dois travesseiros, os olhos voltados para mim. Então, se ergueu e botou os pés no chão, tentando se levantar.

— Espere, eu ajudo.

— Há quanto tempo estamos sentados aqui? Eu preciso... — Ela não prosseguiu, mas me olhou interrogativamente.

— Você não precisa de nada. Eu falei demais? Vou parar e preparar o jantar. Esquecemos o almoço...

— Eu preciso... Se eu não estivesse tão cansada.

Ela me olhou de novo, interrogativa, mais uma vez não entendi a pergunta em seus olhos e não sabia se devia ajudá-la a se levantar ou convencê-la a ficar deitada. Mas então seus olhos se fecharam, ela escorregou da beira da cama, eu a segurei e voltei a deitá-la.

Era tarde, ainda estava claro, mas o sol tinha desaparecido atrás dos morros, logo seria noite. Embaixo do terraço encontrei uma torneira e um regador, então reguei a horta murcha de Irene; talvez até amanhã ela se recompusesse e nos desse folhas para a salada. Hoje tínhamos o bastante com as sobras do dia anterior. Irene não estava com fome. Sonolenta e sem dizer uma palavra, comeu um pouco e depois deixou que eu a levasse até o banheiro, em seguida para a cama no andar de cima.

— Amanhã temos que ir até Meredene.

— Fazer compras? Eu posso ir.

— As fraldas...

Durante o dia, Irene tinha controle das funções corporais, mas temia a noite. Agora, eu

sabia onde havia lençóis e toalhas, lembrei como minha mulher enrolava nossos bebês, escolhi uma toalha já esgarçada de tanto uso, rasguei uma tira e fiz um quadrado, que dobrei em um triângulo, coloquei debaixo dela e amarrei.

— É como andar de bicicleta — tentou brincar ela.

Dei de ombros. Irene não precisava saber que eu não fora um pai devotado. Mas mesmo assim eu disse:

— Eu fui um pai antiquado. Era minha mulher quem lidava com as fraldas.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Mesmo assim, às vezes, você olhava e prestava atenção. Dava boa-noite para os seus filhos? — Irene olhou para mim um pouco envergonhada e distante, como de manhã, mas ao mesmo tempo parecendo se sentir confortável na cama limpa.

— Boa noite, Irene. — Eu me inclinei, puxei a coberta para cima, ela passou os braços no meu pescoço como há alguns dias e, de novo, me comoveu aquele gesto íntimo, então me levantei e saí depressa, ou, não sei por que, teria acabado em prantos.

Assim se passaram os dias seguintes. De manhã, Irene dormia, depois eu a deitava na varanda. Às vezes, ela mesma conseguia descer a escada, outras vezes eu a carregava. Às vezes, ela conseguia descer até mesmo a escada da varanda até a praia e ia até os rochedos na ponta da enseada, feliz em sentir a areia sob os pés descalços e entrando na água até as coxas nuas.

Primeiro, ela não quis, depois me deixou procurar Meredene sozinho. Meredene e eu passamos por um caminho esburacado e coberto de capim até dar na estrada, contornamos a cancela e em meia hora chegamos a um povoado com um supermercado. Nossa viagem extravagante para fazer compras, pagas com meu cartão de crédito, certamente não combinava com o *éthos* de uma vida na natureza; Meredene me pediu que jurasse não comentar sobre o assunto com sua gente nem com Irene. Ela encheu seu carrinho de compras com enorme entusiasmo e consciência pesada.

Eu não tinha a consciência pesada. Porém, me sentia estranho naquele povoado entre lojas, propagandas, restaurantes, carros, e no supermercado me incomodavam a luz clara e fria, os corredores largos e vazios, o excesso de produtos. Fiz um cálculo; há duas semanas eu vira o retrato de Irene da Galeria de Arte, há oito dias havia chegado à sua casa. Era como se tivessem passado semanas.

Às vezes, de manhã, eu cuidava do jardim de Irene ou lavava roupa, ou tentava consertar coisas quebradas, um degrau partido, uma torneira que pingava, o estepe do jipe. Fazia tudo devagar, pensando na continuação da nossa história. Mas às vezes Irene queria escutar a continuação antes do meio-dia, e eu tinha que improvisar e estender, desacelerar e enfeitar. Então, pulávamos o almoço, e eu ficava sentado até o fim da tarde ao lado da cama dela no balcão e contava a história.

Contei do voo sobre o Atlântico e que, olhando pela janela, vimos a distância outro avião, como na amplidão do oceano se pode encontrar outro navio — uma saudação do mundo estrangeiro aonde nos dirigíamos. Em Nova York, alugamos um quarto no Waldorf Astoria e curtimos a cidade como turistas ricos até nosso dinheiro ficar curto. Fomos ao Empire State Building e à Estátua da Liberdade, ao Metropolitan, ao Guggenheim e ao Frick; no Central Park, corremos para o norte, até uma área perigosa, e, mais um trecho adiante, nos

atrevemos a ir ao Harlem e a Bowery, comemos no Café des Artistes, no Russian Tea Room e na Gramercy Tavern. Irene nunca tinha ido a Nova York e há muito tempo não ia ao cinema, por isso gostava de ouvir coisas que todo mundo hoje conhece por meio de filmes ou visitas à cidade. Havia duas camas no nosso quarto no Waldorf Astoria, e Irene quis saber quem de nós havia sugerido dormir numa cama só. Mas ela não me amava, só gostava de mim, então achei que duas camas seria o correto.

A forma como transcorriam os nossos dias — quando ela descansava, quando comíamos e quando eu contava a história — dependia do estado de Irene. Ela não precisava de fraldas; o acidente da primeira noite depois da partida de Gundlach e Schwind não se repetiu. Porém, muitas vezes sentia náuseas e vomitava o que tinha acabado de comer. Além disso, não tinha apetite. Elogiava meu espaguete à carbonara, meu risoto de cogumelos e meu *gulasch* com batatas, mas só apreciava realmente minhas saladas.

A rotina dos nossos dias juntos era mais ou menos como eu tinha sonhado nossa vida em Frankfurt. Uma vez me permiti dizer isso a Irene.

— Sim — ela sorriu —, mas aqui é viver para morrer.

A cada dia ficava mais quente. Não havia mais vento do mar, e a brisa, que normalmente nos envolvia, agora parecia um tecido quente. Os passarinhos nem cantavam, nem voavam, no jardim as plantas secavam; Irene me proibiu de regá-las.

— Logo vai faltar água.

— Você não quer se mudar para a casa de baixo?

— Amanhã, quem sabe.

No dia seguinte, ela repetia “amanhã, quem sabe”, e, além disso, na casa de baixo era tão quente quanto ali em cima. De noite era até mais quente; a pedra irradiava o calor acumulado durante o dia. As noites não traziam alívio.

Contei a ela de agosto em Nova York, do calor úmido que nos envolvia como um tecido úmido e quente quando saíamos do edifício com ar-condicionado para a rua. Nosso dinheiro estava acabando, e nós procuramos emprego. Saímos do Waldorf Astoria. O hotel barato que encontramos ficava numa rua próxima do rio Hudson; cada banheiro era dividido por dois quartos, e, se a pessoa do quarto vizinho se esquecia de destrancar a porta do banheiro para o nosso quarto, que trancava enquanto o estava usando, tínhamos que bater em sua porta ou, se ele tivesse saído, convencer o porteiro mal-humorado a subir e abrir. Tínhamos uma cama só.

— E?

— Eu dormia no chão. Era tão quente que eu não precisava de cobertor. Se não conseguia dormir, saía pela janela, me sentava na escada de emergência e ficava olhando a rua iluminada pelos postes e o rio negro como a noite. Às vezes você se sentava lá comigo.

— E o que conversávamos?

— Você tinha conseguido um emprego de garçoneiro no Brooklyn, e eu num McDonald's. Falávamos dos nossos empregos. Você sabia que o McDonald's tem uma universidade própria? A Universidade do Hambúrguer? Se eu recebesse meu visto de trabalho e perseverasse, o caminho para a universidade estaria aberto para mim; foi o que me prometeram quando consegui o emprego. Eu já fiquei feliz quando me transferiram da cozinha para o balcão.

Irene riu.

— Você não consegue evitar, tem que fazer carreira.

— Mas não no McDonald's. Eu queria voltar a ser advogado e tinha descoberto que podia prestar os exames necessários, sem precisar fazer outra faculdade, não em Nova York, mas na Califórnia. Portanto, eu queria ir para a Califórnia. Ao mesmo tempo, gostávamos de Nova York; vimos quanto a cidade tinha a oferecer, mesmo a quem tinha pouco dinheiro, fizemos amigos, tínhamos a perspectiva de conseguir um apartamento. Mas então...

Eu não sabia mais se devia contar o que de repente havia me ocorrido. Bem, não tinha simplesmente me ocorrido; na minha primeira viagem a Nova York, quando ainda não podia pagar por um quarto de hotel e fiquei com amigos de amigos no Brooklyn, saí para procurar um café, e foi nele que imaginei Irene trabalhando como garçoneiro. Era um restaurante como outro qualquer, com a oferta de pratos de sempre e o futebol de sempre na televisão sobre o balcão; as garçonetes eram, como sempre, roliças, e a atmosfera não tinha nenhum erotismo.

— Então?

— Então, certo dia de manhã, procurando um café, eu visitei o restaurante e vi que você tinha que servir com os seios à mostra, então tirei você de lá e a levei comigo, compramos um carro usado e no dia seguinte partimos.

— Mas você não pode... Era o meu emprego, não era? Se eu não me importava... Você ficou com ciúmes?

— Pense o que quiser. Sou eu que estou contando a história. No nosso quarto eu tinha que desviar o olhar, e no restaurante todos podiam lhe ver?

— Entendo. — Irene deu um sorriso. Zombeteiro? Amável? Compassivo? Com que direito ela abria um sorriso compassivo? Mas a culpa era minha. Eu tinha sentido que essa virada na história era um assunto delicado e devia tê-la deixado de fora. Não queria ter ciúmes. Queria parecer bem. Com prazer eu teria salvado Irene de um estuprador no Central Park, ou de um motorista bêbado na faixa de pedestres, ou de um batedor de carteiras na Quinta Avenida. Eu teria gostado de bancar o herói. Mas não me ocorria nenhum ato que não parecesse de mau gosto, como se eu quisesse me gabar.

— Você gosta de carros? O nosso era velho, um Chevrolet Bel Air de 1956, verde com teto branco, para-lama branco e rodas de aro branco. O ornamento do capô, algo entre avião e míssil, voava a nossa frente; só precisávamos segui-lo.

Naquela noite, depois de ter carregado Irene para a cama, ela deslizou para um lado e apontou para o outro. Queria que eu me sentasse.

— Você lembra por que Parsifal não perguntou nada?

— A mãe dele não tinha ensinado a ele a não fazer perguntas inúteis? O que ele levou mais ao pé da letra do que ela tinha desejado.

— Por que você não está fazendo nenhuma pergunta?

— Na primeira noite, você fugiu das minhas perguntas e eu pensei...

— A primeira noite faz muito tempo.

Dei de ombros.

— Meus avós só me faziam perguntas básicas. Você quer aprender piano? Tênis? Dança de salão? E eu só pedia a eles o necessário. Eu queria ir ao teatro ou à opera ou para a Espanha com amigos nas férias: “Vocês me dão o dinheiro?” Até que um dia começaram a me dar uma mesada tão grande que não precisava pedir a eles nem mesmo dinheiro. Eram realmente muito generosos.

— E como foi com a sua família? Mulher e filhos. Você fazia muitas perguntas a eles?

Comecei a me sentir desconfortável com as perguntas de Irene.

— Achei que era eu quem devia fazer mais perguntas. Em vez disso, você é que não para de me fazer perguntas.

— Sinto muito. — Ela botou a mão sobre a minha. — Durma bem!

Sentei-me no banco sob o alpendre da casa da praia e fiquei observando a água. Estava tão lisa que refletia a meia-lua como um espelho, e não fazia nenhum barulho nos seixos. Sentia falta desse barulho e preferia ver a lua dançar sobre as ondas. Estava aborrecido. Irene queria me analisar? Fazer terapia? O que lhe interessava se eu fazia perguntas a minha mulher e filhos? Há famílias que conversam mais e perguntam mais, outras menos. Com nossos filhos, era minha mulher quem falava e fazia perguntas. E com ela... a beleza do nosso relacionamento era que nos entendíamos sem perguntas. Ela vivia sua vida e eu, a minha, e se ela precisasse de mim eu estava lá. Eu precisava prestar contas disso a Irene agora? Como cheguei a esse ponto?

Parsifal. Lembrei que, na primeira visita ao castelo, ele não tinha perguntado sobre o

sofrimento do velho nem o livrara dele e, por isso, vivia sob uma espécie de condenação, até que na segunda visita fez a pergunta redentora. Como ele soube que devia fazer aquela pergunta? Como eu deveria saber que pergunta Irene estava esperando? Diferentemente do que Parsifal havia feito com o velho, eu tinha lhe perguntado sobre sua doença.

No dia seguinte dirigimos para o oeste. Às vezes a rodovia nos levava por longas pontes ou para curvas por cima e por baixo de outras rodovias através dos subúrbios das cidades, e só víamos estradas decadentes, estacionamentos ermos, casas com portas e janelas bloqueadas por tábuas, lixo e, por trás de tudo isso, a silhueta de edifícios. Às vezes, acabávamos no meio da cidade num cruzamento com sinais de trânsito, carros buzinando e pedestres se acotovelando, lojas e escritórios. Sobre o campo a rodovia se estendia como uma faixa larga, rasa, subindo e descendo suavemente, longe de cidades e vilarejos, cujas placas lhe davam nomes, e longe de fábricas e fazendas. Víamos florestas, milharais, pastos, algumas cabeças de gado nos pastos aqui e ali, depois dos milharais talvez um silo ou uma chaminé fumegante ou uma torre de resfriamento soltando vapor. Até que no terceiro dia víamos apenas campos de cereais. Sob o céu imenso, eles se estendiam até o horizonte, fazendo o olhar se perder a distância. Ao mesmo tempo, a música que vinha do rádio mudava; ouvíamos banjo e violino, acordeão e gaita, músicas grudentas sobre mulheres e amor, baladas simples sobre luta e morte. As notícias informavam sobre rodeios, disputas e brigas, nascimentos, mortes, festas de escola ou igreja, cachorros atropelados e gatos fugidos, alarmes falsos e também que Jesus nos ama. A rodovia de várias pistas se transformou numa estrada de apenas duas de mão dupla, e o calor cintilava sobre o asfalto.

Íamos devagar, Irene baixou o vidro do carro, o encosto do banco e esticou os pés para fora. Depois da primeira estrofe, ela conhecia a melodia de uma música e murmurava o restante. Às vezes, um anúncio nas notícias estimulava sua fantasia, e ela a transformava numa história. Como John Dempsey tinha apanhado o maior peixe do verão. Por que os clientes do Crossroads Café tinham brigado. Por que Catalina Fisk não tinha chamado uma ambulância e morreu, embora pudesse ter sido salva.

— Você tem medo da morte?

Irene refletiu tanto tempo de olhos fechados que eu me perguntei se ela havia esquecido minha pergunta ou pegado no sono. Às vezes, ela se perdia em pensamentos no meio de uma conversa ou ficava simplesmente cansada, a fadiga era sua companheira constante.

— Aquilo que deixei de fazer... É isso o medo da morte, que as coisas fiquem definitivamente não ditas, não realizadas, não vividas? Mas, na verdade, elas já estão assim

há muito tempo. Há muito tempo não consigo botar nada em ordem.

Eu deveria continuar perguntando? Parsifal fez mais perguntas ao velho depois da primeira? Onde cessa a compaixão e começa a intromissão?

— O que você gostaria de botar em ordem? Aquilo que fez de cabelo tingido e óculos de sol?

Ela abriu os olhos e me encarou.

— Ah, aquilo... Não, eu gostaria de rever a minha filha ou saber como ela está, o que está fazendo. — Ela viu a indagação no meu rosto. — Na Alemanha Oriental, eu me casei, tive uma filha. Não quis tirar a criança do meu marido. Já deve ter sido ruim o bastante para ele eu simplesmente desaparecer, imagina se levasse Julia... Do seu jeito afetado, ele nos amava muito.

Eu teria gostado de perguntar: “Por que você escolheu logo um cara desses?” Também gostaria de saber por que tinha abandonado marido e filha sem entrar em contato com eles de novo. E o que tinha a temer depois daquele período de cabelos tingidos e óculos de sol. Teria matado alguém? O que Irene tinha dito a Gundlach? Que quase o fizera. Isso podia significar qualquer coisa.

— Eu posso ir até Rock Harbour, ligar para o meu escritório e mandar descobrir o que aconteceu com Julia.

— Você pode fazer isso por mim depois da minha morte? E veja se ela precisa de alguma coisa. E faça com que ela receba o que sobrou da herança de minha mãe. — Irene pegou minha mão.

Eu não me senti bem. E se Julia realmente precisasse de alguma coisa? Educação? Algum tratamento que o plano de saúde não cobrisse? Terapia? Tratamento para o vício de drogas? E se ela não fosse apenas dependente de drogas mas também traficasse ou se prostituísse para comprar drogas ou cometesse pequenos delitos... ou até grandes? O dinheiro para um advogado de defesa, tratamento ou estudos era uma coisa. Mas e se eu tivesse que procurá-la nas ruas de Berlim, noite após noite, e finalmente encontrasse uma pessoa vulgar e estúpida, seria minha função cuidar dela para que se tornasse alguém decente? Eu havia me recusado até mesmo a ser padrinho de filhos de bons amigos, porque a responsabilidade era grande demais. Mas fiz que sim.

— Sim?

— Sim.

— Ela era um amor de criança. Fui embora quando ela chegou naquela fase de fazer birra, embora não fosse de fazer escândalo, só ficava com um bico nos lábios e os olhos marejados, mas, quando eu explicava por que ela não podia ter alguma coisa, ela parava imediatamente.

Irene chorou. Primeiro eu a ouvi choramingar baixinho, depois soluçar bem alto, e mal reconheci seu rosto, a testa enrugada, a boca escancarada, a cabeça jogada de um lado para o outro, até ela esconder o rosto no travesseiro.

Chorar: esse recurso barato com que as mulheres nos colocam em maus lençóis! Não suporto isso e respeito muito minha mulher, porque ela parou de chorar logo no começo do nosso casamento, entendendo que o jogo das lágrimas não é leal, que me causa repulsa, que

eu me recuso a entrar nele. Posso dizer, com orgulho, que meus filhos também não choravam. A minha mais velha quebrou o braço com 8 anos, correu da praça até em casa com o braço quebrado, e minha mulher a levou até o hospital sem que ela derramasse uma única lágrima.

Contudo, como eu poderia explicar a Irene que eu não era responsável pelo seu sofrimento e não era a pessoa certa para acolher suas lágrimas? Ela não parava de chorar e continuava segurando a minha mão, de modo que eu não podia simplesmente me afastar. Por fim, não aguentei mais ver seu choro, seu rosto no travesseiro, seus ombros agitados e ficar sentado ao lado dela como um idiota, então a tomei nos braços, a embalei e fiz sons consoladores até ela adormecer.

Quando despertou nos meus braços, Irene me lançou um olhar amável, até alegre, sorriu e disse: “Obrigada.” Não entendi por que me agradecia, mas não quis perguntar nada, o que pelo jeito a agradou, então retribuí seu sorriso.

Então, teve início a colheita nos campos do Meio-Oeste. Irene tinha visto fotos de colheitadeiras pelos campos e perguntou:

— Onde estão as máquinas?

Na sua lembrança, havia bandeiras agitadas sobre as colheitadeiras, e os tratoristas, homens e mulheres, riam alegremente — parecia uma propaganda soviética e não uma realidade norte-americana, mas algumas bandeiras sobre colheitadeiras do Meio-Oeste não faziam mal, e do carro não conseguíamos ver os rostos dos tratoristas. Assim, rodamos por muitas horas em que sempre apareciam colheitadeiras, às vezes várias enfileiradas, mas em geral eram monstros isolados, todos com bandeiras.

Passamos noites em hotéis de beira de estrada. Os quartos, sempre grandes, tinham duas camas e uma televisão presa na parede, logo abaixo do teto. Na recepção havia uma máquina com Coca-Cola, Sprite e cubos de gelo, e antes de dormir nos deitávamos nas camas, vendo televisão, bebendo cerveja e comendo chips comprados na última cidadezinha pela qual passamos.

— Eu me preocupava com o que nos esperava em São Francisco e como nos ajeitaríamos lá. Eu queria falar sobre isso, mas você não queria; você não queria fazer planos, e sim ver no que ia dar. Acho que você pensava que eu era tacanho... Aliás, por que quis ficar com um homem afetado?

Irene voltou a me olhar daquele jeito.

— Não pense que estou com ciúmes. Só estou curioso para saber por que você fez o que fez. Minhas perguntas são demais para você? Há pouco você queria mais perguntas.

— Não, não são demais. Helmut foi como a Alemanha Oriental. Eu gostava de como ele era confiável, do seu jeito cuidadoso, protetor. O que eu achava de você... nem sei mais. Você é tacanho?

Que pergunta! Eu levo tudo a sério, talvez demais, sou objetivo em tudo, às vezes, quem sabe, objetivo demais, nunca entendo por que as pessoas ficam sensíveis em situações difíceis em vez de resolver os problemas de forma racional, e acho que muitas vezes são pequenezas que fazem as pessoas tropeçarem e fracassarem. Mas não sou pedante, nem rancoroso, nem pão-duro. Tacanho? Ridículo.

Assim, deixei a pergunta sem resposta e dirigi com Irene pelas Montanhas Rochosas. Vimos muitas florestas, rios tranquilos e selvagens, água caindo de grandes alturas nos vales, de longe um fino raio prateado e de perto um turbilhão que se precipitava em espumas, neve nos cumes, rápida mudança de temperatura e tempestades violentas, cujo eco ressoava nas montanhas como o rumor de uma batalha. Eu teria gostado de salvar Irene de um urso, mas não encontramos nenhum, e eu nem saberia como fazê-lo. Em compensação, num acampamento, encontramos um cachorro abandonado ou esquecido, de pelo preto com focinho, peito e patas brancos, com manchas pretas, ao mesmo tempo assustado e confiante, que nos acompanhou em todas as trilhas, saltando e correndo ao nosso redor. Quando seguíamos de carro, abríamos as janelas, e Irene esticava os pés para fora da janela da frente, e ele botava a cabeça para fora da janela de trás e não se fartava de farejar o mundo.

— Como o cachorro se chamava?

— Não sei. Você me diz!

— Era macho ou fêmea?

— Fêmea.

Irene adormeceu antes de conseguir dizer o nome. Anoitecia, mas continuava quente — aquele calor seco, ardente, que esturricava tudo, com que acordávamos e adormecíamos havia dias. Preparei um gaspacho com tomates em lata, Irene tomou algumas colheradas e logo voltou a dormir. Eu a deixei dormindo na varanda e trouxe um colchão para mim também. Não estava mais fresco do que dentro de casa, mas era mais fácil respirar.

No meio da noite acordei e lembrei. Eu tinha descrito o cachorro que certa vez meus filhos trouxeram para casa. Eles encontraram o bicho na quadra de esportes em que de tarde se encontravam com amigos; ele não tinha dono, não estava com nenhuma identificação, e as crianças se apaixonaram por ele. Na verdade, era uma boa companhia; minha mulher, quando se sentava no sofá e ele se deitava ao seu lado, gostava que ele botasse a cabeça no colo dela e o chamava de meu pacotinho quente. Mas eu não deixei que ficasse conosco. A sujeira que trazia para dentro de casa me incomodava, e a confusão quando as crianças brincavam com ele, e os danos ao sofá estilo Biedermeier, que ele às vezes mordida e lambia quando minha mulher se sentava ali, e a ideia de ter que mandar o bicho embora quando as crianças perdessem o interesse nele. Ninguém se queixou quando ele sumiu.

Sempre me considerei um marido e um pai generoso. Minha mulher tinha em casa toda a ajuda que queria e um carro próprio, e as crianças recebiam tudo de que precisavam para seu desenvolvimento, mesmo quando achavam que precisavam, mas na verdade não era o caso. Será que nas coisas pequenas eu era um pouco mesquinho? Como eu sabia que um dia meus filhos perderiam o interesse no cachorro? Como eu sabia que sua perda não seria dolorosa para minha mulher e meus filhos? Eles só não se queixaram porque lá em casa se falava pouco? O que mais, entre nós, ficou sem ser dito?

Lembrei-me do acidente da minha mulher. Eu estava deitado de costas, braços cruzados atrás da cabeça, observando o céu. Conhecia o Cruzeiro do Sul da bandeira australiana; procurei por ele, mas não o encontrei. A Via Láctea me fez pensar na minha mãe, de quem quase não tenho lembranças, mas sei que me pariu de cesariana e não me amamentou

porque, naquela época, os médicos desaconselhavam amamentar depois de uma cesárea. Um pontinho claro deixava um rastro no céu; eu o acompanhei com os olhos e assim adormeci.

Irene gostou da viagem das Montanhas Rochosas até o Pacífico. A luz clara, o capim seco, marrom, mas brilhando dourado de manhã e ao anoitecer, os pomares, suas árvores plantadas em fileiras com tanta precisão que, à tardinha, as sombras ritmadas passavam pelo nosso carro, os vinhedos, não nas encostas mas nos vales, os nomes dos lugares que falavam de espanhóis e russos que um dia se instalaram na região. Irene imaginava as pessoas de Sebastopol e como teriam encontrado seu caminho da Crimeia até a Califórnia, fundando uma Sebastopol ali, as noites frias quando as fornalhas ardiam em meio às videiras, a primavera em que as árvores de frutas ficavam cobertas de flores vermelho-rosadas. Antes de chegar ao Pacífico, cruzamos a última cadeia de montanhas de cujos cumes víamos o nevoeiro nos vales e sobre o mar, tão denso que parecia que o sol não seria capaz de desfazê-lo. Era fim da manhã, e nos sentamos no capim marrom, o cachorro aos nossos pés, bebemos o vinho tinto que compramos em uma vinícola no caminho. Ficamos cansados, cochilamos, acordamos, e o nevoeiro tinha desaparecido, o Pacífico cintilava ao sol da tarde.

— Eu fiquei deitado, quieto. Enquanto dormíamos, você tinha se virado para mim e passado o braço sobre meu peito.

Irene sorriu.

— Você está ficando ousado.

— Você passou o braço sobre meu peito, não eu sobre o seu.

Ela riu.

— Entendi. E aí?

— Você acordou, deixou o braço um momento no meu peito, depois se sentou e olhou o Pacífico. Eu também me levantei, e você encostou o ombro no meu.

— Como você se sentiu com o meu braço sobre o seu peito, e o meu ombro no seu?

Mulheres sempre querendo ouvir o que sentimos! Elas têm que escutar — saber não basta. É como no Exército, onde não basta servir fielmente, mas toda manhã é preciso prestar juramento de fidelidade à bandeira. É um ritual de compromisso e submissão que não usei com minha mulher e de que ela também em algum momento desistiu. Em algum momento parou de perguntar como eu me sentia.

— Bom — eu disse, então descemos para o litoral e seguimos ao longo da costa para São

Francisco. Irene tinha visto *Os pássaros*, e em Bodega eu lhe mostrei a escola que aparecia no filme. Depois, caminhamos até a praia e ao longo do mar, e eu lhe contei das ondas que se erguem de surpresa do mar calmo, arrastando qualquer pessoa que esteja correndo muito perto da água sem devolvê-la.

De repente, tive medo por ela. Irene não tinha escolha, ela precisava correr perto do perigo, o câncer a arrastaria sem devolvê-la.

Quando atravessamos a ponte Golden Gate, o sol se punha. Ele mergulhou no nevoeiro, e, por um momento, o Pacífico ficou todo cinzento, impiedoso, reservado. Mas a cidade ainda brilhava, e eu teria gostado de escutar no rádio a música que certa vez tinha ouvido e apreciado, que fala de São Francisco, ou da Califórnia, ou das duas coisas, mas não lembrei o nome, só fragmentos da melodia. Cantei para Irene, e ela também conhecia a música, porém também não recordava o título. Mas, de qualquer forma, tínhamos chegado.

— Aqui estamos nós. — E sorri para Irene.

— Sim — ela retribuiu o sorriso —, aqui estamos nós.

Poucas vezes na vida fiquei doente. E, quando adoecia, me comportava como meus avós me ensinaram: dar o mínimo de trabalho, precisar do mínimo de coisas, querer o mínimo de coisas. Já basta não funcionarmos direito quando estamos doentes; por isso, o funcionamento dos outros deve ser minimamente prejudicado. E assim fizemos, minha mulher e eu, na nossa família. E não temos todos os motivos do mundo para estarmos contentes e gratos por podermos ficar doentes na cama, em vez de, como acontecia com pessoas na guerra, lutar em trincheiras de lama molhada estando enfermo, ou fugir na neve e no gelo, ou esperar pelas bombas em porões frios?

No começo, Irene era assim. Só me pedia algo quando estava realmente impossibilitada e ficava visivelmente constrangida e agradecida. A cada dia, minha ajuda foi ficando mais natural, e Irene tinha mais necessidades e desejos. Em vez de três grandes refeições, muitas pequenas, em vez da alternativa de dormir na cama do quarto ou na varanda, também colocar a cama de um ou outro lado da varanda, no alpendre da casa da praia ou debaixo da acácia perto da escada, em vez de pedir um copo d'água, “estou com sede”, e, em vez de “obrigada”, um sorriso ou nada. Quando sentia náusea e vomitar não a aliviava, continuava regurgitando e cuspiendo, e, se o balde estava longe ou não havia lenço disponível ou eu não a apoiava direito, Irene implicava comigo.

Não era fácil para mim. Eu nem podia imaginar que ela quisesse ser tratada assim. Então, por que me tratava desse jeito? Câncer ou morte iminente nos conferem direitos especiais? Eu não admitia isso, e continuo decidido a não exigir direitos especiais se estiver na mesma situação. Mas talvez, como eu fiz, não conseguisse rejeitar seus pedidos constrangidos e seu constrangido agradecimento, e dizer que era tudo natural e depois não seguir o que havia aceitado. Talvez fosse bonito que minha ajuda agora lhe parecesse natural. Talvez a franqueza não seja sempre o mais importante.

Na noite da nossa chegada a São Francisco, Irene estava diferente outra vez. Pedia quando lhe faltava alguma coisa, agradecia quando a recebia, e desculpava-se pelo trabalho que estava dando. Era como se quisesse criar de novo uma distância entre nós, fazendo de mim um vizinho com quem não tinha sido ligada antes e do qual podia se afastar. Ela me lembrava da minha filha pequena, que, nas férias de verão, tinha aprendido a se virar sem nós, e depois

de voltar para casa nos fez sentir que era independente e que não devíamos assumir como óbvia sua ligação conosco. Irene estava ficando estranha.

— Eu consigo sozinha — disse quando, depois do jantar, se levantou e foi até a escada.

— Onde você quer dormir?

— Na varanda.

Ela subiu a escada, lenta, pesada, encurvada, apoiando-se com as mãos nos degraus. Eu estava pronto para correr em seu auxílio, mas Irene não precisou de mim.

Lavei a louça, arrumei a cozinha e preparei a mesa para a manhã seguinte. Então, me servi do restante da garrafa de vinho e levei a taça até a varanda. Ouvi Irene ir do quarto até o banheiro, tomar um banho e voltar ao quarto. Estava quente como durante o dia e a noite anterior, e o dia antes disso, e notei que eu gostava do calor da noite. O calor que não é mais agressivo nem reduzido, mas que se tornou indiferente.

Então, ouvi Irene chamar e fui até a cozinha.

Irene estava descendo a escada. Com a mão direita tocava a parede para se apoiar se precisasse, mas se mantinha ereta e colocava um pé diante do outro, em segurança. A cabeça estava levemente inclinada para a frente e me olhava. Ela estava nua.

Quanta coisa passou pela minha cabeça naqueles segundos em que Irene descia a escada! Que ela devia ter cheirado seu resto de cocaína. Se comparado a rosto, pescoço e braços bronzeados, como seu corpo era pálido, mortalmente pálido. Como estava fatigado, com os seios flácidos, a pele flácida em torno do ventre, e ao mesmo tempo como estava bonito, e que essa beleza flácida ainda era beleza. Que aquilo que os adolescentes na galeria disseram sobre seus quadris, suas coxas e seus pés era errado. Que o que eu tinha fantasiado sobre ternura e sedução, resistência e recusa, e que ela era simplesmente uma mulher com vida própria. Com que coragem Irene vivera sua vida, e como eu levava a minha cheio de medos. Pensei que ela dera às crianças adotadas mais amor do que eu dedicara aos meus filhos. Que a fadiga de seu corpo me comovia. Como estavam próximos emoção e desejo.

Ela falava com os olhos. Dizia que estava interpretando um papel para mim, mas não teatro, que nós dois sabíamos que ela não era a Irene jovem mas a velha, que eu não era jovem mas velho, que nesse ponto de sua vida ela não podia mais dar muita coisa além de amor, e que me convidava a fazer o mesmo e admitir que era isso que eu queria. Mas que ela também saboreava o jogo, a autorreferência e meu olhar de admiração.

Então, Irene chegou ao pé da escada e se entregou de corpo inteiro ao nosso abraço, peito no peito, ventre no ventre, coxa na coxa. Minhas mãos sentiram a sua pele; era como papel de seda, macia, seca, um pouco áspera. Eu sabia que logo a levaria até seu quarto. Mas não havia pressa.

No dia seguinte, preparei no quarto dela, juntando duas camas, uma cama de casal, e na varanda juntei nossos colchões. Hesitei em dormir com Irene na mesma cama na varanda, pois Kari podia aparecer a qualquer momento. Mas ela balançou a cabeça.

— Ele só vem quando acha que estou em perigo. Se aparece um helicóptero, um barco ou pessoas estranhas.

Irene nunca mais esteve tão animada quanto na noite em que cheirou seu resto de cocaína. Nunca mais fizemos amor também; ela estava fraca demais e contente por só ficarmos abraçados. Outra coisa também mudou. Ela ainda queria que eu contasse nossa história, mas, depois da nossa chegada a São Francisco e nosso encontro, ela queria ouvir outra coisa.

— Me conte como teria sido se tivéssemos nos conhecido na universidade.

— Como teríamos nos encontrado como estudantes? Você era politizada, tinha admiradores, era convidada para *vernissages* e festas, logo se sentiu em casa... Eu não fiz nada além de frequentar aulas e conferências e ficar sentado na biblioteca.

— Mas agora que sabe que poderia ter me encontrado... Você nunca esteve na Cave?

— Não.

— Mas sabe o que era? Onde ficava?

Então, à noite, depois das dez, eu não ia da biblioteca para casa, mas para a Cave. Era um bar que funcionava em dois andares do porão — em cima, um bar, com mesas e cadeiras; embaixo, palco e pista de dança, o ar cheio de fumaça, alguns jovens tocavam jazz. A música não tinha melodia — estariam improvisando? A cor preta, as saias pretas, os jeans pretos, as jaquetas e os suéteres pretos — existencialismo? Daí vinha aquela atitude indiferente com que todos se moviam, se sentavam e se levantavam, ofereciam fogo e fumavam, erguiam e esvaziavam o copo? Os homens olhavam com tanta indiferença para as belas mulheres cuja proximidade afinal buscavam, e as mulheres encaravam os homens como se as incomodassem? Eu olhava ao redor e...

Irene deu uma risada.

— De onde você tirou esse clichê de *nouvelle vague*? No fim dos anos sessenta ninguém mais usava preto, as meninas queriam recuperar o que não tinham conseguido ter quando

eram alunas provincianas, e os rapazes queriam nos impressionar com grandes discursos sobre teoria crítica e práxis revolucionária. Você não acompanhou nada disso?

— Eu já disse que só estudava, nada além disso.

— E depois só trabalhou, e nada além disso? Entrou no escritório, o assumiu e o fez crescer cada vez mais?

— Não sei o que você quer de mim.

— Eu não quero nada de você. — Ela me tomou nos braços. — Fico imaginando a sua vida. A sua vida na sua bolha. Talvez quem viva numa bolha realmente enxergue o mundo lá fora como um clichê.

Eu não sabia o que dizer. Profissionalmente vou muito ao exterior e sempre viajo de olhos abertos. Em casa, leio dois jornais, sobretudo os cadernos de economia e finanças, mas também os de política e cultura. Sou mais bem informado sobre o mundo do que a maioria das pessoas. Só porque eu não conheço a moda dos estudantes do fim dos anos sessenta levei minha vida numa bolha?

Irene sentiu que eu me sentia preso nos seus braços e me puxou para mais perto.

— Você nunca visitou os seus filhos na faculdade? Nunca esteve com eles nas suas festas e nos bares?

— Meus filhos foram para uma escola interna na Inglaterra com 14 anos. Eu ia para Cambridge nas festas de fim de ano, acontecimentos grandiosos com pompa e circunstância. Também estive lá quando meu filho venceu a competição contra Oxford na Boat Race.

— Vocês se veem com frequência?

— Eles ficaram na Inglaterra, a mais velha e o do meio se tornaram advogados, o mais jovem tem uma empresa de softwares. Eu vou lá quando nasce algum neto ou os três fazem alguma festa. Não quero incomodar.

Irene acariciou lenta e carinhosamente as minhas costas.

— Meu doidinho ingênuo. Você sempre quer fazer a coisa certa. — Ela repetiu num tom terno e triste: — Meu doidinho ingênuo.

Mais uma vez não entendi o que Irene queria dizer. Comecei a chorar, não sabia por que chorava nem por que chorava naquele momento. Foi desconfortável, eu me sentia ridículo, mas não conseguia parar. Sentia falta dos meus filhos, não desses que agora viviam na Inglaterra, mas daqueles que foram adolescentes e cuja puberdade e cujos conflitos na escola e nos namoros, cujas reflexões sobre a escolha da profissão eu não havia acompanhado. Quando buscava os meus filhos no aeroporto, eles não estavam voltando para casa, só vinham de visita nas férias, e muitas vezes nas férias já partiam para fazer um curso de idiomas ou aulas de tênis. Meus filhos nunca se queixavam, mas agora, mesmo assim, me causavam tristeza. Também senti tristeza por mim, e chorei tanto por mim quanto por eles, e pela minha mulher, que jamais quisera que os filhos ficassem na Inglaterra. Naquela época, eu realmente achava que seria melhor para as crianças? Ou simplesmente estava me dando uma vida mais fácil e mais cômoda sem filhos por perto?

— Chore — Irene continuava acariciando as minhas costas —, chore. Vai ficar tudo bem.

Mais uma vez não entendi o que ela quis dizer. Mas senti que queria me consolar, e ela se

fundia às minhas autoacusações e à minha autopiedade, formando uma coberta debaixo da qual eu podia chorar até dormir.

— Acho que é a última vez — disse Irene na manhã seguinte. — Eu gostaria de descer mais uma vez a escada até a praia.

Quando descemos, ela com uma das mãos no corrimão e a outra no meu ombro, eu também soube que seria a última vez. Ela parava a cada degrau, juntava forças para o próximo, sempre primeiro o pé direito, depois o esquerdo no degrau seguinte, e a cada degrau parava reunindo forças para o próximo. Enquanto isso, respirava com dificuldade, não conseguia falar e só de vez em quando me encarava exausta ou pedindo desculpa, ou com um sorriso irônico.

— Olha o que eu me tornei.

Eu tinha vontade de chorar de novo. O que estava acontecendo comigo, ontem de noite e hoje? Quando Irene e eu nos reencontramos, estava claro que só nos teríamos por pouco tempo. Mas isso era verdade em algum lugar lá fora, não entre nós. Entre nós acontecia tanta coisa, havia tanta vida, tantas promessas. No longo caminho para descer a escada, a brevidade do tempo que restava se transformou em uma verdade entre nós, e eu não conseguia aguentá-la. Não preciso de ninguém, eu sempre pensava, no máximo para ser feliz, mas não para sobreviver, pois, afinal, tinha sobrevivido sozinho. Agora não sabia como sobreviveria sem Irene, como poderia encontrar meus filhos de um jeito diferente, como organizaria meu trabalho de um jeito diferente, como formaria uma vida nova sem ela. Como adormeceria e acordaria sem ela.

Mas não chorei e tentei descer a escada devagar com Irene, pé ante pé, degrau a degrau, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Ela parou por um longo tempo num degrau até conseguir falar.

— Você disse que os escritórios ingleses aceitam alemães. Por que não abre uma filial do seu escritório com seus dois mais velhos na Inglaterra? — Pensei na distância com que meus filhos sempre me encontravam. — Afinal, eles escolheram a mesma profissão que você.

Alguns degraus depois ela parou de novo.

— Minha filha... Você tem que ver se pode ou não falar de mim para ela. Não quero que a deixe confusa. Quero que você faça bem a ela. Se você fizer bem não fazendo nada, não faça nada.

Então, vencemos a escada.

— Que adorável — disse ela, parada com os pés na água. Tudo era adorável, a água morna, a superfície lisa e cintilante do mar, os seixos, os peixes e as plantas no fundo, o céu ainda de um azul matinal sem os vapores de calor. Irene se encostou no meu abraço, olhou ao redor e relaxou. — Será que conseguimos ir até o rochedo no fim da enseada?

Mas poucos passos depois teve náuseas e vomitou o que tinha acabado de comer. Fizemos uma pausa e nos sentamos no alpendre da casa da praia.

— E se tivéssemos nos encontrado quando éramos crianças?

— Na escola? Eu me lembro do edifício de tijolos amarelos com ornamentos de arenito vermelho e suas duas metades iguais, uma para meninas e outra para meninos. O pátio era dividido em duas partes, como o colégio, e nos recreios as meninas e os meninos até o quinto ano corriam em duas grandes rodas, sempre dois a dois, vigiados por alunos mais velhos, que por sua vez eram vigiados por algum professor. Os alunos mais velhos, que não eram divididos no recreio, podiam se mover livremente e mexiam conosco, nos batiam, roubavam nosso pãozinho ou nossa maçã; para eles era uma brincadeira, menos uma questão de roubar pãozinho e maçã e mais de fazer isso sem ser descoberto.

“Eu era uma criança ansiosa. Tinha medo da escola, dos professores, dos alunos maiores, do caminho para a escola em que às vezes também mexiam comigo e me roubavam, e de atrasos, o que sempre me acontecia porque eu saía de casa no horário, mas caminhava devagar por medo da escola. Por muito tempo tudo o que tinha a ver com a escola me parecia um nevoeiro, eu não entendia o que estava acontecendo e o que aquilo significava.

“Até que um dia reconheci em outro círculo no recreio a menina de tranças loiras que às vezes eu via no armazém em que a minha avó me mandava fazer compras. Ela levava uma leiteira de alumínio, como eu, na qual o vendedor despejava leite integral ou desnatado, e um bilhete, como eu, que dizia o que ele devia colocar na sacola dela. Mas, diferentemente de mim, ela não entregava a carteira a ele, como eu fazia, mas pagava como uma adulta; devagar, a pontinha da língua entre os lábios, tirava da carteira notas e moedas, e com o mesmo cuidado contava o troco. Nunca nos falamos. Eu não teria coragem, não enquanto também não pagasse como um adulto.

“Assim, matemática foi a primeira matéria em que me esforcei. Ainda recordo a primeira vez em que também peguei da carteira moedas e notas e contei o troco. A menina não estava presente; demorou várias semanas até fazermos compras ao mesmo tempo, e ela viu que eu podia fazer o mesmo que ela. A menina me lançou um breve olhar do tipo ‘já estava na hora’ e não botou mais a pontinha da língua entre os lábios, talvez porque eu não fizesse isso. Também parei de entregar um bilhete ao vendedor, eu lia o que precisava comprar, e ela passou a fazer a mesma coisa. Agora eu sabia onde ela morava. Sem ter que fazer nenhum desvio, só um caminho diferente, podíamos seguir juntos a maior parte do caminho para casa. Mas nenhum de nós propôs isso.

“Às vezes, eu a seguia da escola para casa, bem de longe, não creio que ela sequer tenha percebido. Até que aconteceu com ela o que eu conhecia bem. Dois meninos mais velhos correram primeiro atrás, depois ao lado dela, depois a imprensaram contra a cerca. Ela

resistiu, não gritou. Ouvi os meninos rindo, ‘Vamos’, ‘Me dá isso aqui’. Saí correndo, me choquei com toda a força com um deles e dei um soco com toda a força na barriga do outro. Peguei a mão da menina e saí correndo com ela, dobramos a esquina seguinte, entramos num jardim e nos escondemos atrás de um arbusto. Mas os meninos não nos perseguiram.

“Depois de algum tempo eu a levei para casa. Não larguei a mão dela, e ela não tentou se soltar. Na frente da casa dela, perguntei como ela se...”

— Essa história é verdadeira?

— Ela não era loira, mas morena, não se chamava Irene, como eu queria chamá-la agora, mas Bárbara. Por duas, três semanas depois da escola voltamos juntos para casa, de mãos dadas, depois ela sumiu, e eu a tinha esquecido, até você me perguntar pela escola e ela me vir à lembrança. Se tivesse sido você, e não tivesse se mudado de lá, mas ficado...

Tomei a mão de Irene.

— Sim.

Conseguimos chegar até o rochedo no fim da enseada. Então ela não conseguiu mais avançar. Eu a carreguei até a escada e degraus acima e a deitei na cama na varanda. Era tão cedo que o sol ainda brilhava sobre a cama; abri o guarda-sol e o ajeitei.

— Você está sentindo um cheiro?

— Não. Mas que cheiro você está sentindo?

— Fogo. Mas talvez eu esteja enganada.

Andei pela casa, verifiquei o fogão a gás, o boiler e as velas que às vezes acendíamos nos últimos dias. Também examinei as provisões; em dois, três dias eu teria que voltar ao povoado. Também gostaria de conseguir morfina para o caso de Irene sentir dores muito fortes. Será que Kari poderia conseguir morfina — ou heroína?

Quando voltei à varanda, Irene estava dormindo. Sentei-me ao seu lado e a contemplei. O cabelo afastado do rosto, preso num rabo de cavalo, as rugas horizontais na testa e as verticais nas faces, a boca cujos lábios se afinaram, o queixo redondo e forte, a pele flácida debaixo do queixo e no pescoço; ela parecia séria. Fiz uma série de caretas, mas não descobri que expressão produzira as rugas que lhe desciam pelas faces, os pés de galinha no canto dos olhos — risos de alegria pelo mundo ou uma recusa temerosa com olhos fechados? Seu rosto não era adorável. Mas eu o amava, e pensei na alegria e no medo e nas cisões profundas na vida de Irene.

Quanto mais eu olhava, melhor acreditava entender seu rosto. Lá estavam duas coisas, alegria e medo em torno dos olhos, dureza e doçura nas faces, os lábios finos prontos a sorrir, sedutores.

Ela abriu os olhos.

— Por que você está me olhando?

— Estou só olhando.

Ela não gostou da resposta e balançou a cabeça, sorrindo.

— Quando eu olho para você, encontro no seu rosto o que sei ao seu respeito e também o que ainda não sei, e vou juntando tudo. E cada vez te conheço melhor. Cada vez te amo mais.

— Eu sonhei que viajava de trem, primeiro um expresso, depois um trem de subúrbio, e quando descii já sabia que era a estação errada, mas mesmo assim descii e era a estação

errada, tão abandonada e arruinada, como se há muito nenhum trem parasse nela. Atravessei o edifício da estação até a praça em frente, e lá também estava tudo vazio, nem táxis, nem ônibus, nem pessoas. Mas então vi Karl e Peter, os dois sentados em suas malas, coisas velhas sem alças nem rodinhas, como se esperassem que alguém fosse buscá-los. Quando me aproximei dos dois, eles não ergueram os olhos, não se mexeram, era como se há muito estivessem mortos, sentados mortos em suas malas. Eu me assustei, mas não como se atinasse algo de repente, e sim como se alguma coisa fria rastejasse subindo pelas minhas costas. Então, acordei.

— Eu não sei interpretar sonhos. Sonhos são espumas, dizia minha mulher. Mas o que vocês falaram sobre o fim do mundo, e da arte e das alternativas... Vocês não estavam numa estação de onde não sai mais nenhum trem? Vocês não estavam feito mortos sentados nas suas malas? — Eu queria ter perguntado isso logo depois de os dois partirem, mas tinha esquecido. — Você realmente acredita no que eles falaram?

Ela olhou ao redor, e notei que queria se erguer na cama, então trouxe travesseiros. Irene se sentou e me fitou com aquele olhar triste e terno que eu passara a conhecer e que parecia me dizer que sentia ternura por mim, mas ao mesmo tempo tristeza por eu não entender o que ela queria que eu entendesse.

— Meu doidinho ingênuo, você atravessa a vida e luta suas lutas como os cavaleiros antigos lutavam em seus torneios, e, assim como eles, não percebe que se transformaram em lutas contra um inimigo imaginário e que é o fim de uma era. Eu gosto de você por isso, porque você segue de um jeito tão valente de tarefa em tarefa e, confiante, ainda faz uma fusão aqui e uma aquisição ali, achando que isso é importante. Isso me comove. E me deixa triste.

Eu quis contestar. Quis justificar o que fazia. Explicar que fusões e aquisições são importantes. Que as lutas que eu luto não eram contra inimigos imaginários. Que nada tinha acabado, mas tudo seguia adiante, sempre adiante.

— Não se preocupe. Quando as pessoas falam do mundo, em geral falam de si mesmas. Talvez eu só não consiga suportar que o meu fim esteja chegando sem que o mundo acabe também. Venha aqui!

Nós nos abraçamos, cada um perdido em seus pensamentos, mas mesmo assim juntos. Então, meus pensamentos foram ficando sem graça, e eu fiquei triste, porque também sentia o limite diante do qual não nos compreendíamos nem sentíamos um ao outro. Não só Irene e eu — desde sempre havia uma parede de vidro que não permitia que eu pudesse de verdade tocar as outras pessoas, nem minha mulher, nem meus filhos, nem meus amigos. Eu estava sempre isolado comigo mesmo.

Tive de novo vontade de chorar, mas, na noite anterior, havia chorado o suficiente. Mesmo assim, tentei manter o nosso abraço e afastar todas as outras emoções e todos os outros pensamentos assim que chegavam. Não foi fácil.

Na manhã seguinte, Irene sentiu cheiro de fogo outra vez.

— Mas, se fosse fogo, Kari não estaria aqui? Quer que eu procure Meredene? De qualquer forma, precisamos fazer compras.

Ela balançou a cabeça.

— Não vá embora. Você tem razão. Se alguma coisa acontecer, Kari vai vir aqui. — Ela me olhou, receosa. — Hoje talvez eu não consiga segurar de novo. Estou tão fraca, como nunca estive antes. Certa vez, fiquei doente quando ainda tinha as crianças. A febre subindo cada vez mais, por fim fui para a cama e dei graças a Deus por não ter que fazer nada além de ficar deitada. Pode ser agradável ficar aqui deitada. Ficar aqui deitada e morrer. Você me conta alguma coisa?

— Tenho duas lembranças da minha mãe. Meus pais, logo depois da guerra, se mudaram do norte para o sul da Alemanha, e viajamos na caçamba do caminhão de mudanças, que tinha janelas e um banco na frente, como a cabine, mas sem volante nem motor. Uma das lembranças é a de estar sentado no colo da minha mãe, olhando pela janela. Outra é a de estar com a minha mãe certa vez na pracinha. Era atrás do terreno baldio onde até 1938 ficava a sinagoga, um terreno estreito, comprido, com árvores, bancos e uma caixa de areia.

“Lembro que era de tardinha e estava escurecendo. Ela estava sentada comigo na caixa de areia, construindo um castelo. Minha mãe tinha trazido um pedaço de madeira e conseguiu botá-lo como teto na torre sobre o primeiro andar e construir outro andar em cima. Ela também tinha trazido um baldinho com água, que ajudava, mas mesmo assim foi um trabalho incrível. No primeiro andar podia-se ver, pela porta, o interior do aposento, e olhar pela janela do outro lado. Ela trabalhava com a maior concentração, completamente imersa no projeto, como se eu nem existisse. Apesar disso, eu estava extremamente feliz. Ela estava comigo, só comigo, e fazia algo para mim, só para mim. Quando escureceu, ela havia terminado. Os lampiões se acenderam, lampiões a gás com uma luz suave, e nós ficamos sentados olhando o castelo. Certamente tinha uma muralha e outras construções, mas eu me lembro sobretudo da torre de dois andares, e via Rapunzel soltando suas tranças para que o príncipe conseguisse subir até ela. Então, ergui os olhos, e uma menininha loira estava parada ao meu lado também, fitando o castelo com olhos claros, cinza-azulados, e um sorriso

admirado, um pouco inclinado. Ela...”

— Isso aí você está inventando — disse Irene numa censura gentil.

— Sim. O estranho é que eu não sei se não inventei toda essa lembrança. A pracinha existia, mas por que não me lembro da minha mãe brincando comigo em outros lugares, em casa ou até no jardim, e por que ela teria feito isso ao anoitecer? Ela não era particularmente habilidosa e era impaciente, impaciente demais para construir uma torre de areia de dois andares. Às vezes, ela lia contos de fadas para mim. Será que eu inventei meu próprio conto de fadas? Mas o que aconteceu não é fantasia nas minhas lembranças, é realidade, e eu consigo ver tudo na minha frente: a caixa de areia, minha mãe de vestido azul, o castelo no lusco-fusco, depois na escuridão, depois à luz dos lampiões.

— Quantos anos você tinha quando sua mãe morreu?

— Quatro. Deve ter sido logo depois disso.

— E do que ela morreu?

— Ela bateu de carro numa árvore.

Irene me encarou como se esperasse que eu dissesse mais.

— Ela era uma boa motorista. Às vezes, me levava junto, eu ficava ao lado dela no banco do passageiro, sentado ou em pé, ainda não havia cintos de segurança nem cadeirinhas para crianças, e eu adorava quando ela dirigia rápido e me sentia totalmente seguro.

Irene continuava esperando.

— Uma vez meus avós disseram que ela estava alcoolizada. Que ela era alcoólatra. E os meus avós tinham sido contra o casamento, eles não gostavam da minha mãe e só falavam mal dela. Se ela fosse alcoólatra, eu teria sentido o cheiro. Crianças sentem o cheiro dessas coisas.

Irene tomou minha mão; ela não disse nada, mas eu sabia mesmo assim o que estava pensando. Como sua mulher, ela pensava. Não gostei nada desse pensamento, mas as pálpebras de Irene ficaram pesadas, e achei melhor que ela adormecesse com esse pensamento a eu ter que contradizê-lo. Ela dormiu, e eu fiquei segurando sua mão, ressentido dela.

Então, também senti cheiro de fumaça. O aroma pungente e doce de eucalipto, fraco mas penetrante, inebriante. Eu me levantei e olhei ao redor, mas não vi nem fumaça, nem fogo. As colinas, a enseada, as árvores, os arbustos, o píer e o mar — tudo como sempre. De repente, Kari estava ao meu lado e fez um sinal para que eu o seguisse. Escrevi um bilhete para Irene dizendo que Kari tinha vindo e queria me mostrar uma coisa. Achei que íamos pegar o jipe, mas ele fez sinal negativo. Subiu o morro a passos rápidos e leves, e tive dificuldade em acompanhar. Eu só conhecia o caminho que o jipe fazia pelos morros ao longo da costa até o vale ondulado onde ficavam as duas fazendas. Kari me levou por uma trilha em um dos morros. Cada vez mais alto, a enseada ficou pequena e azul abaixo de nós, como uma ilustração de *Robinson Crusoe* ou *A ilha do tesouro*. Meia hora depois estávamos no topo.

O olhar se espalhava longe, até a cadeia de morros além do vale. Antes que eu visse o fogo, manchas e linhas vermelho-amareladas nos morros, vi a fumaça subindo ao céu em nuvens pretas. Quando passava por uma garganta onde o fogo ardia, ela reluzia num tom vermelho-amarelado. A fumaça também brilhava quando passava por um morro cuja encosta oposta a nós já estava em chamas; aquele vermelho-amarelado anunciava que logo o fogo atingiria o topo, colocando nele uma coroa de chamas crepitantes. Então, as chamas desciam o morro e, chegando lá embaixo, já teriam consumido tudo lá em cima, deixando apenas brasa e o negrume de cinza e madeira carbonizada.

Nos trechos visíveis da rodovia, passavam caminhões de bombeiros com as luzes piscando. Acima, helicópteros.

- Será que o fogo chega até aqui?
- O vale é grande. Mas está seco, e, se o fogo passar da rodovia... — Kari deu de ombros.
- E aí?
- Não sei. Depende do vento. Ainda não estamos sentindo muito cheiro nem vendo muita fumaça... O vento ainda está fraco. Mas, se ficar mais forte...
- Você alguma vez viu um incêndio aqui?
- Não, aqui não. Mas mais longe, ao norte. O fogo cria o vento, e o vento empurra o fogo.
- Meu Deus! — Ao pé do morro vi uma vila pegando fogo. Era aquela onde Meredene e eu fizemos compras?

Kari ficou no alto do morro, eu voltei para Irene. Ela estava acordada.

— Eu sei. Fogo nos morros. O que Meredene, a família dela e os dois velhos vão fazer?

— Eles podem vir para cá. Além disso, tem trânsito na rodovia, alguém vai dar carona para eles.

— E os animais?

Imaginei que alguma das crianças levaria os animais até nós na enseada, e, quando o fogo chegasse, para a água. Já ouvia o mugir das vacas, os guinchos dos porcos e o cacarejar das galinhas. Mas ninguém veio, nem os moradores das duas fazendas, nem os animais. Não sei o que aconteceu com eles.

Eu não me preocupava conosco. O barco estava no píer, botei combustível, liguei o motor, que funcionou de forma regular e confiável. Levei um colchão até o barco e arrumei uma cama diante do estrado onde ficava o timão. Coloquei na casa da praia todos os lençóis e toalhas que pude encontrar para, caso o fogo chegasse, molhar tudo e proteger a madeira do telhado, do alpendre e das janelas. Também levei para a velha casa tudo de que precisávamos para viver. Se o fogo viesse, iríamos para o mar esperar que tudo passasse, e depois provavelmente nem iríamos mais para a casa de cima, e sim para a de baixo.

No fim da tarde a fumaça passou sobre a enseada. Chovia cinzas, bem leves, bem finas; depositavam-se na nossa pele, nas dobras das nossas roupas, nos nossos dentes, deixando um gosto amargo na boca. Encontrei o caminho para o alto do morro e me acocorei ao lado de Kari. Debaixo do céu sombrio de um cinza-amarelado, a beirada do vale estava em chamas; o fogo conseguiu passar da rodovia. A floresta ardia num tom vermelho-amarelado, e, às vezes, como se uma mão invisível se enfiasse no fogo e lançasse labaredas adiante, bem à frente da linha de fogo ardia uma árvore ou um arbusto, e também o mato ao redor.

— Quando o fogo vai chegar aqui?

Como se quisesse responder à minha pergunta, o vento chegou. Atiçou o fogo, empurrou-o adiante, soprou a fumaça preta numa grande nuvem, um monstro vivo que crescia, ardia e bruxuleava. Num momento uma bola de fogo saiu do ventre da nuvem, voou descrevendo um grande arco, como se lançada por uma catapulta, até o pé do pequeno morro à nossa frente, e fez as árvores pegarem fogo. Fumaça e cinzas sopravam na nossa cara, às vezes um aroma de eucalipto, às vezes simplesmente uma bola de calor.

Tão de repente quanto começou, o vento parou. O fogo não se curvava mais à frente como quem corre muito rápido, mas estava ereto, como se aguardasse instruções.

— Você pode ir agora. Se ficar perigoso, eu tento ir até lá. Se eu não chegar, mas o fogo vier sobre o morro, entrem no barco e vão para o mar. Não esperem por mim. Se o caminho até vocês for interrompido, eu pego outro.

Irene estava deitada como eu a tinha deixado. contei-lhe do fogo no vale, do vento e de Kari. Ela escutava, as pálpebras pesadas.

— Você pode me limpar?

Peguei um colchão e cobri com um lençol limpo, despi Irene e a lavei, vesti-a de novo e a pus na outra cama. Mais uma vez, ao vesti-la e despi-la e mudá-la de cama, ela passou com confiança os braços no meu pescoço, e isso me deixou feliz.

— Se essa noite o fogo vier sobre o morro, vamos para o barco.

— Eu não vou entrar no barco.

Isso era tão louco que fiquei sem saber o que dizer.

— Você quer morrer na casa? Não vai morrer quando quiser. Vai morrer quando chegar a hora.

— Se a casa queimar, vai estar na hora. Eu não vou queimar, vou sufocar na fumaça. Uma morte fácil. — Ela disse isso num tom melancólico e obstinado, como uma criança, e se agarrou ao parapeito da varanda com força, deixando os nós dos dedos brancos. — Não quero ir a Rock Harbour, nem ao hospital em Sydney, num quarto todo branco. Quero morrer aqui.

Eu me curvei por cima dela e a tomei nos braços.

— Não vou deixar você morrer num quarto branco. Você vai morrer aqui. Quando chegar a hora. Vamos entrar no barco quando o fogo chegar e, quando ele tiver passado, vamos morar na casa velha, e ainda teremos um ao outro por um tempo. Desperdiçamos muitos dias, não podemos perder mais um só.

— Você me promete que vou morrer aqui? Aconteça o que acontecer?

Prometi, e ela largou o parapeito da varanda e adormeceu nos meus braços. Sobre os morros surgiu uma nuvem de fumaça preta que passou pela enseada e escureceu o dia, embora o sol ainda estivesse no céu como uma bola branca e fosca por trás da fumaça. Então, vi chamas vindo do alto de um morro, levantei Irene, levei-a até o barco, molhei os panos na casa velha e os coloquei na madeira. Um vento forte vinha dos morros, curvando e descabelando as árvores, fez a casa de cima ranger e tremer e revolveu o mar, fazendo ondas baterem no píer. O ar tinha gosto de fumaça e sal.

O fogo disparou morro abaixo e subiu pelos troncos das árvores até as copas. Elas ficavam de pé como tochas antes de cair. Ou explodiam e lançavam cascas em brasas pelo ar. Corri até o barco e liguei o motor, na enseada a tempestade de fogo tremia e fundia brasa e cinza, revolvendo-as no ar. A casa de cima estava em chamas; por um momento, o fogo vermelho-amarelado desenhava as linhas e as quinas da casa, ardendo pelas janelas, antes que os troncos sobre os quais a casa se apoiava queimassem e se quebrassem e tudo desabasse com um estrondo. O fogo pulou para a velha casa na praia, sibilou pelas vigas, fez as janelas saltarem das esquadrias, e o telhado e o alpendre desmoronaram com um grande ruído.

Toda a enseada estava em chamas. Levei o barco até o mar, fora da enseada, longe do fogo e dos pedaços de casca de árvores em chamas, do calor e das cinzas. Não sei por quanto tempo o fogo se debateu, uma hora, duas horas. Quando só havia brasa, um braseiro cor de laranja debaixo de uma lua vermelha, eu estava totalmente exausto. Deitei-me ao lado de Irene, que não tinha acordado durante o incêndio, e agora também não acordou. Ela se encostou em mim quando passei o braço por ela e se acomodou. Assim, adormeci.

Quando acordei, o dia estava claro, o sol alto no céu, o barco balançando diante da enseada. Eu me sentei. As árvores nos morros eram esqueletos pretos, às vezes com copas ainda em brasa vermelha, ou totens pretos grossos ou finos, ou troncos pretos caídos uns sobre os outros. A casa de cima era uma montanha de carvão preto, a de baixo eram paredes e colunas pretas, entre as quais o telhado e o alpendre desabaram.

Irene havia sumido. No começo, não percebi porque não podia nem imaginar isso, depois porque não quis saber. O colchão ao meu lado estava vazio, Irene não estava agachada à frente do barco, nem acorada atrás do timão, não respondeu quando chamei por ela, não acenou de dentro d'água onde estava nadando. Como se ainda conseguisse nadar. Liguei o motor e levei o barco até o píer, então atravessei o tapete quente de cinzas até a casa de baixo e chamei dentro da casa, e pela praia e pela encosta dos morros. Era como se, enquanto eu dormisse, ela tivesse sido capaz de levar o barco até o píer, atracar, ir para terra firme e me mandar de novo com o barco para o mar.

Eu me sentei no banco onde Irene tinha me acordado e cumprimentado há alguns dias, entre telhas caídas, e não sabia como iria suportar isso. Que ela não estivesse mais ali. Que eu não pudesse mais ver seu rosto, ouvir sua voz, tocá-la. Nem segurar mais sua mão. Que ela acordasse de manhã vendo a velha casa destruída e tivesse pensado que agora seria levada para Rock Harbour e Sydney para morrer num quarto branco. Que não tinha confiado em mim. Mas o que eu poderia ter feito? Como eu não a levaria para um hospital? Teríamos conseguido viver no barco até a sua morte?

Ela acordou pela manhã, se arrastou entre tormentos até a beira do barco e se deixou cair. Teria me beijado antes disso, acariciado minha cabeça, dito alguma palavra? Eu poderia ter acordado? Eu entendia que ela não quisesse morrer num quarto branco. Mas teria ficado com ela dia e noite, teríamos ficado perto um do outro, teríamos nos amado.

Existe algo melhor que a morte em qualquer lugar. Irene não sabia disso? Existe algo melhor que a morte em qualquer lugar, mesmo que seja em um quarto branco num hospital no interior da Austrália ou em Sydney. As coisas deviam ter transcorrido de uma forma diferente do que eu havia imaginado. Ela sentiu náuseas, como tantas vezes nos últimos dias, queria vomitar na beirada do barco, perdeu o equilíbrio e caiu na água, fraca demais para

chamar, fraca demais para nadar.

Kari veio, viu que Irene não estava, não perguntou nada, não disse nada, agachou-se na praia e ficou observando o mar. Será que eu ouvi lamentos e resmungos de lá, onde ele se agachava, fora do meu campo de visão? Não sei como o tempo passou, quanto tempo fiquei sentado e ele agachado, e às vezes a brisa trazia os lamentos até mim. Em algum momento, eu me levantei e olhei, e ele tinha ido embora.

Fui até o barco, trouxe a cama até as ruínas da velha casa; nele encontrei, entre caniços, anzóis, latas, mangueiras, escovas e panos, uma corda comprida o bastante para amarrar o timão de modo que o barco seguisse sempre reto em frente. Larguei minhas roupas na areia, entrei na embarcação, liguei o motor e naveguei até ver que ela realmente seguia sempre em frente, para o meio da saída da enseada. Depois pulei na água e voltei nadando.

Primeiro, quis afundar o barco. Ali, onde eu tinha acordado de amanhã e onde acreditei que Irene havia caído no mar. O barco como caixão, sepultura ou oferenda funerária, lugar de luto e despedida. Mas depois senti que, se ele afundasse, a morte de Irene iria me pesar ainda mais.

Assim, fiquei sentado no banco, seguindo o barco com o olhar. Ele varou as águas calmas da enseada, chegou ao mar aberto, lá dançou ao vento e às ondas, mas manteve seu curso e se afastou cada vez mais. O mar estava vazio; nenhum navio de carga, nenhum iate, nada além do barco de Irene ficando cada vez menor à luz da tarde. Então eu não soube mais se ainda o avistava ou se era só impressão. O pontinho negro no horizonte — aquele era o barco de Irene?

Olhei para o mar vazio e contei os dias que havia passado com Irene. Cheguei a catorze — era terça-feira, e eu tinha chegado numa terça-feira, e não passamos só uma semana juntos, nem três. Lembrei-me de como meus filhos ficaram orgulhosos quando aprenderam a contar até dez, ou cem, mas como ficaram pensativos ao saber que os números não têm fim, e assim descobriram o infinito.

Eu iria procurar a filha de Irene. Não sabia como fazer para ela receber o que sobrava da herança da mãe de Irene. Devia haver na Alemanha um banco ou um advogado com quem Irene mantivera contato. Como descobrir? Como lhes apresentar o último desejo dela? Quis refletir sobre o assunto, mas não conseguia. Nem conseguia pensar em como me aproximar dos meus filhos. De modo profissional, oferecendo-lhes um escritório em conjunto, como Irene havia sugerido? Ou devagar, mostrando mais interesse neles e nos seus filhos, construindo juntos uma nova relação? Ou relatando-lhes o que tinha me acontecido?

Embora não adiantasse ficar pensando, eu não conseguia parar de pensar. Mas a consciência da morte de Irene fazia rebentar em mim sempre uma nova torrente sobre a represa que eu tentava construir com o pensamento. Como viver sem ela? Como, sem ela, viver aquilo que tinha aprendido com ela?

Comi maçãs que tinha salvado do fogo no barco. Estava certo de que nos próximos dias a embarcação de Rock Harbour viria para ver como estávamos. Eu sabia que não acabaria ali. Mas não conseguia deixar de sentir que, sim, eu devia acabar ali, ou que tudo já estava acabado para mim, e até acreditava que essa era a coisa certa. Eu não queria mais a minha vida antiga. Havia conhecido a alegria de uma vida nova. Fazia de conta que seria uma vida com ela. Não tinha aceitado que Irene morreria.

Assim se fez tarde e noite. Arrumei uma cama para mim nas ruínas da casa velha e encontrei algumas moedas e chaves da minha casa e do meu carro alugado. Meus documentos, meus cartões de crédito e meu dinheiro tinham queimado — para mim, não importava. Fiquei deitado, voltando a escutar outra vez o som das ondas na praia, escorrendo pelos seixos ao recuar. Eu nunca tinha dormido tão perto da praia, nunca escutara tão claramente o som da água. Ainda havia fumaça no ar, e o vento sempre voltava a trazer o cheiro de madeira queimada, às vezes com um toque de eucalipto, ou deitava poeira e cinzas

sobre mim. Dessa vez, acordei com a primeira luz do dia, vi o sol emergir rubro do mar, assumir um tom laranja e iniciar, amarelo, seu trajeto no céu.

Subi o morro, remexi com um pedaço de pau os restos carbonizados da casa de cima, dei um pontapé no jipe queimado, parei diante dos troncos negros das árvores mortas. Depois vi que ali no meio havia vida, aqui alguns talinhos verdes de capim, ali galhos verdes num arbusto. A fatalidade havia se lançado de um jeito tão selvagem sobre a floresta e a atravessado tão depressa, que não tinha conseguido aniquilar o que era muito pequeno, só as coisas grandes. Fui até o topo. Os morros à minha frente, o vale — tudo estava preto. Mas, onde a vista captava algum detalhe, voltava a encontrar pequenos sinais de verde, e o tráfego circulava na rodovia.

Então, o barco entrou na enseada, e corri morro abaixo. Não era Mark mas seu pai.

— O senhor está sozinho?

— Irene morreu.

Ele assentiu, meneando a cabeça como se tivesse aguardado aquela morte. Então, perguntou:

— Como aconteceu?

— Ela estava muito doente e muito fraca, sentia náuseas com frequência; quando o fogo chegou, eu a carreguei até o barco e fui com ela para fora da enseada. Acho que de noite Irene voltou a sentir náuseas, se debruçou na beirada para vomitar e caiu na água. Não tenho outra explicação. Eu dormi, e, na manhã seguinte, ela já não estava lá.

— O senhor devia contar isso ao xerife. Irene era uma imigrante ilegal, mas todo mundo sabia que ela estava aqui e talvez façam perguntas. — Ele olhou em volta, me encarou e sorriu: — O senhor não tem bagagem?

Retribuí o sorriso.

— Não.

— Então, vamos.

Meu carro alugado estava em Rock Harbour, e, no porta-luvas dele, meu celular. Havia dezenas de mensagens. Escutei as últimas, uma pergunta de um colega do escritório, um relato da minha faxineira que olha minha casa quando eu me ausento, um aviso do gerente da minha agência de viagens de que precisava adiar urgentemente mais uma vez minha volta para casa. Apaguei essas mensagens e todas as outras.

Falei com o xerife, que registrou a morte de Irene, meu nome e meu endereço. Ele não tinha conhecido Irene, mas ouvira falar dela e não fez nada. Achava que o tempo resolveria esse problema.

Liguei para o colega australiano com quem tinha preparado a fusão das empresas. Ele se prontificou logo a me emprestar dinheiro e indicou o escritório imobiliário de Rock Harbour para me entregar alguma quantia imediatamente. O consulado-geral alemão de Sydney prometeu preparar os documentos para mim. O gerente da minha agência de viagens já havia adiado meu retorno para dali a dois dias, mesmo sem eu pedir.

Dormi de novo no hotel perto do mar onde tinha dormido na vinda, sentei-me de novo na varanda, assistindo de novo à chegada da noite. Com a vista de um porto cheio de iates e o barulho do restaurante, não era como na enseada de Irene. Isso me entristecia e, como tive medo de chorar, fui para o meu quarto. Mas não chorei, nem dessa vez, nem nas muitas outras vezes em que as lágrimas ficaram presas na minha garganta.

Também em Sydney parei de novo no hotel onde estivera antes de partir para Rock Harbour e outra vez peguei um quarto com vista para a Ópera, a enseada e a outra ponta da faixa de terra atrás da qual ficava o mar. Meu colega australiano me convidou para jantar e cometi o erro de falar de Irene. Ele piscou para mim de um jeito cúmplice e falou da jovem secretária com quem estava tendo um caso havia algumas semanas. O cônsul alemão me cumprimentou pessoalmente, perguntou de modo amável como eu havia conseguido entrar e sair do incêndio e me entregou documentos provisórios.

Por um bom tempo fiquei pensando se devia ir à Galeria de Arte visitar o quadro. Às vezes, me perdia no sonho em que tudo começava de novo, eu ia à galeria, via a tela e pensava ter voltado ao passado, quando na verdade estava encontrando o futuro. Queria ver Irene mais uma vez. E não me importava que talvez voltasse a chorar. Mas tinha medo da tristeza que às

vezes ficava insuportável e sentia saudade da Irene velha descendo a escada, não da Irene jovem. Portanto, decidi não ir à Galeria de Arte, mas acabei indo, não encontrei a tela, e me disseram que estava a caminho de Nova York.

Não avisei a ninguém sobre a minha volta. Nenhum carro me buscou, nenhum motorista me diria o que tinha acontecido em Frankfurt, no escritório não haveria flores na minha mesa. O táxi me deixou, abri a porta e atravessei a casa como um estranho. Sim, aqueles eram os móveis que minha mulher e eu tínhamos comprado, as telas que tínhamos escolhido no amigo dono de uma galeria de Frankfurt, os três santos de madeira que tínhamos encontrado em Buenos Aires. Aquelos eram os quartos onde as crianças ainda dormiam quando vinham de visita, mas dos quais levaram tudo que lhes parecia importante. Aquele era o nosso, o meu quarto; eu tinha tirado as roupas da minha mulher dos armários, mas não modificara mais nada. Minha faxineira estendera sobre minha cama o robe, com o qual, chegando de viagem, e desfazendo as malas, depois do banho, eu costumava ler a correspondência acumulada durante minha ausência. Era muita coisa; eu logo tinha visto a mesa cheia.

Eu só iria ao escritório no dia seguinte. Hoje visitaria o cemitério e falaria com a minha mulher. Queria pedir desculpas. Ao mesmo tempo, queria me despedir e explicar por que não moraria mais na nossa casa, entre as nossas coisas. Queria falar de Irene. Ligaria para os meus filhos. Eu me prepararia para a conversa com Karchinger e o outro sócio. Para muitas das suas perguntas eu não teria respostas. Mas que diferença faria?

Nota do autor

A tela de Irene na escada pode lembrar a muitos leitores e leitoras o quadro *Ema (Akt auf einer Treppe)* [*Ema (Ato numa escada)*], de Gerhard Richter. Na verdade, há anos, um cartão-postal com a tela de Richter está sobre minha escrivaninha, alternando com outros cartões e fotos. Mas nem por isso Gerhard Richter e o pintor de Irene têm qualquer coisa em comum. Karl Schwind é um personagem ficcional.

A mulher na escada

Wikipédia do autor

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bernhard_Schlink

Goodreads do autor

https://www.goodreads.com/author/show/2894.Bernhard_Schlink

Skoob do autor

<https://www.skoob.com.br/autor/353-bernhard-schlink>

Sobre o autor

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=5303

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

BRITTAINY C. CHERRY

AUTORA DE SR. DANIELS E O AR QUE ELE RESPIRA

A FORÇA

QUE NOS ATRAI



A força que nos atrai

Cherry, Brittainy C.

9788501112989

294 páginas

[Compre agora e leia](#)

Romance da mesma autora de Sr. Daniels. Graham e Lucy não foram feitos um para o outro, mas é impossível resistir à atração que os une. Graham é um escritor atormentado, com o coração fechado para o mundo. Casado com Jane, em um relacionamento sem amor, ele vê sua vida virar de cabeça para baixo quando Talon, sua filha, nasce prematura e corre risco de morte. Abandonado pela esposa, ele agora precisa abrir seu frio coração para o desafio de ser pai solteiro. A única pessoa que se oferece para ajudá-lo é Lucy, a irmã quase desconhecida de Jane.

Apaixonada pela vida, falante e intensa, ela é o completo oposto de Graham. Os cuidados com a bebê acabam aproximando os dois, e Lucy aos poucos consegue derreter o gelo no coração de Graham. Juntos, eles descobrirão o amor, mas os fantasmas do passado podem pôr tudo a perder.

[Compre agora e leia](#)



MARIE-JOËLLE GUILLAUME

SÃO VICENTE DE PAULO

uma biografia



São Vicente de Paulo

Guillaume, Marie-Joëlle

9788501016720

518 páginas

[Compre agora e leia](#)

A obra que detalha a vida de São Vicente de Paulo. Nesta biografia, Marie-Joëlle Guillaume reconstrói a vida do camponês que se tornou santo, mostrando como Vicente de Paulo gradativamente se afirmou como uma consciência de seu tempo. Da parceria com Louise de Marillac, que despertou o compromisso e a generosidade das mulheres da alta sociedade, ao chamado que recebeu da rainha Ana da Áustria para combater o jansenismo, passando pelos horrores da Guerra dos Trinta Anos e as missões evangelizantes estrangeiras, esta é não apenas a biografia de um homem santo, mas também um relato da história do século XVII.

[Compre agora e leia](#)

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL

L.J. SMITH

DIÁRIOS do VAMPIRO

CACADORES - VOL. 1

Espectro

Livro que deu origem à série
de TV *Vampire Diaries*



Espectro - Diários do vampiro: Caçadores - vol. 1

J. Smith, L.

9788501100320

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um novo ciclo se inicia em Diários do Vampiro. Em Espectro, primeiro volume da nova saga, Caçadores, que dá seqüência à trilogia O Retorno, Elena Gilbert e seus amigos salvaram Fell's Church dos espíritos malignos determinados a destruí-la. Mas a liberdade da cidade teve um preço: a vida de Damon Salvatore. A morte de Damon muda tudo. Ele e seu irmão, Stefan, disputam o coração de Elena em uma batalha cruel e sanguinolenta – por amor, os três já foram ao inferno e voltaram, literalmente. Agora que Damon se foi, Elena e Stefan podem finalmente ficar juntos. Mas é isso que ela quer? Então por que não para de sonhar com Damon? Tudo que Elena deseja é uma vida normal, mas ela deveria ser a primeira a saber que Fell's Church nunca poderá ser a mesma. Um novo mal ferve na cidade; algo ou alguém que parece escolher cuidadosamente suas vítimas está à espreita e desperta as piores emoções de cada um. Elena conhece a escuridão, mas dessa vez o horror não se parece com nada que ela já tenha vivido. E agora ela só tem um irmão Salvatore para protegê-la. L.J. Smith escreveu diversos livros para jovens, entre eles as séries Diários do Vampiro, Círculo Secreto e Mundo das Sombras. Ela é mais feliz quando está em frente da sua lareira em uma cabana em Point Reyes, na Califórnia, ou andando pelas praias da região.

[Compre agora e leia](#)

BASEADO NA SÉRIE CRIADA POR
RYAN MURPHY, BRAD FALCHUK E IAN BRENNAN
SOPHIA LOWELL



Glee

Lowell, Sophia

9788501096869

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Glee: O início, Sophia Lowell mostra, ainda, que há muito mais por trás do sucesso de Glee do que novos arranjos para hits musicais de ontem e hoje. O ponto forte é, também, seus diálogos. Baseado nos roteiros criados por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Ian Brennan, é um livro afinado — sem trocadilhos — com um dos mais aclamados shows da atualidade. Glee foi indicada para 19 prêmios Emmy e 11 Golden Globes. E nesta nova temporada, os produtores passaram a utilizar músicas originais e a convidar astros consagrados para os números. Uma maneira singular de matar as saudades do show, Glee: O início pode ser, ainda, o mapa para guiar novos iniciados no culto mais popular do momento. Para os poucos que ainda não se renderam... Numa linguagem ágil e leve, com um certo ar de roteiro de cinema, o livro traz situações que se encaixam perfeitamente com o que já foi mostrado na televisão. Um trabalho de adaptação primoroso, para ler e ouvir.

[Compre agora e leia](#)



um defeito de cor

Ana Maria Gonçalves



Um defeito de cor

Gonçalves, Ana Maria

9788501110909

952 páginas

[Compre agora e leia](#)

Grande obra da literatura brasileira contemporânea, muito importante para a compreensão de questões sociais. Fascinante história de uma africana idosa, cega e à beira da morte, que viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há décadas. Ao longo da travessia, ela vai contando sua vida, marcada por mortes, estupros, violência e escravidão. Inserido em um contexto histórico importante na formação do povo brasileiro e narrado de uma maneira original e pungente, na qual os fatos históricos estão imersos no cotidiano e na vida dos personagens, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves, é um belo romance histórico, de leitura voraz, que prende a atenção do leitor da primeira à última página.

[Compre agora e leia](#)